This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Anthero de Figueiredo

UC-NRLF
$B 159 641

Recordações e viagens

Ferreira & Oliveira L.da Editores
Lisboa

IN MEMORIAM
Joaquim Borges de Menezes

SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII

EX LIBRIS

RECORDAÇÕES E VIAGENS

DO MESMO AUCTOR

TRISTIA	I VOL.
ALÉM	I VOL.
PARTINDO DA TERRA	I VOL.
PALAVRAS DE AGNELO	I VOL.
A ESTRADA NOVA (Peça em 3 actos)	I VOL.

Anthero de Figueiredo

Recordações e viagens

LISBOA
Ferreira & Oliveira, L.da — Editores
Rua do Ouro, 132 a 138

MCMV

GIFT
Nicaragua Plate

TIRAGEM ESPECIAL

8 exemplares, numerados, em papel Whatman.

FÓRA DO MERCADO.

PQ9261
F517R4
1905

Gôsto de recordar

Isto não é escrito da velhice: meus cabellos brancos não são ainda tantos que se vejam nos pretos; mas se é gôsto de velhos o recordar, velho tenho sido sempre, porque sempre senti subtil prazer em me pôr a lembrar de coisas que fiz, de logares por onde andei, de pessoas com quem vivi. Velhice! Não me tocou ainda essa sabedoria que deve ser uma limpida serenidade, um discreto rir das nossas ancias açodadas e vãs! Não me tocou ainda esse saber tardio...

Os velhos olham para o que viveram, porque a sua vida está no passado; e não engraçam com o futuro, pois já não teem illusões com que o encher. Isto que escrevo não terá da velhice senão aquelle commedimento a que che-

M743752

gam pupilas que se gastaram em surprêsas; e mais terá della a natural tristêza que anda pegada a tudo o que é recordar...

Se na ancia do desejo houve prazer, maior o ha em recordar a realidade que elle teve: melhor que o beijo dado é o beijo desejado; mas recordar o beijo que se deu é ventura branda e gostosa. Das três phases: desejo, realização, recordação, esta é a unica que se demora em nós; e, por ser vaga, causa deleite. O tempo come o brilho aos metaes e a viveza á realidade. A recordação, feita das tintas imprecisas da melancolia, da ternura, da saudade, coalha na alma. Ella tem o moderado das côres gastas do sol, e da obra de arte o vago das emoções indefinidas... Recordar é uma forma de gratidão.

Estas paginas — estreita coisa — são de jornadas na minha terra e longe della; e era meu intento separar umas das outras, mas logo vi serem materia muito ligada, pois o meu Portugal não podia deixar de entrar nas entrelinhas de todas. Português, viajei sempre com o meu cuidado e o bem-querer ao meu canto. «Sur place», como dizem os francêses, não tomei notas. Esperei; e quando parte dessas jornadas se apagaram, ou melhor, se distanciaram..., pus-me a analysar o rastro que fi-

cou em mim, e, amando-as muito pelo prestigio que encontro no que foi e já não tenho, viajei de novo, deliciadamente...

As saudades da mocidade e das viagens são nostalgias semelhantes. Uma e outras se vêem melhor, tanto que nos dobramos a olhar para trás... Na mocidade, a vida foge tão descuidada, que recordá-la é interpretá-la; e nas viagens as sensações são tanto de afogadilho que só o tempo é capaz de as fazer assentar e comprehender. O tempo ensina: os enganos doem-nos excruciadamente quando passamos por elles, mas um dia recordamo-los com olhos agradecidos ao seu proveito; e é tão discreto o tempo, que até asseia de fina melancolia o que foi alegria estouvada!

*
* *

Estes dias de tempestade com o vendaval sacudindo a casa, os aguaceiros chibatando as vidraças; esta praia quieta entre as quietas, cá muito longe das cidades, e agora no inverno com as casas fechadas e as ruas sem viva alma; o mar rebentando o seu orgulho contra os rochedos da costa; e lá em baixo o comboio aos

gritos e a correr como um doido para as dôres da vida — contrastam no socego dêste gabinete antigo, sombrio de conforto e cheio de lembranças das minhas jornadas pelo mundo. Olhando-as, a recordação transpõe de novo as fronteiras dêsses países, calca pedras conhecidas, e vai direita a logares onde se me afigura que vive, e viverá sempre, o que de mim ahi ficou! Depois, corto ruas cheias de gente, e entro em igrejas, palacios e museus onde rezei á bellêza das linhas, das fórmas, das côres, e de quem sempre me apartei com adeuses repetidos, indo e voltando, os pés pegados ao chão, a bôca acovardada para pronunciar o que me ensombrava o sentimento: «despeço-me de vós para sempre!»

Lindos pedaços de terra, de mar e de céu, que a gente vê dos postigos dos vagões, da amurada dos paquetes, da imperial das malas-postas, revêem-se, e na mesma luz em que então as vimos. Tal curva de rio, tal gume de monte, tal senda alpestre com o chão marcado do sol ardendo por entre as ramas da floresta!; a graça com que apanhava a saia certa francesita loira subindo para o tejadilho de um omnibus; ou como era cerrada a catadura daquelle homenzarrão, ruivo, dando a mão ás senhoras, nas escadas do portaló de tal paquete; aquellas mu-

lheres de coifa catalã, e os grupos de seminaristas abatinados; militares alemães e frades romanos; o ocioso da «Carrera de San Jeronimo», e os eslazeirados da «Galleria Umberto»; a mancha triste dos mineiros dos Pyrenéus, que trabalham do pôr do sol ao nascer do sol, e vão, curvados, com a sacola e a candeia ao hombro, para a amarga tarefa nocturna; praças, ruas, mil aspectos, mil typos, mil expressões, voltam a passar deante de mim com aquelle rir, ou aquella dôr que lhes vi!

Mas, coisa estranha!, só vejo e nada oiço! A multidão que enche as ruas do «East-End» vai calada, e eu ouvi-a marulhar como o mar; a helice daquelle escaler bate no lago, porque a agua espuma, mas não a oiço bater! Tambem não oiço falar quem me falou, embora esteja vendo o mesmo agrado nessas bôcas que conversavam commigo, nas poltronas dos jardins de inverno, nos cantos dos vagões, nas toldas dos paquetes, em tardes macias...,

Onde estão?

E já me lembro de outros olhos, de outros sorrisos, da graça de outros gestos!

....

Comboios partem das gares fumarentas e agitadas; paquetes, dolorosamente lentos, largam do porto; e do caes, em que fico!..., vejo-os to-

mar o rumo do mar alto, com o sol poente lustrando-lhes a ilharga; malas-postas dobram a ultima curva da estrada, ao cair do dia... Despedidas, adeuses, lenços brancos a acenar...

— Quando nos tornaremos a ver?

— Nunca mais!

*
* *

Ainda serão feitas de silencio as ruas de Pisa? As aguas de Sorrento e de Castellammare continuam ardendo em mil côres? Sobre os penhascos condemnados da Serra do Canigou não terá descido dos céus a palavra do perdão? Aquelle velho cesteiro de Casteil, que me contou como aos vinte annos se bateu em Sebastopol gritando «Patrie» e «Rosalie» — os seus amôres — será vivo? Andarão ainda de luto os olhos daquella rapariga napolitana, chale no fio, mãos sujitas, rir de Perugino, que me vinha vender flôres á mesa do almoço, no Gambrinus? E essa creatura, de bellêza estranha, que no Casino de Monte-Carlo mordia luizes de oiro, com a sensualidade de andaluza mordendo cravos? E as vinhas do Rossilhão — campos de môsto e de latão brunido? E as cas-

catas do Tessino — tão desgraçadas! E as hortas da chã Lombardia? Já se teria vendido aquella quinta minhota de Soitêlo, doce, entre pinheiraes bravios? O jardim mistico de Assis continuará a dar rosas sem espinhos? E os pombos de S. Marcos, que vêem comer á mão? E os frescos do Vaticano? E as lindas colinas de Lisboa? Haverá ainda, ao poente, incendios de sol nos fraguedos bascos de Biarritz? E aquella dona, minha companheira de vagão através da Campania, que me levou os olhos quando, em pleno entresonho, a vi descer do trem, atravessar a gare e sumir-se para sempre entre laranjaes?...

Outras e outras mil recordações emmaranham-se numa meada de curvas deliciosas e saudosas que me põem tonto! E assim a minha alma vai, nesta noite de tempestade, sózinha por estrangeiras terras, como velha ama que visita já senhora a menina que amamentou, bater a portas onde mora quem já se não lembra dos sorrisos dados, em certa tarde, numa certa viagem!...

— Que é feito, que é feito dessa gente?

Ninguem respondeu. No meu gabinete, móveis e livros dormiam a somno solto; mas o candieiro de azeite, que me alumia ha annos e lê minhas confidencias, amigo velho e compa-

nheiro sempre alerta, olhou-me bem de frente e pôs-se a crepitar umas risadinhas de ironia, que logo me fizeram cair em mim!

. . . . . .

Como é sabio o gôsto de recordar!

Na «City»

Uma tarde em Londres tomei-me derepente de saudades do meu Portugal, da minha terra, dos meus; e os olhos encheram-se-me de agua. Era em vesperas de Natal. Havia dias que eu vinha chocando em mim esta nostalgia, porque os males da alma tambem teem seus microbios incubos que nos dão o quebranto da melancolia — precursora, ás vezes, de maiores pesares... Nessa manhã, depois do almoço, ao ler na carteira as coisas marcadas para visitar, subiu em mim um fastio triste, que me quebrou a vontade de ver fosse o que fosse.

Na sala havia um fogão e um canto confortavel: ahi ficaria horas esquecidas — o dia inteiro — se me não lembrasse de um negocio urgente para os lados do «East-End.» Saí, e dahi

a pouco estava em plena «City», no atordoamento de milhares de vozes resoando no ensombrado das ruas londrinas, de casas de carvão de pedra, em que um céu sujo estrangula e esmaga como pesadêlo.

*
* *

Ver muita gente junta enerva. A multidão só é interessante quando vai abalada por um sentimento nobre: impelle-nos um vento de audacia, vendo-a marchar para a guerra em defesa da patria, ou a um perigo, a salvar vidas!

Num «boulevard» não ha nada disso. Os motivos de todo o alarido, movimento e ancia de pessoas que vão e veem, acotovelando-se, pisando-se, são mesquinhos afazêres de toda a hora, necessidades miudas da vida — o dia-a-dia, emfim, atrás do ganho e do prazer. Nesse borborinho de interesses banaes, as faces são tambem banaes, paradas — physionomias vistas. Se derepente estalar um foguete, todos levantarão os olhos para o ar, numa mesma expressão de surprêsa, e as bôcas formarão o mesmo oh!, como as bochechas o mesmo ah!, se de um segundo andar um esturdio qualquer

soltar uma pilheria sacudida, hilariante! E' ver os theatros, onde durante mêses se representa a mesma peça: todas as noites, a horas certas, plateias differentes, ante as situações tristes ou alegres da peça, teem as mesmas lagrimas, ou as mesmas epilepsias de riso.

Num «boulevard», passada a primeira manga de centenas de pessoas, passada a segunda, todas as mais repetem o aspecto da primeira, como se fosse a mesma gente que voltasse a passar por aquelle sitio — como no palco a passagem de regimentos feitos dos mesmos soldados que dão volta pelo fundo. E o que é hoje foi hontem e será amanhã e daqui a um anno, a dois, a três — sempre; porisso, quem torna a visitar uma grande cidade, depois de annos de ausencia, parece-lhe ver a mesma gente que já vira da outra vez, ha muito, os mesmos homens e as mesmas mulheres, os mesmos rapazes e os mesmos velhos!

A alma da multidão tem tambem permanente physionomia: uma vez em seu caminho, segue, isolada, mascando seus negocios, absorventemente egoista, impenetravel, esquecida de tudo que não seja o interesse em que medita. Nesta feira, vão todos tão proximos que sentem o calor da pelle e respiram os halitos uns dos outros; mas nem se conhecem, nem se falam, nem

se estimam! Pelo contrario: são cegos e surdos á dôr alheia, num egoismo brutal que acotovela e calca quem desfalece na marcha. Esta gente dá-me a impressão de ir vestida de armadura de ferro, com pontas de aço na testa, nas faces, no gume do peito, nos cotovêlos afastados, nas ilhargas, nas rotulas, nos bicos dos pés, para arredar os outros, para rasgar caminho! A multidão das grandes cidades mostra de perto o que é a luta pela vida entre civilizados. O «boulevard» envenena. Uma alma immaculada perverter-se-á, ao atravessá-lo, porque, se as almas irradiam, como supponho, no contagio ella respirará, durante horas, a peçonha dessa irradiação: egoismo e mentira!

* * *

Senti-me absolutamente abandonado em tal deserto de indifferença! Foi então que a minha terra e o meu lar me appareceram em sua plena ingenuidade e franquêza. Quem me dera poder respirar o ar dêsses campos, ver-me entre essas arvores, subir os degraus dessa escada! Quem me dera com elles!...

. . . . . .

E aquella minha pequena casa — dos meus — num canto desconhecido da Beira, logo me veio occupar o pensamento com doçura, recordando-a eu nas mais pequenas coisas, não havendo pormenor que não viesse vestido de commoção. A ultima vez que estivera ahi, fôra precisamente um natal — havia annos; mas se lá entrasse naquelle momento, tinha a certêza de ir encontrar tudo tal qual o deixara; porque em casa de gente velha os objectos habituam-se ao canto que lhes deram, e no rodar de seus dias sempre eguaes, feitos da paz que das almas vem para as coisas, ahi envelhecem devagarinho, com a consciencia satisfeita de bem haverem servido seus amos nos trabalhos da vida. A dobadoira, o crivo, a masseira do pão, o engaço que juntou a azeitona, o gigo de arrecadar as uvas, a trave do lagar, o arado e a róça são amigos da casa, que tambem é sua amiga, porque com elles sempre se tem achado, e porisso — sabem-n'o bem! — emquanto ella viver, serão estimados, por mais que o caruncho da velhice entre por elles.

E como todos me conheciam! Uma velha escova de fato, com falhas nas sedas, logo que eu entrava no meu quarto de estudante, punha-se, de cima da commoda, a rir para mim, um rir molhado de lagrimas — coisa assim

como o contentamento da velha Gertrudes, que me vinha esperar no alto da escada, muito prasenteira, fazendo festas ao seu avental de riscado; mas mal abria a bôca para dizer o seu «cá o temos, cá o temos»!, as lagrimas embrulhavam-se-lhe com as palavras, e a bôa velhota abraçava-me a tremer e a soluçar, um nó na garganta, a voz entaramelada, mal podendo dizer o seu «cá o temos, cá o temos»!, tão querido aos meus ouvidos! Esta mulher tinha um genio de polvora, mas choramingava quando as galinhas tinham gôgo; e nas noites frias de Janeiro levantava-se da cama para ir pôr uma serapilheira no ninho do «Farrusco» que dormia quasi ao relento, de guarda ao galinheiro nos baixos do varandão!

Um cabide de pé, alto, redondo, coberto de chita aos quadradinhos, que tinha em cima prateleiras para chapéus, em baixo logar para as botas, e, em cruz, varios lanceiros para andainas de fatos; que já havia carregado com a sobrecasaca de róda, as calças de alçapão e as botas de cano de meu avô, dizia-me, lá do seu canto, gravemente:

— Então fez bem a sua viagem, Snr. Dr.?

Eu dizia-lhe que sim, e ficava-me por alli, se não a cavaqueira, uma vez pegada, metia pela noite dentro, com historias do «seu tempo»: as

malas-postas, os chales-manta, as viagens a cavallo, por serras, dormindo, tresnoitados, em estalagens, abalando de madrugada com os almocreves que faziam estafêtas por atalhos e caminhos velhos. Ao tempo, havia precisão destas companhias e da dos coldres bem apetrechados, porque as estradas andavam infestadas de maltas de salteadores que até á benta luz do dia saiam aos viajantes; e logo vinha á balha o João Brandão com as suas barbas negras, a sua malvadêz, e tambem a sua generosidade: um mãos-rotas, e amigo do seu amigo — até alli!

De todos vinha um sorriso, um gesto de boas vindas, uma palavra amiga! De todos!

O loiceiro, com os seus ares importantes de guarda-mór das chicaras doiradas, das travessas da India e dos vidros finos dos dias de festa; o canapé da sala, que com as duas poltronas fazia uma sociedade uma pontinha grave; o pequeno tamborete — seu moço de recados — sempre, como uma cadellinha, a fervilhar por debaixo dos pés das senhoras; o relogio do corredor, fradesco, pachorrento, comilão por atacado aos sábbados; todos, todos vinham dizer-me, como sabiam e podiam, o prazer de me verem entre elles, sempre os mesmos, sempre amigos.

Mas os que me faziam verdadeira pena eram os bahús de coiro, que estavam no corredor. Velhinhos, esbeiçados, pelados, com a pregaria azebrada, ringindo como cestos velhos, vinham juntos, arrimados uns aos outros, dar-me as boas-chegadas:

— O nosso menino, o nosso menino!

Começavam um gemer baixo, afflictivo, feito de recordações e de tristezas!

— E quando o menino andava ás nossas cavaleiras?! — E, aos ais, soluçavam pela mocidade ida!

— Já somos serventuarios desta casa ha muitos annos! Ha muitos!... Foi um sábbado de Nossa Senhora de Março que pela primeira vez aqui entrámos, carregadinhos com o enxoval. Eramos rapazes!... E que bem parecia a Senhora sua mãezinha — tão linda! — em cima da egua baia!

E nas suas esmaëcidas pupilas luzia, fugidiamente, a aresta de um riso da mocidade evocada, e isso enganava-os um momento...

Queridos velhos!, como vós, quantas vezes lanço ao ar a poeira das saudades para que um raio de sol doire e dê illusões de vida ao que já passou e é morto!

.....

*
* *

Por entre esta boa gente, acurvilhada pelos trabalhos, andava aquella grande figura de bondade (como já não ha!) toda cuidados para que nada faltasse ao filho vindo de longe. Que bem me fazia tanta sinceridade — eu vindo dos artificios das cidades cultas, onde as almas depravadas sabem ter maneiras finas. Que bem me fazia sentir-me bemquisto! Os males que trazia em mim, tocados por tanta bondade, curavam-se derepente; e, ao meter-me entre os lençoes de linho, com tantos nós quantas as cabeçadas que a Gertrudes dera á lareira, frescos, cheirando a estar guardados, vinham-me á bôca palavras esquecidas que em pequeno rezava; e o perfume dessas orações, e o lembrar-me de quem m'as ensinara, e o ar abençoado da nossa casa faziam-me adormecer bem commigo e bem com os outros, como em nenhuma outra parte me acontecia!

* * *

Foi assim, entalado entre desconhecidos, tendo deante dos olhos esse canto do meu Portugal pequenino e solheiro, que fui pisando a terra estrangeira da «City», nessa nostalgica véspera de Natal...

Três cemiterios italianos

(Palermo, Pisa e Genova)

Os cemiterios estrangeiros vêem-se sem nos doêr. São logares que se visitam como qualquer outra curiosidade: museus, palacios ou ruinas! Nas nossas terras, onde todos nos conhecemos, vivos e mortos, taes visitas são sempre tristes: voltamos de lá — dessa terra que nos espera — com tanto medo á morte como á vida!...

Na Italia os cemiterios, no meio de relvados, de flôres, de estatuas, de bellos monumentos: fóra das cidades, em campos cheios de sol e debaixo de um céu sempre azul: — são alegres, perfumados, e dá gôsto andar por elles como em jardim. Mas esse, nos subterraneos do con-

vento dos capuchinhos, em Palermo, é pavoroso! Maupassant, viajando na Sicilia, foi vê-lo, poucos annos antes de morrer; e nenhum daquelles seus nevrosados contos, já ás portas da loucura, nem nenhum dos de Poë ou de Villiers de L'Isle-Adam, produzem o calefrio de terror que nos causa esse cemiterio, cuja terra tem a tragica sofreguidão de devorar em alguns mêses a carne que lhe põem! Tudo desaparece! Então, a familia do morto manda desenterrar o esqueleto, lava-o, articula-lhe os ossos ainda pendurados por ligamentos resequidos, veste-lhe o ultimo fato que em vivo usou, ou um simples habito de frade, e dependura-o na parede da galeria, ao lado de outros, e assim o visita pelo anno adeante! Medonho!

Ha viuvos que vestem o esqueleto das mulheres com os trajes brancos do noivado, pondo essas sedas e essas flores de frescura immaculada em cima de craneos esverdinhados pelas chagas da podridão! Ha mães que vestem os filhos com as roupinhas que elles tinham quando lhes morreram; e nos ossos das mãozitas poem-lhes os brinquedos com que elles mais gostavam de brincar!...

Não ha pesadêlo de nevropatha comparavel ao horror que se sente vendo as physionomias dessas centenas de caveiras, umas torcendo-se

em risos infinitos, outras ladrando pragas infernaes; mas todas interrogando-nos violentamente com as covas negras dos seus olhos profundos!

Foge-se apavorado!

*
* *

O cemiterio de Pisa produz impressão bem diversa. Chama-se ainda «Campo-Santo», mas ha seculos que se não sepulta ahi ninguem; e as ultimas trasladações fizeram-se ha muito. Hoje, na terra desse claustro — terra santa que um bispo medieval mandou vir do Monte Calvario — cresce erva em paz e canta a roldana de um poço humilde tocado de sol. Aos lados, a toda a roda, sob arcadas de paredes cobertas de frescos desbotados, ha a luz e o silencio das naves gothicas...

Mas quão differente não seria ha cinco ou seis seculos, quando era verdadeiramente um Campo-Santo! Então, á tristeza do logar e da época, juntava-se o pavoroso sentido dessas tragicas pinturas muraes, expressamente ahi postas para mais entenebrecer as almas embiocadas num christianismo taciturno, e con-

frangidas sob as servidões e preconceitos da Meia-Idade. Era terrificante a lição dos paineis! Se nas igrejas o povo estrebuchava ouvindo as descripções do inferno, feitas com apavorados exageros, o que não sentiria vendo essas pinturas, onde o castigo eterno era mostrado em paroximos de imaginação!

Todos os peccados e castigos ahi figuravam. O diabo — esse victorioso diabo medieval — por toda a parte espiona oportunidade de illaquear as almas, na cella ou na thebaida. O nojo que ellas lhe tinham levava-as a pintá-lo em fantasiosas fórmas de animaes immundos; mas via-se que a mão do artista tremia ao desrespeitar tão alto poderio!... Por outro lado, nessas scenas de julgamentos finaes, o juiz supremo, tonante como Jupiter, não era representado com menos paixão em sua colera divina: o gesto com que expulsava os reprobos aterrava tanto como o rir do diabo precipitando os condemnados na dôr infinita! Entre estes dois temores vivia o espirito fragil dos crentes. Os padres clamavam estas tremendas ideias, e os pintores giotescos mostravam-nas alli naquelle logar já de si tão triste — tão apavorado do sentimento religioso nascido da ideia da morte!

O artista toscano desse tempo, sombrio e

imaginoso, pintava os pesadêlos que atormentavam sua ancia de salvação. Outros eram inspirados por padres que se serviam do pincel do artista, como hoje se serviriam da penna de escritôr submisso: muitos frescos são dissertações pintadas — panfletos da época. Eram pinturas de ideias, como um seculo depois, na Alemanha do sul, o foram os profundos desenhos de Dürer. Oh! quanto deveram ter sido amarfanhadas, nessa oppressão de toda a hora, as almas incertas das mulheres de Pisa! E como seria mortificado de escrupulos o voltar para casa, em seguida a uma visita a seus mortos!

Um painel chama-se «Triumpho da Morte» e é lição a ricos e orgulhosos. O fresco representa um grupo de fidalgos vindos da caça, seguidos de creadagem, em larga ostentação e pompa, como era de usança entre ricos-homens! Já se avista o Castello com seus torreões ameados, suas barbacans, suas pontes levadiças; mas quando a cavalgada vinha na mais rasgada alegria, todos estacam, estarrecidos, deante de um espectaculo repelente: três caixões de defuntos atravessam-se no caminho e, abrindo as tampas de par em par, mostram três horrendos cadaveres fedendo a podridão!

. . . . . .

Podridão em que é preciso cogitar a toda a hora, e a todo o momento ter deante dos olhos, porque a alegria leva ao descuido e o descuido á perda da alma!

Sombrios tempos!

*
* *

O cemiterio de Genova, como o de Milão, é uma galeria em marmore de grupos de familias dos mortos. O italiano de hoje tem a vaidade de ter a sua escultura num tumulo, como o alemão do tempo de Memling e de Holbein tinha a de ter o seu retrato num triptyco; mas ia melhor com a piedade esse retrato humilde e de mãos postas, do que vai com o pudor das dôres intimas o mostrar cada um em publico as lagrimas que chora por seus mortos!

Este assumpto — este luto — é tratado no cemiterio de Genova de mil maneiras differentes; e se ha formas originaes, notaveis como pensamento e como arte, outras ha — o maior numero—vulgares, tresandando á endinheirada encommenda burguêsa que impôs o seu mau gôsto ao escultor, como, por exemplo, isso de reproduzir a scena dos ultimos momentos de um moribundo — o quarto da cama, a familia

e os creados com lagrimas nos olhos — tudo em tamanho natural e em bello marmore de Carrara, não faltando o pormenor do córte das unhas e do fio da fazenda!

Varios são assim; mas ha um tumulo que impressiona vivamente: junto de um caixão, um austero frade capuchinho — velho de longas barbas e testa vincada — em pé, absorvido num livro de orações. E' tudo; mas com que respeito nos aproximamos desse tumulo e nos pomos a falar baixo para não perturbar a reza do santo que advoga no Infinito a causa daquella alma!...

Outro, e este todo delicadêza: de um sarcóphago pende um medalhão com o busto, tamanho natural, de homem ainda novo. Junto, uma linda figura de mulher com uma creança ao colo — viuva e orfão — que veio visitar o seu morto; e emquanto, chorosa, alivia a sua dôr na dôr de pensar nelle..., a creancinha, sorrindo, faz festas, com os deditos, na face do busto em que reconheceu o pai!

Se a saudade pelos mortos fosse em todos os tumulos tratada com tão commovido poder de arte como é nesse, seria bem impressionante andar pelo meio delles! Mas não é; e ainda bem, para que a nossa saudade se não rasgue na saudade dos outros!...

Uma casa minhota

Meu caro:

Ficaste surprehendido com a estampilha estrangeira da minha carta, e mais ainda com a minha resolução; no entanto, se me conhecesses de perto, se tivesses acompanhado a minha vida, achá-la-ias perfeitamente logica. «Vires viver para o campo, tu?!» — escreves em letra gorda, inchada do teu espanto! Esse «tu», final e exclamativo, está a dizer que me vês ainda em Coimbra, alegre e descuidoso como todos os rapazes, esquecendo-te de que são passados perto de vinte annos, de que isso foi ha muito!... Vocês, na provincia, não dão conta do tempo, entretidos como andam nessas rixas de

campanario, em que põem aquelle escancarado enthusiasmo que em Coimbra punham numa eleição da Philanthropica — nessas assembleias troantes de grossas phrases, de gestos violentos, de murraças selvagens! Ora tu e outros como tu continuam ahi a mesma vida de estudante, que faziam em Coimbra; e como o viver na esturdia corre veloz, vinte annos que vos passem por cima não são nada. Eu tenho-me encontrado em Lisboa com contemporaneos, que não via desde Coimbra; e em cinco minutos de conversa reconheço as mesmas pessoas que deixei ha pouco, alli ao Arco do Almedina, a questionar e a descompôr-se, chamando genio ao Comte e burro ao Kant, ha pouco... ha quinze annos!

Só ha uma differença: vocês, por fóra, avelhentam-se muito mais que nós! Parece paradoxo, mas é verdade. Aos do Minho, é com certeza da sólheira das feiras, do verdasco, e das chorudas comesainas de carne de porco, que fazem crear cachaço para furunculos e essa espapaçada barriga em refêgos, que vos impede de chegar á borda da mesa em que comeis. Depois, vosso cerebro anda tanto de poisio, que o toicinho flacido, em que degenera, abafa qualquer relampago de movimento que, por accidente, sacuda cellulas profundas e abandona-

das; e aqui está porque tendes o olhar molle e a alma preguiçosa. Muitos conheço que, annos depois de sairem de Coimbra, entram na beatitude terrestre, emancipando-se do collarinho engomado, da impertinencia da barba ás quartas e sabbados e das botas engraxadas! Camisa molle, sapatos de bezêrro, chapéu desabado, um varredor de lódam para o que der e vier, barba como Deus a manda, e toca a deixar barriga, porque a saude e a felicidade estão nisso, e no filé de mostrar ao Hintze que, quando se metem de cabeça em qualquer arranjinho, os progressistas não levam dez votos á urna! Alguns, os cultos, vão até a leitura do «Primeiro de Janeiro» — sebenta quotidiana, instructiva do que se passa nos mundos da politica, da sciencia e da arte; com essa leitura, sentem-se a par de tudo, e desobrigados, perante a civilização, de andar em dia com os problemas de ideias em que cogitam os povos! Mas não sei o que fazem, que se enchem de cabellos brancos e de rugas duras na testa, nos cantos dos olhos, e de um e de outro lado da face. Nós temos, é verdade, a pallidêz das cidades; mas isso não tira o apparentarmos menos dez annos que vocês, por fóra, é claro, porque por dentro, repito, sois sempre rapazes, sempre estudantes de Coimbra, emquanto nós outros sentimos,

dobrados os quarenta, o peor symptoma da velhice precoce: o fastio dos prazeres. A' hora em que os nossos enthusiasmos são commedidos, a vossa sensibilidade é ainda fresca e enfeitada!

Sei quanto difficilmente entenderás isto, tu, para quem vir a Lisboa é um céu aberto! E menos me entenderias, se te dissesse que Paris, Londres, Viena e Berlim não prestam; se te affirmasse que as grandes cidades não são para viver, mas para visitar...

Como pretendo os teus bons officios no negocio de que vou incumbir-te, ponho ponto neste prologo uma pontinha malcreado, e vou expôr-te, por miúdo, o que desejo. Não te admires, porém, se me vires passar a correr por cima dos carros de pão e das pipas de vinho que rende a quinta (trata-se de uma compra) para te falar deliciadamente da sombra das arvores, das fontes, das tardes e manhãs no campo. Não faças caso... e deixa-me devanear, porque a felicidade está mais no entresonhá-la que no realizá-la; ou como dizem para os teus sitios: — «o melhor da romaria é o ir para ella!...»

*
* *

Teu tio padre tem ha três annos fechada uma casa num sitio ahi para os lados de Soitêlo. Esteve para a vender, mas por birra com um parente qualquer que, parece, tinha sobre ella directo senhorio, prefere, a vendê-la, a alugá-la, a emprestá-la, que o caruncho a corrôa. Não sei, nem me importa saber, que questões foram essas; o que sei é que a compraria, se teu tio m'a desse pelo preço por que esteve para a vender, ha annos. Quando digo casa, digo tambem o pedaço de terreno que tem á volta: esses campos de pão, a horta, a meia duzia de arvores de fructa e aquellas lindas carvalheiras, no alto. Estás admirado como sei tudo isto, e porque cargas de agua fui parar a essa casa, na qual, talvêz, nunca reparaste.

Eu te conto: uma tarde, em Setembro de ha três annos, vindo de Caldellas, parei na ponte chamada do Bico, sobre o Cávado. O rio ia quasi sêcco e no areal havia asenhas cobertas de colmo, polvilhado de farinha que parecia geada. Não resisti e fui lá abaixo, até o areal.

Fazia uma tarde de serenidade deliciosa. As rodas dos moinhos, batendo na agua, o rio fiando por meio da areia, as margens cheias de verdura — essa verdura leve de todo o Minho — o parapeito e os arcos da ponte recortados no ar amarelo e macio, davam um tal bem-estar, que me estirei na areia, regalado e esquecido! Dahi a bocado, o cocheiro veio ter commigo:

— Pelos modos, gosta disto? Se o senhor se não importasse de chegar a Braga mais tarde, iamos daqui por... (não me lembro do nome) e então veria o que era uma vista!...

Levantei-me, meti-me no carro, e lá fomos pela estrada fóra, entre arvores carregadas de cachos, até que parámos a uma cancellinha vermelha.

— Agora, o senhor vai por esse carreiro, sempre pela beirada do campo, e lá no alto topa a casa. Depois me dirá se valeu a pena...

Se valeu! Estive horas nesse formoso sitio, de que nunca me esqueci. Na volta, pelo caminho, o cocheiro disse-me que a casa estava para vender, o preço, e quem era o dono. Lembrei-me então de ti; mas semanas depois deixava Portugal num destes meus passeios de cá de fóra, que, sobretudo, me teem servido para melhor amar a minha terra, sofrendo de a desejar...

*
* *

E' desta casa que te venho falar. E não te pareça esquisito descrever-te o que tu conheces como os teus dedos; mas nem sempre se vê bem o que temos perto, e coisas ha que a proximidade deprecia. Todos temos tendencia a achar bonito o que é differente daquillo que nos anda debaixo dos olhos. Uma rapariga da Areosa—saia encarnada, chinelas de verniz pespontadas a retrós verde e branco, algibeira de veludo e lentejoilas, lenço amarelo de franjas, arrecadas de filigrina e cordões de oiro—considerar-se-ia incomparavelmente mais asseada se se mostrasse numa romaria vestida «á senhora», com jaqué de cinta e chapéu de plumas!

Para tudo o mais é a mesma coisa. Não são só as mulheres do povo que trocam os fatos domingueiros pelos da cidade; que se esquecem das trovas da sua aldeia para meter na cabeça versos ensinados por qualquer janotinha que os trouxe dos theatros do Porto: em materia de arte, em Portugal, as tropelias são aos centos...

Não me admiro, pois, que não tenhas repa-

rado no quanto é interessante essa casa de teu tio. Confesso-te que, desde o portal, com os seus ferrolhos e o seu sardão na aldraba, até as pombas de gesso do suave telhado caleado á moirisca, toda a casa me interessou. Como fiquei contente, aberto o portão, ao deparar-se-me esse typo de antiga casa minhota, de tão bom gôsto, e de que tão poucos exemplares ha hoje! Um só andar: a um lado subêrba escada de pedra, subindo a um patamar alpendrado que se continua numa varanda, da largura de três ou quatro metros, a todo o comprimento da fachada, com o beiral até fóra esteado por columnas de pedra, onde se enroscam as vides da cepa trepadeira que sobe pelo cunhal desse torreão que modernamente ajuntaram ao edificio. Nada mais simples e senhoril: em baixo, adega, cozinha, lojas, quartos de creados e de caseiros; em cima, dando para essa varanda, os aposentos da familia, e o salão para o qual se vai pela escada nobre até o patamar de alpendre — ante-camara onde o senhor vem esperar as suas visitas e até onde, descendo um degrau em perfeita cortesia, as acompanha na despedida.

Não vês neste feitio de casa qualquer coisa de fidalgos gestos? Não ha em tudo isto maneiras distinctas? Com certêza que sim.

Afóra esta expressão de nobrêza, a varanda exposta ao sul, que em França se chamaria um grande balcão, uma galeria, e que, a bem dizer, é um terraço coberto, tem ainda outra função e esta capital como hygiene: é um deposito de sol. No inverno, é o logar mais quente da casa e onde se pode trabalhar ao ar livre; e nas tardes curtas de Dezembro, quando o sol anda baixo, elle entra rasteiro até o fundo dos quartos, aquece-os, areja-os e alegra-os. Pois este typo de casa, que no norte de Portugal está inteiramente abandonado, é na França e na Suissa a ultima palavra da construcção: não ha casa, rica ou pobre, que não tenha o seu terraço, a sua varanda ou simples balcão exposto ao sul quente, luminoso e sadio, para onde o homem do norte se vira como a planta para a luz!

Uma nota devéras sympathica nessas casas antigas é a amizade com que, pelos annos fóra, ellas vão alargando-se para os lados e crescendo para cima, á medida que a familia augmenta, porque nascem filhos, ou porque veem para o casal genros e nóras. Estes novos andares, estes torreões, estes acrescentos de épocas differentes, acomodados sem ceremonia e sem architectura, formam um conjuncto pitoresco e dizem familia unida, que de qualquer modo

está bem, uma vez que todos vivam sob o mesmo tecto e comam á mesma mesa.

Mas não é somente da linha exterior da casa de que gósto; gósto tambem de certas disposições interiores, da maneira de decorar, e, sobretudo, do ar serio que essas construcções tinham. Como não se conhecia ainda, em materia de decorações, o deshonesto verbo «fingir», tudo o que alli ha é a valer. Argamassas fingindo cantaria, pintura de portas e infusões fingindo carvalho ou castanho, papeis pintados fingindo tapeçarias e coiros lavrados, escaiolas fingindo marmores, papelões envernizados fingindo azulejos, gelatinas coloridas fingindo vitraes, estuques fingindo travejamentos e artezões, pastas fingindo talha antiga, etc., é coisa moderna, para uso de pseudo-civilizados. Os do seculo passado não comprehendiam taes mentiras; e quando a sua arte, por atrasada, não tinha recursos para bonitos e confortos, serviam-se do que tinham, mas nunca mentiam! Nessa casa de teu tio ha muitas coisas inhospitas, muitas; mas ha outras interessantes, como esses bellos tectos de castanho, em maceira, altos e leves nas suas linhas sobrias—linhas rectas, com graciosos florões no cruzamento das nervuras delicadas. Nos quartos de dormir, os barrotes são á vista, com as arestas escadeadas e embutidas de

filetes de outra madeira; nos da varanda, os topos teem ornatos e figuras esculpidas, como nos modilhões, e são lindos, vistos na perspectiva do longo beiral — beira e sobeira — avivado a vermelho. Numa sala municipal de Augsburgo vi coisa parecida, e o claustro de Salamanca é semelhante, mas rico, porque o vigamento é de pau santo e marchetado de marfim.

Gostei da paz dos aposentos de dimensões quadradas; das portas baixas, de um batente — tão modernas — de castanho, com almofadas num Luiz XVI ainda mais sobrio que o inglês; das vidraças de caixilhos enxadrezados; dos largos poiaes nos vãos das janelas para as brandas conversas entre lusco e fusco; e, pela banda de fóra, das misulas de pedra, para caçoilas de flores —craveiros no S. João, mangericos pelo anno adeante; dos roda-pés de azulejos num ingenuo D. João V; do lavatorio de granito ao fundo da sala de jantar, com as suas carrancas e agua de bica — grande como os das sacristias conventuaes; da farta lareira, onde, nas noites compridas de inverno, deve ser um regalo ouvir, a caseiros e vizinhos, historias e casos, na viva linguagem dos seus plebeismos; e tenho ainda no nariz o cheiro fresco ás maçãs camoêsas a córarem nos frisos da sala de jantar, ao qual se misturava o do sarro das pi-

pas, que vinha da adega pelas frinchas do soalho...

Da mobilia não te falo, porque não havia nenhuma. No salão seccavam espigas de milho e feijões na casca, e na varanda amareleciam aboboras porqueiras! Mas eu sei, meu caro, que séria mobilia portuguêsa, herdada e poída, iria bem nesses quartos e salões. Sei o que lhes falta, que é muito, pois os nossos avós eram insensiveis ao desconforto — qualidade que não contribuiu pouco para serem rijos. O terreiro de entrada estava coberto de mato, um ainda duro e verde, outro já cortido tresandando mau cheiro que o caseiro, aliás, achava «saudavel»; num tanque, tão pitoresco com o seu nicho de santo e a sua agua verde da sombra da latada que tinha por cima, demolhavam-se vergas para pipos; crescia erva nas juntas de azulejos antigos, que revestiam bancos abertos nos muros do pomar; e o pombal — a nota mais jovial e decorativa da paisagem campesina — o pombal, que deve ser sempre branco como um moinho, estava negro e convertido em palheiro!

Fazia-se tarde, e não tive tempo senão de atravessar a horta e ir lá cima áquellas velhas carvalheiras do lado de trás da casa, de onde se vê, melhor ainda que da varanda, esse bello pedaço de paisagem, bem pouco minhota, com o

negro rio Homem ao fundo, pinheiraes bravos por toda a parte, descendo, apressados, duras encostas, subindo a fêsto altos montes, ondeando uns para alem dos outros, até muito longe — até a serra do Gerez, de rocha azul. Paisagem aspera e fiel, como gósto.

* * *

Aqui tens, pois, a incumbencia de que te dou carrêgo: faze que teu tio e os outros teus parentes venham ás boas; reune-os em volta de um farto jantar; e no convivio casadoiro de animos caturras, leva-os á reconciliação lagrimejante dos brindes commovidos; depois, punha a terreiro a quinta de Soitêlo e, com a labia arteira de um filho do Minho, convence-os, á puridade, a cortarem a questão ao meio e a venderem a casa a um terceiro — um teu amigo de Coimbra. Essa hora é fraca e tu estás álerta: elles acabam por dizer que sim, tu pegas-lhes na palavra, como faria qualquer Colbert ao destratar uma alliança, e fazes, então, um brinde, um discurso, bebendo á «harmonia das familias», aos «laços de amizade», citas passagens do

Velho Testamento e metes latim; e no dia seguinte, antes que os velhos acordem e sintam nos amargos de bôca o primeiro arrependimento dos compromissos da vespera, monta na tua egua corredôra e vai á Villa deitar-me um telegramma; na volta, desanda por Soitêlo e dize ao caseiro que coma as aboboras da varanda, levante o mato do quinteiro e dê uma arejadela ao soalho carunchoso!

Faze isso, que fazes duas boas acções: concilias inimigos, e salvas da ruina uma casa curiosa, que nas minhas mãos será coisa de geito.

Teu:

Na Franconia

Fui á Baviera ver Dürer na sua terra, e tambem no seu tempo, porque andar nas ruas de Nuremberg, de Wurtzburgo e de Rothenburgo, tortas e sombrias, com as suas casas do seculo quinze, e os seus balcões e beiraes topando-se, é retroceder, pelo scenario, a tempos da Meia-Idade; e, nos costumes que a tradição conserva, nos documentos de arte, nas ideias que de tudo saltam, aproximar-me dêsse espirito melancolico e imaginoso, que viveu ahi á hora indecisa da Reforma e da Renascença — uma alarmando as consciencias com a liberdade, outra dando sacudidelas de vida numa arte estilizada em mysticas idealidades. Nas abbadias, nos palacios communaes, nos castellos, nas casas particulares, está tudo ainda cheio do espirito go-

thico dessa época. As fachadas de pedra, em bico, no gôsto de Flandres e Colonia, com velhos balcões de granito vasado de arabescos gothicos; as janelas pequeninas entre medalhões de pedra doirada; as portas em ogiva, com o nó da folhagem byzantina no capitel cuboide, baixas, chapeadas de ferro em laminas encanastradas; o nicho com o santo, amigo da casa; e, na padieira de entrada, a divisa ou o dizer escolhido, aberto em caracteres de velhos missaes, dão-nos ideia do recolhimento em que se vivia. Outras casas são cobertas, de alto a baixo, com frescos, na tonalidade das meias tintas dos panos de Rás: lendas germanicas e passagens biblicas — guerreiros pennachados e santos exhauridos — entre desenhos heraldicos e lêtras copiadas dos livros illuminados, enchem essas paredes. No trajar, a vida moderna invadiu tudo; mas na gente do campo, que vem aos mercados de Münich, ainda se percebe, no geito de arranjar o lenço em volta da testa e do queixo, aquella moda com que Holbein retratou os doadores do triptyco de Dresda; e, não sei porquê, encontro na rua caras que me dão ares de familia de Hans Sachs, como elle é no bronze de Krausser, em Nuremberg. O mobiliario das bodegas publicas — roda-pés, mêsas e escabêllos de carvalho, tectos pintados a fresco com

os gamos da lenda de St.º Humberto — é o mesmo do dos interiores dos quadros de genero flamengo e franconio; e certos cantos afumados da «Hofbrauhaus», com gente do povo amesendada deante da caneca de cerveja, fumando por pesados cachimbos, e a cara suja pela sombra da aba do tyrolês, são quadrinhos de Teniers e de Brouwer. Fontes, nichos de santos, grades e portões, em pedra e em ferro, recortados na linha gothica, que se vêem a cada passo nas ruas dessas cidades, fazem-nos retroceder á vida dos seculos da idade guerreira e mystica; e quando entramos nos pateos e torres que conservam tudo o que do passado havia ahi; nas igrejas, nos conventos, nos museus cheios de quadros, de mobilia, de vestidos e de toda a ordem de documentos antigos — essa vida apparece-nos com fidelidade.

E que sombria era! Todas as defêsas do corpo e da alma, que vivia no mêdo da morte — na covardia da responsabilidade—eram poucas. O Castello de Frederico Barbaroxa, com paredes de cinco metros de grossura, ameado e torreado, é typo de fortalêza que pela Idade-Media fóra se ha de repetir, sempre que houver precisão de mostrar esse caracter, seja num armario para guardar vestidos de gala, seja nas custodias dos altares! Mas a torre de menagem guar-

dava ainda outra preciosidade... fragil: a castellã.

. . . . . .

E a alma?

Tudo lhe lembra sua fraquêza, o perigo de se esquecer do momento em que ha de deixar a vida e ir dar conta de seus peccados! A divisa dos relogios da época era «Mors certa, hora incerta»; ou «Sic vita fugit»; ou ainda a celebre: «Homem, pensa no teu fim», de mestre Lindenast, em «Nossa Senhora» de Nuremberg; e havia um relogio, na abbadia de Heilsbronn, em forma de torre ameiada, com os mostradores nas quatro faces orientadas, e em baixo um esqueleto montado num leão, symbolo da Vida, em cuja cabeça metallica, empunhando uma tibia, a Morte feria as horas!

Neste temor de perdição, preciosa companhia era a de Christo, da Virgem e dos Santos. Não bastavam os milhares de imagens das cathedraes: cada um tinha em casa, por toda a parte, mas especialmente no quarto de dormir, nas paredes, no tecto, na cabeceira, no docel do leito, na tampa dos arcazes, nos degraus dos genuflexorios, varias fileiras de santos e inumeras reliquias. No tecto de madeira de uma casa de Augsburgo, está figurado em duzentos ou trezentos quadrinhos, o Velho e Novo Testamento!

Respirava-se o ar bento da commoção religiosa. Esta era a mais amavel das sociedades, e os santos os mais queridos hospedes. Os pintores do tempo tinham repetidas encommendas de anachronismos como estes: a dona da casa desejava retratar-se de mãos postas, no meio de um grupo de santas; ou que lhe fizessem tal santa que fosse o seu retrato; ou que lhe reproduzissem certa passagem da Paixão do Senhor, com seus parentes por personagens! Neste genero, ha na Velha Pinacotheca da Münich um quadrinho rhenano, luminoso como esmalte, com este assumpto: a Virgem veio ter o parto na cama de casados de um cervejeiro de Colonia! Varias mulheres, de lindas mãos e corpo leve, andam atarefadas deitando agua em bacias de cobre, tirando de arcas lençoes de linho, entrando e saindo, pondo no pavimento de ladrilhos os seus brancos pés descalços. Luz candida alumia os pormenores do quarto asseadissimo; e na borda da cama, a Virgem sorri na ventura das suas dôres!

Semelhantemente, essoutro quadro da Virgem que morre em casa do doador que lhe emprestou a sua larga cama de docel de purpura, e assiste, com parentes e amigos, a esse theatrinho particular. Está armado um altar, chegam padres com os sacramentos, e o thuri-

ferario assopra á pressa as brasas do thuribulo. Alguem traz a caldeirinha com agua benta, outro mete na mão da moribunda uma vela acesa, varios rezam, e todos choram; mas a Virgem, vestida de casaco de seda azul com punhos de arminhos, sorri na morte!

Outras vezes, é uma familia inteira que vem ao casamento de Nossa Senhora, a quem vestiram o melhor vestido da dona da casa!

Retratarem-se em companhia de santos é commum, como o é tambem encimar as portadas dos triptycos, cheios de retratos, com as scenas da Paixão, que se passam em paisagens suaves com desbotadas cidadellas gothicas ao fundo, como nos quadros de Barth Bruyn, de Burgkmair e de tantos outros; e nos «Livros de Horas»; nas illuminuras dos missaes, a oiro e a azul celeste; nas dalmaticas apassamanadas como as do Oriente; e nos vitraes de côres em fogo, o mesmo delirio de grandêza mystica, a mesma expressão de uma neurasthenia ferida na dôr e no enlevo do drama da Redempção!

* * *

Mas pelos fins do seculo quinze, na Alemanha

do sul nem tudo era mortificado. Nos humbraes das janelas, já mais rasgadas á luz, os olhos brincam um momento nos primeiros ornatos da Renascença: os gryphos já não são aquelles monstros medievaes, para arripiar, mas graciosos pretextos decorativos; curvas esbeltas começam a tentar as linhas rigidas das ogivas que não sabem rir; um vento de liberdade desfaz os acroterios; extinguem-se no ar as linguas de fogo das rosaças; e o sol lava a sombra nas faces dos santos, até então prisioneiros em seus nichos de baldaquinos...

Alguns artistas, impacientes, rompem com a tradição; e no meio de santas vestidas com saias de muitas pregas e corpetes de muito pano para se não perceber a forma do corpo; cambraias que tapam os cabellos, a testa, as orelhas, o queixo e o peito, não deixando ver senão a face de marfim, os olhos pisados de intimas lutas, os pulsos honestos e as mãos de mysticas transparencias; no meio dêste mirrar de vida offertada á espiritualidade da Graça, um escultor — Riemenschneider — mostra no altar de Münnerstadt, sobre fundo incendido de damasco escarlate, o corpo luminoso de uma Magdalena em pé, completamente nua! Venus de bellêza, plena de vida, com o ventre macio e fecundo, os seios duros e lindos, não era ainda a Renas-

cença pagã; era uma fuga violenta da expressão sensual do mysticismo christão!

No entretanto, Luthero preparava-se para prégar as doutrinas revoltosas do livre exame, e, em arte, os ventos de Italia traziam enthusiasmos novos. E' nesta época que Dürer vive. Conhecendo o seu tempo, viajando na Alemanha, nos Países-Baixos e, em especial, na Italia solheira, onde os estilos ogivaes, para entrar, sofreram na fronteira o varrer dos nevoeiros que traziam da Ilha de França e da Normandia; na Italia florentina irisada de mosaicos; na de Miguel Angelo francamente romana; na de Ticiano e de Veronês — uma festa de orientalismo e de sol; conhecendo tudo isto, vivendo no meio de tudo isto, o seu commentario ficou sempre livre, a sua alma sempre gothica! Analysando as suas commoções com o pensamento reflectido de um alemão, em tudo definia um caracter e punha uma ideia. No olhar do seu «S. Paulo» ha energia germanica de um poderoso homem de acção; e nessa intelectual cabeça de «S. João», toda fronte, o complexo da de um iniciado que visionou, como nenhum outro, o esoterismo da doutrina de Christo.

Mas é especialmente nos desenhos que o seu profundo espirito se mostra. Vendo na vida, em tudo, a dualidade conjugada da Alegria com a

Dôr, da Illusão com a Morte, não ha Prazer, Riso ou Bellêza que elle não acompanhe do commentario da negação sombria! A sua pupila vê a verdade nas fórmas apparentes e nas fórmas invisiveis. O «Cavalleiro armado», que se mete a caminho á conquista dos ideaes que a sua ambição cria, forte de todas as fortalêzas menos da do cuidado de sua alma, mal sabe, que leva por pagem o porco Diabo que atiçará seus desejos; que leva por companheira a Morte, de olhar condoído, que minuto a minuto lhe vai descontado o Tempo que a Vida lhe deú para viver! A «Dama nobre» e formosa, que passeia em seus dominios, humilhando o chão com o orgulho do seu pisar, ignora que por detrás de uma arvore sêcca a Morte a espreita! «Quatro mulheres», que umas ás outras mostram os seus corpos nús de divinas proporções e curvas de sonho, tropeçam, sem reparar, em ossos de esqueleto — o amanhã dessa Bellêza! — e não sentem que a volupia que arde nas suas carnes é clarão do inferno! Esse «Par», homem e mulher, nús, prêsos pêlos olhos, pêlas bôcas, pêlos braços, ignoram que o que os cerra são as garras de um animal immundo!

Tudo isto Dürer nos mostra nos seus desenhos de ideias, e com o pormenor das coisas miudamente observadas. Quando Dante pas-

seava nas ruas de Ravena, o povo, olhando a sua mascara de bronze, dizia, sumido de pavor: «Este já viu o Inferno!» De Dürer poderiam dizer os nuremberguêses: «Alli vai quem vê o Diabo que anda comnosco!»

Assim em tudo. Se lhe encommendam certo «ex-libris», elle fantasia essa sugestiva pagina de nobrêza e de miseria, pondo no centro um elmo brunido, de onde irrompe um timbre de asas arrogantes e a livre cabelleira de paquifes de folhas de carvalho, que o vento enrodilha em heraldicas curvas; a um lado, certa alma segreda tentações de saber a uma mulher vaidosa; mas em baixo, enchendo todo o campo de frio escudo, um cranio roido — symbolo da miseria do cogitar humano deante da intangivel Verdade!

As margens dêsse precioso «Livro de Horas de Maximiliano», que vi na bibliotheca de Münich, são illustradas por Dürer com a mesma intenção, embora o irrespeito, pelos textos sagrados e pelas orações, se entrelace nos desenhos pagãos e gothicos, tão decorativos como conceituosos. O seu sentido da vida era largo, e porisso pouco se lhe impunham certas formulas do catholicismo que, aliás, estava em vésperas de ser discutido pelas consciencias. D'ahi, o á vontade da sua imaginação, a liberdade do seu

commentario, como esse ás palavras «não nos deixes cair em tentação», do «Padre-Nosso, que illustra, pondo uma raposa tocando clarinete para enganar um bando de galinhas que se aproximam, enlevadas na musica! Annotando o psalmo que condemna a guerra, Dürer desenhou, á margem, um anjo absorvido na paz do texto; mas em baixo mostrou a pratica, isto é, o esquecimento dessa lição: homens com lanças, bêstas e machados golpeam-se uns aos outros! A sentença «Contra potens» é assim illustrada: no alto da pagina, Christo e S. Miguel vencendo Satanás; e na margem inferior, um imperador da terra, com uma corôa de papel na cabeça, uma laranja na mão, vai de cocoras num pequeno carro puxado por um carneiro e guiado por uma creança — o Amôr! — acavallo numa espada! O conhecido symbolo da Trindade, concebido por Dürer, illustra essas paginas: sob a pomba do Espirito-Santo espargindo Graça, o Padre Eterno, revestido de refulgente dalmatica e a thiara de três corôas, apresenta ao mundo seu filho pregado na cruz; mas logo na pagina seguinte, como commentario ás miserias da vida, pôs um medico analysando as proprias urinas!

E' todo assim. O grotesco, o tragico, o symbolo religioso, a chalaça, a sentença, a carica-

tura e o dito philosophico vivem juntos, commentando os psalmos e as orações dêsse curioso «Livro de Horas» — unico no genero.

No rir de Dürer ha o conceito de ferro de uma alma gothica tão artista como pensadora. O modo de ser da sua raça, o sentimento do tempo, o feitio especial do seu espirito, e, porventura, as adversidades, exasperaram-lhe a sensibilidade, apurando-lhe a visão. No retrato (escolhia de preferencia caracteres) o seu pensamento socegava. Fóra disso, viveu soffrendo a vida, as canseiras de pensar, a hyperesthesia dos artistas insaciaveis de perfeição. A «Melancolia» é a sua auto-biographia. Retratou-se nella como Shakespeare no Hamlet, na opinião de Taine. A «Melancolia», á primeira vista enigmatica, como sempre que nos aproximamos de alma complexa, é a estampa da Aspiração vencida! Esse anjo, com asas para voar, é o artista que nas suas idealidades sóbe aos céus da Bellêza e de lá volta a maguar-se na nostalgia de os ter distantes! Ahi, numa dobra de mar, á luz estranha de um meteoro, vem-lhe ao pensamento a mesquinhêz de tudo que é terreno, sciencias e artes, ante o seu alto sonho de perfeição. Morre-lhe na mão, sem prestimo, o compasso de medir, e no regaço tem fechado o livro que nada ensina. Da tinta boreal do céu nasce o monstro

Melancolia, porque o anjo—o artista—sentindo grosseiras suas mãos para realizar seu sonho de Bellêza, considera-se um desterrado filho dos Deuses, com a mente no Ideal e os pés na Terra: e, então, a tristêza enche-lhe os olhos, enche-o todo, como se fôra só espirito e dentro delle ennoitecesse...

E' esta melancolia que o leva a pôr em tudo a nota pessoal do seu pessimismo. Num pormenor — um galho sêcco, o vento passando nos ramos de arvores tristes, um cão a uivar — ha penetrantes intenções. Na bibliotheca de Berlim mostra-se este desenho notavel: Christo resuscitado é levado, através do mundo, num carro triumphal, a que puxam homens de todas as raças, poderosos e miseraveis, cantando Amôr e Liberdade! O carro vai rodando — e das feridas de Jesus vai caindo, e marcando o chão, o sangue do exemplo!

Essa pagina é grande como aquella symphonia de Beethoven cantando o Amôr universal; grande como a obra de Tolstoi encontrando no Bem o consolo da Vida, e fortalêza no saber soffrer!

*
* *

Ao fim de seis dias, desci de Augsburgo, onde nasceu Holbein; mas porque o espirito de Dürer foi commigo, os mestres da Suabia pareceram-me pequenos...

Nas aguas de Capri

Já de vespera me deleitava no passeio que ia dar á ilha Capreia, ao amanhecer do dia seguinte, na frescura do ar, cortando aguas esmeraldinas, nesses vaporzitos que diariamente fazem carreira para a ilha azul. Mas encontrei a manhã friorenta e o gôlfo cheio de neblina. Partimos do Castello-do-Ôvo mal distinguindo a linha do caes de St.ª Luzia e as primeiras casas de Napoles, a vagabunda, que dormia o somno reparador da manhã; e lá fomos, silenciosos, entre brumas.

Na tolda, eramos quatro: um frade capuchinho, de longa barba negra, fumando enorme charuto; um inglês alto, de suissas brancas, acompanhado de uma inglezita de olhos transparentemente azues; e eu. O salão estava va-

zio, e na ré uns maltrapilhos, sentados no chão, picavam tabaco. Dei voltas pelo tombadilho, aproximei-me dos meus companheiros para abrir conversa, mas o frade estava todo numas contas que fazia nas costas de um livro, e o inglês lia o Baedeker á pequena, que, ouvindo-o, olhava fito, como se procurasse enxergar, por entre o nevoeiro, os lindos recortes do gôlfo e as terras de Castellammare, Vico e Sorrento, descritas no guia. Fui-me encafuar, amuado, num recanto da prôa; e dahi a pouco, parece, todos tinhamos sido atacados da mesma mollêza scismadora, porque o frade encostara-se á amurada, a mão na cabeça, olhando para dentro das aguas — olhando para dentro de si!; o inglês escrevia, absorvido, no seu livro de notas; e só a rapariguita, olhos espertos, continuava a perscrutar a nevoa envolvente, esperançada em que ella se desfizesse e lhe mostrasse a bonita ilha que demandavamos. Nisto, de dentro do vapôr, começaram a ouvir-se mandolinas napolitanas, e nada podia vir mais aproposito para agravar as nostalgias dos viajantes, principalmente dos da minha raça, pois o capuchinho (soube-o nessa mesma tarde) era espanhol. Os cantores tocavam e cantavam a «Bella Margarita», o «Adio di Napoli» — canções romanticas que enchem a alma da men-

tira doce do divagar! Ouvindo essa musica, embalada pelo andamento do barco, através da luz vaga da bruma esbranquiçada, é provavel que a alma do frade fosse, como a minha, relendo o «Intermezzo» — breviario que nós os meigos latinos sempre trazemos comnosco... E' provavel!

Calou-se a musica, e o dia foi-se alimpando, pouco a pouco. Quando chegámos defronte de Capri, o sol envolvia tudo; e ao respirá-lo, senti-me um tanto libertado daquelle maguar que pouco antes me entorpecêra alma e corpo!

* * *

Depois do almoço, não corri logo a ver as ruinas dos palacios de Augusto e de Tiberio, nem a escadaria das rochas de Anacapri, nem, do Monte Calora, o panorama das ilhas do gôlfo azul de Pozzuoli, nem o que se vê da Punta Tragara — coisas bellas, se coisa mais excellente me não fizesse quedar alli. E, assim, emquanto os meus companheiros, e com elles outros inglêses de casquêta, calções e sapatos ferrados, em rancho, se partiam, afrontando solheiras, a ver es-

ses logares, a esgotar o programma que se impõe aos viajantes da ilha, eu ficava-me no quintal do «Hotel Quisisana», á sombra deliciosa de uma parreira, estirado em cadeira de vime fresco, vendo em baixo o mar Tirreno, doce, por onde meus olhos se alongavam, consolados! Era um quintal pacato, limpo de lendas tiberinas, um quintal português, com couves, carreiros de pés de alface, bordaduras de hortelã e salsa, e um murozinho forrado de azulejos claros, que até pareciam nossos. Appetecia ler Rodrigues Lobo, em edição de ha cem annos, linho amarelecido, pitoresca nas suas doiraduras tôscas, nas suas carneiras ingenuamente marmoreadas. Appetecia!

Os pouquissimos hospedes desse hotel familiar tinham debandado; sómente no caramanchão proximo uma velha dama inglêsa, pelle esmaltada, cabeça altiva, toucada de rendas, e cabellos á Directorio caindo em dois torcidos aos lados da testa, lia, impassivel, num livro, e tinha as mãos leves postas nas paginas brancas, como as de Erasmo no quadro de Holbein.

E se valeria a pena vir de tão longe e esquecer-se a gente de ver coisas, que os livros apregoam ser lindas, pelo espectaculo commum de ver aguas do mar, que o digam aquelles que sabem querer ás eiras do mar chão, e como a

alma affeiçoada se casa bem com a serenidade perfeita da naturêza em paz!

. . . . . .

* * *

Fiquei na ilha; e dessa noite para a seguinte dormi de um somno, e até tarde — somno massiço, destes que nos fazem acordar bem dispostos e repêsos das mollêzas da vespera...

O dia estava cheio de sol; e defronte da janela do meu quarto ao rés-do-chão, inglêses e inglêsas batiam-se bravamente ao «tennis». Eram todos caras novas para mim, menos a da minha companheira de viagem — a dos olhos azues, que não punham differente interesse, seguindo o giro da bóla, daquelle com que, na vespera, tentavam penetrar o nevoeiro! A differença era só na atitude do corpo que passara do resguardo de freira constrangida, aos movimentos livres de arremessar a péla, de a aparar correndo ao seu encontro, curvando-se quando vinha rasteira, torcendo-se se passava á ilharga, pondo-se nos bicos dos pés para lhe chegar, fazendo arrecuas, ladeando, estican-

do-se, enviézando, numa agilidade de tregeitos instintivamente equilibrados, instintivamente briosos — a perna rija, o peito abahulado, a anca sólida — percebidos através da saia curta de flanela clara, e da blusa de linho cru chegada á pelle, que, como as faces e a nuca, devera estar agitada de sangue abrasado!

Não precisava de mais para me encher da bondade que em mim provocam os espectaculos do sol forte e dos jogos violentos do corpo; e nesta saüdavel disposição comecei a barbear-me, por detrás da cortina de cassa, no vão da janela, onde se ouviam as pancadas sêccas das pélas de camurça nas grades elasticas das raquêtas inglêsas.

Dahi a pouco saía barbeado, banhado — fresco e amigo de toda a gente! A cadeira de vime lá estava no mesmo sitio da véspera; não lhe quis mal — não podia querer mal a ninguem! — mas olhei-a com dó egual ao que teria pela hirta velhice da dama inglêsa, se a tornasse a ver. Almocei. Pareceu-me mais caiada a sala de jantar, com mais pé direito, e póstos naquella hora os cortinados de ramagens claras. Bebi Capri branco por calices amarelos e puz-me a caminho, por costeiras desabrigadas, para as assomadas da ilha, de onde se vê o mar a pique, de alturas pavorosas, que nos

põem subitos frios no estomago e na espinha!

* * *

Pela tarde, desci á Grande Marina. O dia continuava opulento de sol, e o ar sereno e môrno. Nas aguas francas do portinho de esmeralda banhavam-se rapazes e raparigas, mergulhando fundo para apanhar moedas de prata que uns estrangeiros lhes atiravam. Estive ahi muito tempo, prêso ao que via, prêso á sensação inesperada de comprehender, pela primeira vez, o corpo nú como expressão de vida, como bellêza de linhas, que jámais havia sentido. O verde transparente das aguas, a luz macia dessa tarde de Agosto, o céu de Italia, uma ilha de onde outras se viam e pontas de terras coloridas, cobertas de verdura, que pareciam ilhas tambem, deram-me a illusão do mar Egeu!; e tudo o que eu sabia da Grecia pelos livros e pelo que tinha visto — deuses, lendas, poetas e marmores — foi subitamente illuminado por um sentir novo. Num relampago (como para o incredulo deve ser o toque da graça) comprehendi o que nunca tinha comprehendido!

Eu estava todo nesse espectaculo de ver ephebos, de rasgados olhos negros e pelle tostada que o sol oleava por egual no tom esfumilhado das carnes de Henner, atirarem-se da borda de um barco ás aguas translucidas, onde o corpo ficava prateado como certos peixes de aquario; e quando saíam das aguas, logo o sol os molhava de quente tinta amarela, lixada por egual, maciamente. No movimento de lançar as mãos á amurada; de esticar os braços erguendo-se nos pulsos; no de quebrar o corpo pelos rins para jogarem as coxas robustas para dentro do barco; no de correr em pé pelas pranchas, havia meneios de equilibrios graciosos em harmonia com o ar amavel dessa tarde antiga.

Mas, não me illudo, essa sensação foi fugidía: o nu é tão integrado na naturêza, que só bem dentro della se pode amar, e nós andamos arredios... Melhor, decerto, do que as academias ensinam, fazendo abstractamente a historia do nu, ou mostrando-o nos modêlos antigos á luz falsa das officinas em que nunca viveram, ou nos plintos dos museus para que não foram feitos, melhor, mais proxima, a minha sensação; mas, como as outras, incompletissima. Por mais que se estude nos livros, ou nos museus, nunca essa comprehensão chega

a entranhar num sentimento. Poder-se-ha entrar no Louvre, nos Officios ou no Vaticano a ler Homero, como receita Taine, que isso não basta para se sentir a bellêza creada por uma raça que viveu ha muitas centenas de annos, noutros climas e instituições, pensando, sentindo tão diversamente do que hoje pensamos e sentimos. A nossa comprehensão é á flôr das coisas, sem que nella intervenha o apêgo de uma adhesão absorvente. Enthusiasmos de momento. A Renascença é um delles, postiço, enxertado, sem repugnancia, em almas mysticas, soffrendo, aqui e alli, differenciações opportunas, ao geito de cada povo! E' isto a Grecia simples, pagã, intensamente humana? Não. São relampagos, como o fôra o meu, que passam. O scenario, a hora, o grupo de adolescentes, aclararam sensações mal sentidas; mas o nu do homem integrado no nu das coisas — no do ar, dos montes, das aguas, — nu impudico e bello como o das arvores que se abraçam ou dos animaes que se amam, das rochas, das estrellas, qual de nós tem hoje liberdade para o comprehender, opprimidos na alma pelo peso de mil embiocados atavismos que nos policiam, e condicionam o sentir a formulas e preconceitos? Qual de nós?

. . . . . .

O vapor que me trouxe veio tocando o molhe léste do gôlfo de Napoles. Parámos em Sorrento, Castellammare, Annunziata e Rosina — pequeninas cidades brancas no meio de espessos jardins poisados á borda do mar. E o que é o caír da tarde de um dia que fôra de sol esplendido, nessas aguas de maravilha, entre as collinas azues de Posilipo e de Cepparica, as ilhas Ischia e Procida, leves como nuvens, ardendo no fogo do sol poente que laiva de sangue a casaria de Napoles, o Vesuvio àviolado fumegando um fiozinho de fumo que se alastra e pulveriza no azulino céu de porcelana, — o que é esta coisa admiravel, diga-o quem souber, que eu não sei!

O Bom-Jesus-do-Monte

Se bem me lembro, teria eu uns nove annos quando fui pela primeira vez ao Bom-Jesus-do-Monte. Não havia ainda americanos, nem elevador: fomos numa vitoria do Mesquita, de manhãzinha, com o cesto fardeleiro na concha do carro, almoçámos debaixo das carvalheiras, para os lados da Mãi-de-Agua, e por lá passei o dia (que tão curto me pareceu!) metendo a cabeça pelas grades de todas as capellinhas, provando a agua de todas as fontes!

Quantas vezes depois, já homem, repeti, sózinho e a pé, esse passeio favorito, saindo de Braga ao apagar dos candieiros! No Campo de Santa Anna, ás portas do Ribeiro e do Arranjadinho, carregavam-se diligencias dos Arcos e de Monção; no Café-Vianna, um creado encatar-

roado começava a tirar os taipaes, e lá dentro ardia, vermelho, um bico de gaz; um ou outro braguês, madrugador e bisbilhoteiro, sondava colado ás portas; e, no lusco-fusco, passavam senhoras de passo miudinho, apressadas, para os Congregados, onde tocava á missa das almas.

Até á Senhora-a-Branca nem viva alma; mas por S. Victor fóra, das portas meio-abertas das tascas, saíam sombreireiros de «matar o bicho.» A's alminhas de Gualtar, passava por mim, somnolenta, a diligencia de Ruivães, e eu voltava para a linda estrada dos Piões, entre campos verdes e chãos a perder de vista.

Ao Lanhoso, a estrada, encostada á mata do Brandão, começa a subir, numa curva suave, sobre o valle de Este, pequenino e amavel; vai a gente andando e pisando a caruma dos pinhaes; em Tenões mete-se por debaixo de ramos de castanheiros. Passam-se casas achalézadas, jardins com repuxos, mas logo, Deus louvado!, entra-se de novo em terra minhota, com hortas, ramadas, mêdas, caniços e os verdes beiraes alpendrados de videiras, que são para as janelas o que as pestanas são para os olhos...

A estrada continúa subindo sem custo. De onde a onde, bancos de pedra, que alma bemfazeja mandou collocar á sombra de arvores,

para descanso de quem sobe, sobretudo para romeiros que veem de longe, carregados de promessas, mostrar ao Bom-Jesus os seus mansos corações agradecidos. Em regueiro, entre ervas, corre a um lado a agua seivada das poças, que vai regar lameiros e milheiraes; de um quintal vem, misturado em cantigas, o raque-raque dos teares; e na torre do Bom-Jesus-do-Monte, que se avista afitada pelo sol nascente, os quartos caem do relogio, num timbre de prata como de clarim!

Mais outra volta de estrada, e logo, ao fundo de uma rua fechada de arvores, branqueiam as primeiras capellas e ouvem-se as primeiras fontes. Começa o escadorio, mas a estrada continúa á direita, subindo o monte, ás voltas, debaixo de altas carvalheiras, onde luz e silencio são doces. Quando se sae desta meia-luz, ao chegar ao alto da montanha, e se vê, derepente, uma concha de verdura num circulo de collinas muito azues, sob alto céu cheio de paz, o peito enche-se contente e a bôca murmura agradecidamente: «como é lindo!» A velha cidade dorme ainda, estirada na frescura dos campos orvalhados. O sol, que vem nascendo, toca de oiro as copas das arvores e os rebordos dos montes. No horizonte, uma mancha de gaze indica a linha do mar... Respira-se socego! Ha a

bondade dos domingos de paschoa no campo, na alegria modesta do sol de Março. Um grande bem-estar entra na alma; e todo o nosso regalo seria passar alli o dia inteiro, sem dizer nada, a olhar, a olhar esta paisagem amiga, pensando em coisas bôas...

*
* *

Tambem era curioso vir pelo escadorio.

Que pena terem estragado grande parte do escadorio velho, as capellinhas primitivas, e expatriado esses judeus tão feios, mas tão pittorescos e interessantes em sua fealdade! Que pena!

As escadas e os lanços de piso empedrado iam sumidamente á sombra de altas carvalheiras que tinham muitos annos; mudando os lanços tiveram de deitar abaixo arvores sem conta, fazendo calvas no carvalhido, tão vastas, que se vêem de Braga!; e onde dantes havia sombra ha hoje céu descoberto! As capellas humildemente christãs, pequeninas e caiadas, foram substituidas por outras, todas de pedra, fortes como baluartes, feitas num qualquer estilo grego,

que se sente mal naquella simples montanha onde terra e carvalheiras são minhôtas de nascença.

Escurecida pela invernia, queimada pelo sol, não ficou uma figura, uma guarnição de muro, uma pedra de fonte, um desenho, um emblema! Tudo limparam, para parecer novo! Estas fontes — e cada capellinha tinha a sua, como cada altar sua lampada — estavam cobertas de musgos macios como o veludo, que, havia dezenas de annos, viviam felizes abeberados na agua que pingava fresquissima. O tempo encrustara, nas granulações das pedras dos humbraes, dos frisos, das portadas e cupulas, revestimentos de lichens esverdeados com laivos claros que marmoreavam o granito. Pois tudo isto, que era lindo como côr e lindo porque era velho, foi lavado, raspado, picado, para a pedra ficar branca e novinha, como quando sae da mão do pedreiro que a pule pela primeira vez! O prestigio dos annos é coisa sem valia ao senso artistico de quem dirige taes trabalhos.

Esses judeus eram conhecidos de dez leguas em redór. Typos de fealdade, serviram de comparação a homens feios: «feio como um judeu do Bom-Jesus-do-Monte!»; ou: «olha que barbas, nem as de um judeu do Bom-Jesus-do-Monte!;» ou ainda: «sume-te para longe com

essa cara de escarneo, que pareces mesmo um judeu do Bom-Jesus-do-Monte!.»

.....

Eram medonhos! A linda raça hebraica, morena, barba castanha, olhos negros e humidos — linhas puras — era tratada com rancôr nas mãos dos escultores braguêses do seculo passado. A sua piedade não se conciliava com a ethnographia. Não podia ser! Os que flagelaram Jesus e o crucificaram — esses depravados, depravada deviam ter a anatomia, monstruosa, typica, unica!; e porisso os figuravam de narizes recurvos, olhos de hyena, dentes de cão, barbicas reles, de crina, desprezivelmente postas, aos bocadinhos, no queixo e aos cantos da bôca, muito negra, destacando nas faces amarelas, patibulares. Todas as expressões de risos diabolicos foram golpeadas nessas faces de escarneo, nessas bôcas de dentes cerrados, nessas testas agudas, nessas queixadas salientes e teimosas! O christianismo desses mestres não concebia outra fórma que exteriorizasse aquellas almas excommungadas, que no Pretorio cuspiram na face de Jesus!

Por outro lado, a figura de Christo era sempre representada num typo de bellêza perfeita, não dentro da raça, mas como o romanticismo de cada escultor o idealizava, ou copiava de

outras imagens que andavam, classicas, pelos paineis dos templos christãos.

O que esses judeus ouviram! Não era bastante o desageito das mãos canhestras dos santeiros das ruas das Aguas e de S. Marcos! Sobre elles, durante dezenas de annos, gerações inteiras de romeiros cuspiram odios. Não houve aceno malcreado que lhes não fizessesem na cara; não houve palavra suja que seus ouvidos de pau deixassem de ouvir! Aquelles que estavam mais proximos das grades, ao alcance do lodam ou do guarda-chuva, apanharam chuçadas, como se fossem porcos bravos; e as mães, pallidas de colera, ensinavam os filhos a ter ganas a esses judeus impassiveis!

Subir ao Bom-Jesus-do-Monte, visitar esse logar de piedade, não era só rezar na igreja, era tambem insultar no escadorio! Devotos houve que, ao cairem de joelhos ante a imagem chagada de Christo crucificado, começaram por clamar: «Senhor, perdoai-me que não traga as mãos molhadas no sangue dêsses perversos que vos crucificaram! Perdoai-me que não possa arrastar pelas orelhas até aqui aquella canalha que alli em baixo vos afronta sem respeito e sem temor! Perdoai-me, Senhor!»

Tenho saudades do escadorio como o conheci!

*
* *

Mas, emfim, nem tudo tem sido estragar. Alguns logares ha que ficaram esquecidos, e, portanto, poupados. Um delles é o Largo dos Quatro Evangelistas, a nascente, num retiro propositamente escolhido, cuido eu, para esses santos poderem escrever em seus livros de pedra aquella doce vida que seus corações sabem de cór!

Não chega ahi a alegria banal dos hoteis, nem o ar mesquinho dos bosquêtes de meia duzia de tilias, á borda de lagos de cinco palmos de profundidade e caes de cortiça! Não chega lá a esturdia das merendas sobre a relva, nem das regatas em botes poveiros, a meio tostão a corrida...

O pequeno jardim é cheio de quietação: entre capellas, fontes com as figuras dos quatro Evangelistas; no meio, num chafariz calado, a agua cae babando a pedra de onde borbulha; bancos de pedra, musgosos, em que vem sentar-se um ou outro meditativo; e, fechando esta cerca de paz, carvalheiras altas e ramalhudas

ensombram de mysterio este canto, onde quatro almas santas cogitam em mysticos labôres. Ninguem os perturba. Por um lado, o monte dá sobre o valle de Este, austero por a vertente ser a pique e ficar fronteiro, muito proximo, o monte de Espinho, penhascoso e sombrio; por outro, o silencio de uma mata de carvalhos e sobreiros.

Ao cair da tarde, é mais sumido o pranto das fontes, e os santos recolhem-se á cinza do crepusculo, a meditar como hão de pôr nos livros aquelle translucido saber que o Mestre lhes ensinara na doçura dessa voz que ouvem ainda, mas não atinam como mostrar! E na sombra, suas frontes tomam expressões scismadôras! Vem a noite; o silencio pesa; terras e arvoredo meditam calados nos mysterios da existencia! Então, na magia da noite alta, ao branquear do luar que apparece, começam a chover estrellas nos livros em que os santos meditam; illuminadas, sorriem de Graça as cabeças dos velhos Evangelistas, e a palavra do Senhor fica escrita nessas paginas de pedra!

* * *

Um poente, ao fundo de uma campina de terras alagadas que refletem céu de sangue e barras violêtas incandescidas pelo sol que morre, é profundo, cala a bôca, e as pupilas dilatadas põem-se a interrogar as coisas a respeito da vida! Como unica resposta, vai a noite alastrando-se pela naturêza!...

E' triste. Mas ha uma tristêza mais fria, uma melancolia que doe mais devagar: é esta do cair da tarde no Bom-Jesus-do-Monte! No valle cheio de luz, de alegria, de vida, o desbotar das côres, o dissolver das fórmas na tinta poente é de tal modo lento e doloroso, que da naturêza vencida vem uma lastima de ais, que penetra a alma e a commove. Pomo-nos, então, a ter pena de todas as alegrias que morrem a nosso lado: a da cal dos muros, a do esmalte das arvores, a da trova das fontes — a do riso de luz, emfim, que em tudo se some! E isto dá uma mágua tamanha, que não ha tristêza que não lembre, nem ausencia que não venha ter comnosco! E' a hora romantica de affectos bons,

de illusões picadas de côres e de dôres..., de saudades sem fim!

.....

Tocam Trindades no Bom-Jesus-do-Monte; e essas badaladas tristes parecem o echo de lagrimas que no chão caissem da torre! Vai escurecendo. No horisonte ha ainda laivos de luz — de dôres! — dessa tragedia do sacrificio do sol!

Pelo valle, de cada igreja, de cada mosteiro, de cada ermida, alli e alem, vão caindo as Trindades, melancolicamente. E' a hora de acender as lampadas nos oratorios, o lume nas lareiras, de subirem aos céus as rezas das Avé-Marias... Hora religiosa, de paz e de temor...

No céu apparecem as primeiras estrellas, e a sombra alastra-se pelo valle...

Ao longe, numa ermida sertaneja, um sino doente dá as suas badaladas tão apagadas, tão sumidas, que mal se ouvem. Foi o ultimo suspiro do dia! Já a noite nos envolve e pesa...

Entre Southampton e Vigo

A minha primeira viagem por mar foi de Portugal á Inglaterra. Aqui tenho, desses dias, um caderno de notas insignificantes, como se valesse a pena descrever cada qual o seu enjôo, o isolamento dos beliches, a insensibilidade dos creados, o córte da barba usado pelo commandante! Folheio-o desinteressadamente, e, de um traço de lapis, inutilizo as paginas; mas, como são muitas, o mais simples é fechar o livro, certo de que o que deveras me impressionou virá ao de cima das minhas recordações.

Foi realmente insipida essa viagem. Por isso, quando na madrugada do terceiro ou quarto dia me achei, emfim, no pequeno vapor que do paquete, ficado ao largo, me havia de levar ao porto de Southampton, respirei a liberdade de

me aproximar de terra, embora percebesse em volta de mim tristêzas de afastamento nos que, tendo vindo lá do fundo da America, enviavam, através da neblina, demorados hurras ao commandante e ao immediato, que, no alto do portaló, os agradeciam com os seus bonés agaloados de oiro.

Da segunda vez que passei nessas aguas, foi tudo inteiramente outra coisa. Em logar de luxuoso paquete, regressei num pequeno navio de carga, que ia para o Cabo, mas não enjoei; e em vez de charanga a bordo, da azáfema de cem attenciosas librés e da nota interessante que na tolda põe o forasteiro rico com o seu ar imprevisto e os seus freseos trajes de viagem, tive a doce pacatêz de um navio modesto, simples em tudo, e rigorosamente britannico na ordem e no asseio. Viemos sempre em mar chão, e envoltos numa atmosphera clara e quieta. No andamento, inalteravelmente egual, ouvia-se o bater do embolo da machina, certo como o de um pendulo; as retrancas dos mastros não mudaram de posição, e as bôcas dos ventiladores vi-as sempre viradas á mesma brisa. De manhã, encontrava o navio tal qual o deixara; e, como não havia nuvens no céu e as aguas banzeiras não faziam differença, parecia que estavamos sempre no mesmo logar da vespera! Na vida

de bordo, calmaria identica: o commandante lá estava na camara ás voltas com as suas estatisticas; na ponte, o immediato e o homem do leme continuavam a mesma conversa em voz baixa; e o resto da marinhagem, se a havia, sumia-se não sei para onde! Eu passeava no soalho da coberta (que parecia esfregado todos os cinco minutos) como em Dezembro no terraço ladrilhado de um hotel de verão, que ninguem frequenta no inverno. Passageiros, alem de mim, dois: um caixeiro-viajante francês — sympathica mocidade que não cabia em si — e um inglês pallido, alto, olhar duro, e grandes bigodes caídos com tristêza aos cantos da bôca severa. Ambos tinham embarcado em Hamburgo, e conheciam-se.

Esse rapaz, entre almoço e jantar, contou-me toda a sua vida, todos os seus projectos, casamentos frustrados, casamentos planeados, o seu negocio actual e as suas emprêsas futuras, dizendo-me tudo isto agitadamente verboso, fumando muito, mechendo-se sempre, ora em pé, ora a cavallo num banco de lona, ora estirado numa cadeira de verga, ora encarrapitado num rolo de cabos, atirando os gestos, atirando o casquête para a nuca, ou uma farripa de cabello, que amiudadas vezes lhe caía, impertinente, para a testa afogueada! A sua extrema

vivacidade contrastava á imperturbabilidade do inglês que, afastado de nós, passeava sozinho, calcando as taboas, e olhando com aspereza o mar ao largo...

*
* *

Na véspera de chegarmos a Vigo, jogavamos pacatamente a malha, no ar brando dessa tarde de calma perfeita, quando o inglês veio entregar uma carta ao meu parceiro, conversou com elle minutos, e afastou-se, depois de lhe apertar rijamente a mão. A' noite não veio jantar á mesa, e eu perguntei por elle:

— Hoje não está bem.

— Doente?

— Muito. E' homem perdido!

O meu companheiro disse isto em voz baixa, apontando para o beliche do inglês — alli ao lado da sala de jantar. Calei-me; e elle atirou-se ao seu predilecto caril, de que vinha, até então, abusando impunemente. Viemos para cima, e, na sala de fumo, esse rapaz, que tão estouvado me parecera, tomou-se de um ar perfeitamente digno e disse-me, acendendo o cachimbo:

— Aquelle homem, que você alli vê, vai fazer uma coisa que rarissimos seriam capazes de fazer.

— O inglês?

— Sim. Doença incuravel de figado ha de matá-lo, fatalmente, dentro de poucos annos, e elle sabe-o! Tem uma filha que adora, educada lindamente, mas não tem um real para lhe deixar! Quiz fazer seguros de vida, mas nenhuma companhia lh'os aceitou. E' militar, e foi em Africa que arranjou a doença. Se morrer cá, a filha fica completamente pobre; mas se morrer nas colonias, em serviço ou em combate, o tempo é-lhe contado de outra maneira e a filha receberá uma pensão — garantia dos annos que viver. Já se vê o resto... vai ao Cabo para morrer por lá!

— E porque não leva a familia?

— Não lhe é possivel. Só depois de um anno de Africa é que a poderá mandar ir. Mas até então...

O Commissario, que passava, interrompeu-nos para dizer que de madrugada estariamos em Vigo. Era tarde. Descemos aos nossos beliches.

*
* *

No dia seguinte de manhãzinha, entrámos a bahia de Vigo. Logo vieram do caes, em direcção ao paquete, chusmas de barcos tripulados por maltrapilhos de faces esqualidas e olhos a arder. Por detrás da cidade espanhola, nascia o sol, muito rasteiro, pondo luz nos objectos só por um lado, de modo que os barcos pareciam feitos metade de pêz, metade de oiro; e as roupas dos homens e das mulheres tinham remendos de metal amarelo que debruava tambem os rebordos das marêtas, que a viração da manhã cavava nas aguas da ria.

Preparava-me para descer, quando o meu companheiro surgiu, açodado, os olhos a rir, o cachimbo nos dentes, o «kodak» a tiracolo, e um feltro branco, estroinamente posto para a nuca, a destacar do vivo escandaloso da sua gravata escarlate.

— Só agora?! — perguntei.

— Se não me acordam, era até S. Vicente!

Descemos os primeiros degraus da escada do portaló. A chusma de barqueiros ergueu para

nós os braços supplicantes como os dos «paineis das almas»! Todos nos queriam para o seu barco. A vozearia era atordoadora: uns offerecendo logares, regateando preços; outros, em despique, pretendendo levar-nos mais barato, por metade, por um terço, de graça! Ninguem se entendia! Afinal, lá caímos num qualquer, e logo sobre os nossos barqueiros choveram pragas afiadas nos dentes colericos dos outros que esmurravam violentamente o ar; mulheres, tambem de assanhados gestos, raivavam odios, implorando aos céus desgraças para elles, para os filhos, para os filhos dos filhos!; e os nossos ouvidos azoinavam-se nesta assuada infernal!

O meu companheiro, jovialmente humorado, achava tudo aquillo em extremo curioso e estoirava gargalhadas, engasgado com a fumaça do cachimbo, esquecido da machina photographica, atirando soldos á cara dos barqueiros famintos, e chamando «muchachas» ás galeguitas, de lenços encarnados cruzados no peito, que remavam em pé, com a trança negra do cabello a bater-lhes na cinta.

— «Viva tu madre y todolos niños que hayas de tener!»

E ria, ria, com a saude dos seus robustos vinte e cinco annos em explosão! Mas, derepente, calou-se, tomado de extremo respeito; e,

em pé, tirou o seu chapeu, despedindo-se do inglês, que na amurada, firmemente, militarmente, nos cumprimentava com o seu casquête. Vi-o bem, porque, emquanto o nosso barco se afastava, não tirei os olhos desse extraordinario, homem de extraordinaria vontade, que lá ia para o mar largo — para a Africa ardente — comprar com a vida o dote da filha!

* * *

No dia seguinte, em Portugal, abraçava-me nos meus.

Uma aldeia espiritual

(Assis)

Esse meu amigo, ao tempo em Roma, almoçava todos os dias num pequeno restaurante da Via Sixtina, onde eu ia ouvi-lo falar. Estava no periodo mais fervoroso da sua conversão: a palavra saía-lhe illuminada como se fosse a propria claridade, em que seu espirito vivia, que falasse; e toda a figura se transformara, tomando a physionomia das suas cogitações. Seus olhos, que conheci duros de vivêza sarcastica, tinham-se christianizado; a barba, longa e mansa, mudara inteiramente a feição á maxilla mordaz; e aquella testa, enrubescida, empallidecera, pregueada sobretudo entre as sobrancelhas, como se tivesse sido ahi o ponto de encontro das mais trabalhosas duvidas.

Nessa manhã, que era da vigilia do Natal, falou-me com ternura de S. Francisco de Assis — o grande santo; e mostrando-me o seu retrato, reproducção do de Subiaco, que corre como authentico, disse:

— Vou a Assis passar o Natal com os franciscanos. Venha dahi.

— Quando?

— Esta tarde. Chegaremos á hora da ceia.

Ao anoitecer partimos. Chovia.

* * *

As seis horas de viagem passaram rapidas, ouvindo esse convertido que falava da Bondade e da Verdade como se fala de irmãs queridas e bellas, adoradas desde meninas; e o seu sorriso vestia-se de felicidade! Eu pasmava de como aquelle espirito, opulento e irrequieto, conseguira serenar-se e encher-se de fortalêza, á hora em que os vigores do corpo esmorecem! Dôres e alegrias só entravam agóra na sua alma, depois de coadas pela reflexão que era nelle, dizia, «um Conselho de Cem Velhos!»

— Precisamos de estar sempre precavidos contra o que nos vem de fóra. Devemos pôr la-

zarêtos á barra do espirito. Se os palacios teem guardas ás portas, porque os não deve ter a alma — rainha exposta a perigos?

O comboio silvava na noite escura, e varas de agua chibatavam as vidraças, que estremeciam nos caixilhos, assustadas. Iamos sós no vagão, e fazia frio nessa noite de Dezembro. O meu companheiro falava da dôr:

— Uma grande dôr mata ou salva. Quem se desespera, não sabe apprender no soffrimento; mas quem se lava na amargura, adquire sabedoria. Porem, melhor que adquirir sabedoria na dôr é fazer-se cedo na prudencia, porque o homem que tem o sentido exacto da vida não sabe o que sejam adversidades. Só tem surprêsas o desprevenido. A saude perfeita do espirito está em considerar a vida uma coisa bella com suas alegrias e seus pesares. Nevrosado é o homem que das quatro estações do anno sómente ama uma, pois a verdade é que o inverno é tão bello como o estio, e a primavera como o outomno!

Ficámos um momento calados; mas elle olhava-me nos olhos com tal poder de insinuação, que me parecia que continuava a falar...

O comboio afrouxou, entrando numa estação triste, sumida entre arvores escuras, que ramalhavam. A' esquerda, luzia o Tibre, grosso de

aguas das chuvas, e do outro lado via-se no horizonte uma mancha negra; — os Apenninos. Tinhamos ainda algumas horas de viagem e não chegariamos antes da meia-noite.

— E se não nos abrem o convento? — perguntei.

— Esperam-me ha mais de oito dias. Em casa supõem-me lá.

Elle tinha dito em Portugal que viera á Italia ver «S. Francisco vivo e não o Papa morto!» E, aproposito, de novo a santidade do franciscano o enlevou. Mas eu disse-lhe:

— Na vida não se póde chegar a ser senão um homem de bem. A santidade, como a definem, é extra-humana. Um homem ennobrece-se pela virtude, mas não deixa de ser um homem. Homem superior é o que faz superior exercicio da vontade dominadora das más tendencias; e a respeito de ascetas purificados pela fome, julgo-os tão immoraes como o seriam as searas que se recusassem ás chuvas fertilizantes que o céu lhes manda. Só se comprehende o sacrificio do corpo, quando é amostra necessaria de amôr pelos outros.

— Erro, respondeu elle, cheio de bondade. Toda a existencia é uma experiencia do nosso valor sobre a natureza que nos deram; — e voltou a falar da santidade:

— Subjacente a tudo, estão os impulsos animaes, as paixões oppostas á virtude, que é uma energia no sentido do Bem. A nossa superioridade, como homens, está na consciencia desse esforço, a nossa superioridade como almas na realização desse esforço que deve ser continuo, de maneira que nossos actos, desde os mais miudos até os de maior responsabilidade, sejam sempre alumiados pela noção do Bem; isto é viver em nós; mas como tal proceder contraría instinctos e paixões illusoriamente deleitosas, trava-se luta tremenda em nós proprios: quem se vence é virtuoso, e quem se apura na virtude chega ao mais bello heroismo — o da santidade.

O comboio parara. Estavamos em Spoleto. A conversa virou-se para a Ombria e seus pintores, e dahi para Gioto, o amigo de Dante, que tinhamos visto em Padua e St.ª Cruz de Florença e iamos ver, de novo, nas paredes da igreja do Convento de S. Francisco, commentando a vida do santo.

Em Foligno, o compartimento encheu-se. Parara a chuva; e por entre grossas nuvens a lua muito pallida corria preocupada... Dahi a pouco o comboio silvou para parar, e vimos, em uma imminencia á direita, grupos de luzitas humildes: era Assis.

Atravessámos a gare humida, cheirando a petroleo, e metemos a pé para o convento, com os nossos indispensaveis e mantas. Logo passámos deante de uma igreja que era St.ª Maria dos Anjos. Lá dentro, devia estar a Porciuncula, e, proximo, o celebre jardim mystico das rosas sem espinhos.

— Quem diria que a candeia de azeite, que um dia ardeu aqui tão humildemente, se tornaria no sol de milhares de conventos espalhados pelo mundo inteiro?! — disse o meu amigo, quando iamos subindo.

No céu a lua ora nos alumiava, ora se apagava entre nuvens. Passava da meia-noite, quando batemos ao portão do convento; mas só depois de muito bater e de muito esperar é que vieram abrir. Não contavam comnosco áquella hora. O meu amigo disse quem era, e tirando do bolso uma carta, mandou-a ao frade director. O guarda voltou, percorremos com elle longos corredores e entrámos numa cella que tinha duas camas, que nos esperavam, havia dias. Em cima da mesa, uma garrafa com agua, um castiçal e um maço de jornaes, atados, para o meu amigo. Soubemos, então: os velhinhos, todos mais ou menos doentes, já estavam recolhidos nas suas cellas, e ninguem festejára a ceia do Natal. Ficámos desolados! O guarda reti-

rou-se. Abrimos uma janela de varanda e vimos que estavamos num quarto ou quinto andar, sobranceiro a um valle, e no extremo de pequena aldeia, á esquerda, quieta e pobremente illuminada. Deram quartos na torre proxima, e no silencio das horas mortas só se ouviam as aguas de um rio quebrando-se em pedregulhos.

. . . . . .

A' janela, olhando caladamente a noite, o meu companheiro pensava no seu santo. E como namorado que vem á cidade onde vive a pessoa aquem ama e julga encontrar em todos os grupos, e a todas as pessoas lhe appetece perguntar por ella como se todos della lhe soubessem dar relação, assim elle supunha que as arvores, a cal daquellas paredes, ou o ferro da sacada a que estava encostado sabiam falar-lhe do santo seu amigo! Vi-o olhar enamorado, com olhos de perguntar, para tudo que nos cercava, dilatando-os pelas sombras do valle que tinhamos deante de nós. Depois, começou a falar baixo, mas, pouco a pouco, a voz foi-se elevando até que o entendi; e disse, não nesta forma (já lá vão tantos annos!) mas semelhantemente:

— «Nunca houve alma mais amorosa que a deste santo! O mais louco amôr que um homem pode ter a uma mulher, ou uma mulher a um

homem; o maior amôr de mãe por filho ou de irmã por irmão, são coisas mesquinhas comparadas ao amôr que este santo tinha a todos os homens, a todas as mulheres, a todos os animaes, a todas as coisas — amôr feito de todos esses amôres. A sua alma era Amôr. Se roçasse por uma arvore, se tocasse numa pedra, tudo ficava tocado de amôr. A' irmã agua e ao irmão vento não amava de amôr differente de aquelle que tinha a essa mulher que depois foi St.ª Clara, ou a esse frade querido chamado Elias. A sua alma tinha o genio santo de sentir o affecto que ha no intimo da creação e que só o amôr entende. Seus ouvidos ouviam os beijos das raizes, seus olhos viam os amores das estrêllas! A sua alma, servida por taes sentidos, vivia na harmonia e no agradecimento; e por isso seus canticos são a Naturêza rezada. A Pobrêza, com quem se casou, era, afinal, a Riquêza de ser como a Naturêza que não faz celeiro para ter com que se alimentar, nem se veste para que a respeitem. Bem honestos eram os castanheiros do Alverno e não os via cobertos senão de sua propria casca e de seus proprios ramos; bem casta era a irmã agua e era nua que ella corria pelos lameiros verdes, «humilde e preciosa.» Ser como a Naturêza, simples, bom e alegre, era a regra da sua ordem; e eis porque o seu ascetis-

mo, lavado de tragicos horrores, tinha a frescura dos prados e das levadas, e todo era uma plena communhão com o céu, as arvores e os horizontes infinitos. Por seu gôsto, os mosteiros franciscanos nunca teriam sido senão acampamentos de tendas no alto das montanhas, tendo penedos por altares e florestas por claustros. Bemquisto das almas dos homens, das dos brutos e das das coisas, por onde passasse era Abril de trigaes verdes, era estio que traz fartura. Por isso, os ventos destes pinhaes, os ribeiros, e as gargantas das andorinhas que lhe brincavam nas sandalias e no capuz, canonizaram em vida o seu amigo com cantos amorosos que duram ainda.—»

. . . . . .

O meu companheiro estava todo cheio da alma do santo, e divagava. A noite ia alta. Planeámos, então, levantar cedo, no dia seguinte, para visitar a igreja do convento, que era formada de três, sobrepostas ao tumulo de S. Francisco, e nellas ver como a alma sã de Giotto entendeu a do santo; e subir tambem ao monte Subasio, avistando de lá a linda terra da Ombria, deante da qual S. Francisco rezava de joelhos, na soleira da porta do seu eremiterio de Carceri.

Fechamos a janela. O meu amigo, ainda

alheado, passeava pelo quarto, recitando alto versos do «Cantico do sol»:

> Laudato si, mi signore, per sora lune e le stelle,
> in celu l'ai formate clarite et pretiose et belle.

Então, distrahido, aproximou-se da mesa e desatou o maço de jornaes sobrescritados para elle. Cartas e telegrammas cairam de dentro. Abriu um e logo os seus olhos cambalearam de espanto deante desta palavra: *pêsames!* Abriu outro e leu, pondo em mim o olhar assombrado: *abraço-o commovidissimo!*; e foi assim, numa ancia horrivel, estupidos e afflictos, que rasgámos quarto ou quinto telegramma que dizia ter morrido um filho seu, num desastre na caça! O meu pobre amigo soltou um abafado grito de dôr, como se instantaneamente o esmagasse uma montanha de chumbo! Subito, atirou-se ao chão num desespero louco, querendo morder as roupas e os ferros da cama, esmurraçando o peito, batendo com a cabeça nas paredes, praguejando, rezando, chorando, com a voz cheia de soluços, de fadiga, de dôr! Depois, derepente, levantou-se do chão, correu á janela e com tanto impeto se atirou de cabeça contra as portadas que os caixilhos e os vidros cairam em estilhaços, rasgando-lhe as mãos,

a testa e a face, ao enfiar o corpo para se precipitar daquella medonha altura! Foi uma luta intensa, e só muito tarde, quando o cansaço o prostrára, consegui dominá-lo!

Partimos nessa mesma madrugada para apanhar em Chiusi o expresso de Florença, que passava ainda de noite. Eu voltei para Roma; e Assis, que não vi, ficou para mim a aldeia mystica do tempo de S. Francisco, vista através dos sonhos de um convertido. O meu amigo soffreu muito, atrozmente!; mas na gare de Chiusi, serenado, disse-me da portinhola do comboio, ao partir:

— Devo ter peccado muito com os meus desesperos. Deus m'os perdoe! Ah!, amigo, S. Francisco tinha razão: «quem quiser salvar a alma dos outros deve começar por salvar a sua!»

Lisboa

Meu caro minhôto:

Havia um meio infallivel de te desilludires da falsa opinião que tens desta Lisboa estonteadora: era vires viver para aqui, expondo-te, desprevenido, aos encontrões do bom-trato do Chiado, ás vaidades do Terreiro do Paço, aos bastidores do mundanismo, á pallidez das arvores da Avenida, que teem olheiras... Quando a meiga affabilidade da tua alma transparente, para quem as boas maneiras são seu modo de ser, recebesse o choque brutal dos amoraes que consideram a vida uma esturdia esfusiante de

prazeres, e a quem nada conteem senão as exteriores correcções em que espartilham a consciencia molle, para viver na sociedade — toda apparencias; quando a tua voz, afeita a bradar, de margem a margem, por sobre o largo rio da tua aldeia, se sentisse gradeada em imbecis conveniencias, e tivesses de aturar, com simulado respeito, reputações rigidas e ôcas como os santos de róca da tua igreja,—então soffrerias a elucidativa decepção a que me refiro. Mas eu não desejo que faças em ti a experiencia das tuas desillusões, embora esteja certo de que não ha ensino mais prestimoso que o que é feito á nossa custa... E porque não desejo isso, aqui estou no meu papel de amigo, pondo em convencer-te o mais energico empenho de persuasão, uma vez que me pedes o conselho que fias de mim por muito te conhecer. Na verdade, conheço-te bem, e por isso digo rasgadamente: não venhas!

Comprehendo que Lisboa te enlice, pois para quem vive lá em cima — no Minho ou em Trás-os-Montes — Lisboa é melhor que «coisa bôa», é coisa appetecida! De antes, porque as viagens eram trabalhosas de canseiras, e caras, nascia-se e morria-se no desejo de a ver; e para esses Lisboa devera ter sido bella!... Não digo que esta terra fique sempre para ti no limpido

prestigio das coisas desejadas...; mas peço-te que desistas de te fixar aqui, com mulher e filhos; que queimes no lume da tua lareira essas phantasias de alcançar uma situação, desajudado de tudo que não seja o teu trabalho livre e a tua intelligencia sempre honestamente intencionada; emfim, que abandones por completo esse plano de dar novo rumo á tua vida até este momento limpa de vaidades e solida de purezas.

Não, meu caro, não deves deixar a tua casa, os amigos certos do tempo de rapaz, os teus campos, os teus caseiros, o teu gado, as tuas colmeias e as tuas gallinhas, por miragens de collegial, que não vão bem com os nossos cabêllos a empoarem-se de brancas. A tua situação de meios é mais que desafogada; e o mel das tuas abelhas, e os pintos das tuas gallinhas chocadeiras pagam sufficientemente os trabalhos dessa poetica industria que tem como expositores technicos os versos de Virgilio e de Lucrecio, e essas paginas perfeitas da «Vie des abeilles» de Maeterlinck. No campo, és homem rico porque és livre, e não o serias aqui, onde a vida é cara pelo comer, pelo vestir, e carissima pelo que se gasta a alma no soffrer o que se não tem!

*
* *

As razões desta miúda insistentcia são varias, e vou expôr-t'as; antes, porem, deixa-me contar-te uma anedocta — um caso passado commigo — para de alguma maneira te mostrar que tambem tive de Lisboa a mesma illudida impressão que neste momento te enamora, e que só perdi depois que pratiquei com ella.

Aqui ha um bom par de annos, vindo eu de uma romaria — três dias de esturdia pegada, e, ao tempo, tão palrante a ida como a volta — esperava na estação de Barrosellas pelo comboio minhoto, que logo se encheu de magotes de mulheres enchumaçadas de saias e saiotes, e de homens em mangas de camisa, paus no ar, e largos chapéus braguêses, embandeirados com o registo da santa milagreira — coisas de ti conhecidas como os teus dedos. Nessa barafunda de assaltar o comboio, apartei-me do meu rancho; e emquanto elles, com as trouxas dos farneis se accommodavam, arruaçadamente, pelos bancos das terceiras, eu encafuava-me, sem saber como, num compartimento de primeira,

entre pessoas da cidade, asseadas e pallidas, que me olharam de alto. Reparei, então, quanto eram grosseiros os meus ensebados sapatos de prateleira, queimadas do sol as minhas mãos livres, e como o meu lodam, riscado dos tojos, se sentia mazorro topando a alcatifa, civilizada e escarrada, daquelle vagão de primeira! Mas logo adeante, em Vianna, o compartimento ficou quasi vazio: eu; um padre carregadamente trigueiro, olhos muito negros e precoces cabellos brancos, cortidos á pressa, ainda duros; e um homem novo com geito de ser pessoa triste, porque viera todo o tempo com a cabeça encostada á janela e os olhos tão alongados por sobre o que ia vendo, e arrastados, como se fossem contas negras de camandulas, e elle as trouxesse de rojo por aquelles campos verdes e calmos — permitte-me a comparação. Pelas alturas da veiga da Areosa, que cheirava a feno e a mar, o padre meteu-se á fala com o nosso companheiro, que respondia com palavras vagarosas e trejeitos meigos de bôca sorridente, como se falasse a senhoras... Veio á balha Lisboa: os olhos do padre riram de frescôr juvenil, mas os do moço quebraram-se de fastio! Foi, então, que ouvi miseraveis coisas de Lisboa, da vida postiça das suas ruas, das suas meninas resabidas, das comesinhas traições de portas

a dentro, e isso impressionou-me devéras; e quando, proximo de Valença, me apeei, ia assim com a cabeça atordoada, querendo mal á sociedade, como se saisse de um tribunal onde tivesse assistido á condemnação injusta de qualquer desprotegido...; mas no dia seguinte acordei varrido de pesares, e as minhas férias grandes continuaram reinadias como até alli: furoar coelhos, fisgar sôlhas no rio Minho, e derriçar á larga moças repontonas, que, nos serões das espadeladas, nos arraiaes e nas barulhentas feiras de anno se mostram ariscas para armar ao paleio! Do homemzinho nunca mais me lembrei.

Ora isto vem para te dizer que, se hoje de novo ouvisse esse desconhecido, tudo o que elle dissesse não me causaria o menor espanto, nem sombras de incredulidade, mas, pelo contrario, tambem poderia accrescentar de minha justiça!

* * *

Agora vou dizer-te porque nunca te casarias com esta terra — tão linda, mas tão falsa! Tu és um ingenuo, e ella é para espertos; a tua alma candida saborea Rousseau, em vês de

se aguerrir nas paginas fortes dos livros de Roosevelt, clamando tenacidade. A provincia conquista Lisboa, não ha duvida; mas é a provincia audaz, e tu representas a provincia timida. Lisboa, áparte o commercio e a industria, os militares e o povo, divide-se em dois mundos: o dos vencedores (homens das Beiras e de Trás-os-Montes — especie de barbaros sanguineos, intelligentes e tenazes que arremetem com estrepito e não desferram as unhas senão depois de realizar o que puseram no intento); e os vencidos — alfacinhas dessorados e a aristocracia impotente. Ora tu não arranchas com os primeiros, e nem sempre a tua hereditaria democracia se sentiria bem entre os segundos.

Uns e outros formam a atmosphera de mentira, que te sufocaria. Nas ruas, nos salões, nos theatros, ninguem se mostra como é: parecem todos ricos, sendo menos que remediados; todos teem ares polidos, sendo grosseiramente egoistas. Maneiras finas tem-las tu, porque a tua alma é fina; as dos exteriormente attenciosos são como flôres em pés de arame: murcham na mesma tarde! Vê tu, flôres em pés de arame!; pois são estas as que se vendem nas cidades!

Mentem-te as almas, as casas, os moveis, as roupas dos homens, e os vestidos das mulheres. Os teus olhos, afeitos á verdade, suppõem ver

casas de pedra, quando são de barro, por não poderem ser de papelão, ou de chita; que os moveis são todos da madeira que apparentam, quando o são somente no millimetro da casca que teem por fóra—taes quaes os vestidos dessas senhoras que palmilham a horas certas o Chiado e a rua do Oiro: por fóra seda estampada, por dentro fôrro de paninho! Oh!, os bastidores dêsses vestidos! Teem mais ripas e frangalhos que as lônas dos Dallots!

Mas Lisboa é assim: frequenta theatros e toiradas; tem carruagem aos domingos para fazer, em passo de entêrro e entre poeira chique, a volta do Campo Grande e da Avenida; usa passadeira na escada, mas dorme em quarto de soalho encardido; come mal; e contenta a vista pondo nos aparadores e na mesa de jantar flôres de papel ou de borracha! Julgas que a maioria da gente de Lisboa tem aquelle apêgo aos finos linhos ou ás baixellas de lindas pratas que são o recheio e o luxo das vossas casas? Qual! Do interior ninguem cuida; e se não comem em mesas de zinco não é porque lhes repugne essa oleosa cobertura, mas porque receiam ser surprehendidos por visitas linguareiras que reparem e vão dizer que fulanos não usam toalha na mesa! Compram-se então no Grandella uns panos de algodão com estampa-

gens calandradas, que fingem lavores de damasco; e do Baeta Dias trazem-se bugigangas de pechisbeque doirado, prateado, bronzeado, marmoreado que, dizem, imita lindamente o oiro, a prata, o bronze e o marmore; e com isto regalam a vista e enchem bufetes e mesas, atravancando cubiculos boleados de sanefas e de reposteiros baratos, que nunca se espanam, e de cortinados que nunca se mudam!

Medindo tudo pela mesma craveira da mentira, obrigam os velhos Palacios, fallidos mas nobres, a representar dolorosos papeis para que não foram nascidos nem creados: servir a escancaradas repartições publicas, amaltando as suas paredes apaineladas, os seus heraldicos roda-pés de azulejos, os seus altos tectos de talha, com a arraia miuda de um mobiliario barato; e mais a soffrer nos seus soalhos o enxovalho dos escarros de mil bôcas sujas; e a sentir as suas escadarias monumentaes, feitas para chapins, enlameadas por centenas de butes saloios, que de fóra veem á cidade pagar tributos ao Estado, ou petilhar querelas de fôro, ou botar annuncios nas gazêtas!

Ora tu, que tens uma melindrosa sensibilidade que de tudo se doe, como viverias no meio de isto?

Não, não venhas para cá.

* * *

Crê, cedo te aborrecerias de tanta futilidade, de tanto Baeta Dias! Não, não troques o ar filtrado na caruma balsamica dos pinhaes pelo das cidades, cheio de miasmas das bôcas dos canos e das bôcas da gente. Tu, que tens um farto ribeiro a passar-te á porta, terias aqui de descer á mesquinhêz de comprar agua aos copos para apagar a sede; tu, que da janela da tua casa avistas montes de terra que te pertencem, terias de comprar terra a dez réis a mão-cheia, se não quizesses renunciar ao regalo de ver em Maio a toalha do teu almoço ajardinada de cravos brancos, rajados e escarlates; tu, que és todo familia, como gostarias de viver num meio em que a rua interessa mais que o lar? Tu, que estimas ver a mulher trajada com resguardo, toparias a cada passo com desnudadas ou farfalheiras; tu, que amas a casa em que vives, porque ella tem o ar sagrado de coisa poída pelos teus, e é ampla de amizade nas salas que offerece, nos arranjos de que dispõe, e fortemente independente na sua vida iso-

lada, vê, terias de passar a viver num andar, paredes meias com vizinhos da direita e da esquerda, por cima e por baixo, em casas sem luz, sem quintal e sem arvores, em aposentos somiticos, medidos rés-vés, e com soalhos e tabiques tão franzinos que precisarias de andar em bicos de pés para não acordar os teus vizinhos, de falar baixo para não seres ouvido e de ter cortinas duplas nas janelas para que elles, que te cercam pela frente, pelos lados e por detrás, não devassem a mesa do teu jantar, ou o quarto em que dormes! Tu, que vês nas tradições a estima prolongada da estima em que viveram teus avós, e que no teu lar não deixas esquecer nenhumas, e pões em volta de uma travessa de rabanadas pelo Natal, ou de um caldo de castanhas em domingo de Ramos, a poetica liturgia do pai de familia amoroso do prestigio do lar, como te entenderias nesta terra que de tudo isso se esqueceu, ou deixou dessorar em praxes burocraticas, em que não arde um fio de apêgo, ou de poesia — aqui onde se passam as principaes festas do anno sem se dar por isso; nas igrejas se canta a ladainha em tons de valsa; ás Trindades os sinos bimbalham Offenbach; e os jornalistas entrevistam, á hora compungida do nojo, a familia do morto, para inquirir, redigir e mandar para as gazêtas as

palavras com que elle se despediu dos seus! Tu, emfim, que de onde a onde pões agrado em saborear o teu Bernardes e o teu Frei Luís de Soisa, fica sabendo que não entenderias português, se o ouvisses falado, não por quem usa faixa e calças bôca de sino, na Alfama ou no caes da Ribeira—que esse é expressivo e pittorêsco; mas á porta do Tavares, em bôcas de janotas, que o falam no calão saracoteado do cocheiro, piparote no Mazanttini, que, ao balcão do «Trinca», paga dois decilitros á gaja da esquina!

*
* *

Conheces-me bem, e portanto não verás exagero, ou pessimismo, no que escrevo, tanto mais que sou o primeiro a dizer-te que, sem as pechas apontadas, seria um gôsto viver aqui, pois terra mais interessante não se encontra! Lisboa, meu caro, tem tantos aspectos differentes, que nella ha como que varias cidades. Uma é essa Baixa symetrica, empastadamente humida e empastadamente barulhenta, sempre coberta de um formigueiro de gente que vai e que vem, com o Terreiro do Paço sobre o lindo lago do Tejo, que a casaria do Barreiro e os longes azues

das montanhas de Palmella e de Arrabida fecham com agrado; a rua do Oiro cosmopolita; a rua Augusta mais serena e intelligente; e a da Prata modestissima—das três irmãs a unica educada á antiga, laboriosa e metida comsigo. O Rocio, e a moderna Avenida, pretenciosa mas supportavel, com os seus altos desafogados, de onde se vê o Tejo e as terras luminosas da Outra-Banda; com as suas novas ruas arejadas, que vão até o Campo Grande, e são a cidade onde vive quem mais se mostra, e aonde vem quem primeiro a visita.

A Estrella, as ruas pacatas dos Navegantes e de Buenos-Aires, os bairros solhosos das Trinas e da Lapa, de onde o céu se vê de lado a lado, são inteiramente outra cidade, no alto de uma collina, cheia de panoramas para outras collinas apinhadas de casaria, sobre o Tejo azul, coberto de navios — esse Tejo que é tantas vezes differente, na côr e na physionomia, quantos os sitios de onde se olha. Da Rocha do Conde de Obidos, ou dos Altos de Alcantara, vê-se o rio moirejar de sol a sol, á torreira de Agosto ou sob os aguaceiros do inverno, na faina pegada de carregar e descarregar navios, com centenas de barcaças a trasbordarem de palha, de pipos, de saccas, de fardos; labutando, encardido das nuvens de carvão de pedra, que

esfumaçam dos vapores, e cheirando a maresia, a trabalho e ao breu sadio do cordeame dos hiates e dos cahiques molhados nas suas aguas negras e duras. Mas defronte do Arsenal de Marinha, essas aguas, pintadas de variedade infinita de côres e chilreantes de bandos de gaivotas que se baloiçam, são tão alegres que os blindados navios de combate, com os porões atulhados de balas, com as torres e cobertas apetrechadas de canhões e de metralhadoras — todos guerra — parecem, nessas tintas amaveis, inoffensivos «yachts» de recreio! E lá de cima de St.ª Clara ou do Poço do Bispo, larguissimo, com terras rasas nas margens de alem, que o prolongam, azul, liso, uma ou outra barca airosa — vela panda e cortar sereno — o rio tem a força e a saude campesina das lezirias do Ribatejo, fartas de agua, de sol e de pastos, com manadas de toiros e de cavallos que se retoiçam felizes nos relvões da borda de agua.

Outra cidade em Lisboa são os bêcos da Moiraria suja e arabe. Outra, a Alfama desventurada, cheia de fado e de noite!; mas, logo por cima, o largo da Graça, quieto e varrido, é tal qual a praça de uma villa de provincia, com as suas casas miúdas, a sua lojita de barbeiro, o seu commercio em bazares, e tambem um pouco com o aspecto de vida de cada um na sua tóca.

Quem quizer ir para a provincia ou mudar de ares, basta ir para lá.

S. Pedro de Alcantara é, em grande, um jardim lisboêta, de trapeira — um jardim debruçado de um quarto andar, sobre telhados — um jardim na barquinha de um balão, a ver-se muito céu á volta, em baixo a Avenida, e, para alem do valle, as collinas do Monte, da Graça, e do Campo de Santa Anna, cheias de sol, a rirem, ditosas, sob o alto azul encantador!

Assim é Lisboa, aos altos e baixos, nas suas sete collinas, que, vistas da barra, não teem rival. Quem passeia nella pela primeira vez, a todos os momentos se surprehende pela diversidade de aspectos: entra-se numa ruela abafada pelo esfarrapado toldo de roupa a seccar, e aos lados ensombrada pelas covas negras das carvoarias do rés-do-chão; mas, derepente, passa-se á bôca de ruas de centenas de escadinhas, que trepam do fundo da collina, até onde desceram pela encosta de lá, da outra collina defrontante, avistada num acuculo de casas de mil tons da cal das paredes, dos telhados vermelhos, dos telhados escuros, das arvores, dos jardins esverdinhados e das clara-boias scintillando no ar transparente!

Não ha duvida, meu amigo, Lisboa é linda, muito linda! Vem vê-la e volta para o teu canto;

mas se, por desventura, a mó da tua felicidade desandar, e teus negocios, por urgentes, te atirarem para aqui, não busques instalação na cidade, mas num arrabalde tranquillo, entre hortas ou á beira mar; ou, pelo menos, refugia-te num quinto andar — como aconselhava João de Deus!

Teu:

O mosteiro do Canigou

Dêsse convento medieval, perdido entre serras, no refego de um contraforte da alta montanha do Canigou, numa terra negra e penhascosa que arremessa ao céu os pincaros de suas rochas e desce a pique em ravinas profundas, cheias de negrume, onde o sol não entra; dêsse convento resta uma torre triste, bôcas sombrias de cryptas, abobadas e columnas de uma igreja meio soterrada—ruinas esverdinhadas pela humidade de seculos, estarrecendo, pelo silencio estagnado e pelo terror das suas lendas, quem se aproxima dellas!

Desde longe, se caminha por serras para lá chegar. Ficam para trás aldeias alegres: o ultimo sorriso, nessa paisagem de contrição, é o

pequeno povoado de Casteil, na aba de um monte, de algumas casas alcandoradas, pobres, mas solheiras; passado elle, continuam as dobras da serra, com sua sombra, sua terra sêcca, seus caminhos asperos; subindo-a, cada um sente seu fato transformar-se em burel, e nos hombros pesar-lhe o fardo dos dias passados em descuido...

Vae-se subindo e cogitando. Parece que anoitece a cada curva de caminho... De um lado, precipicios funestos, que nos apavoram os olhos e nos estrangulam a voz; do outro, a paisagem dilatada da cordilheira dos Pyrinéus illuminados de sol, cavados de sombra, cheios de vago, distantes... cheios de suggestões abrindo alvorada a um mundo de coisas que temos adormentadas no intimo da nossa consciencia religiosa!

Nesta contradição, quando se chega ao alto, ao convento, a alma vae tão abatida, pelo que disse e pelo que ouviu dizer aos penedos que espionam nos caminhos, ao cantico do sol nas serras, aos espinheiros bravios, á sombra e á terra funda das ravinas, que quisera ter onde repoisar; mas não encontra senão ruinas e silencio!

* * *

Diz a lenda que um conde da Cerdenna, Guidfredo — no seculo X — andando em guerra com moiros, veio postar-se, com suas tropas, neste desfiladeiro, para os surprehender e trucidar ; mas, porque tinha de attendêr a varios pontos no ataque, deu esse commando a um sobrinho, órdenando-lhe que, sem ordem sua, não atacasse o inimigo, por mais imminente que estivesse o perigo. O sobrinho, moço e afoito, querendo para si quinhão na façanha, pôs-se á cata dos moiros; e, quando lhe pareceu opportuno, atacou-os, sem esperar ordens nem forças do tio. A operação foi desastrosa; e o conde, num accesso de ira, apunhalou o sobrinho.

Desde então, por este crime e por outros, os pavores do inferno opprimiam, dia e noite, o conde da Cerdenha, e tão consumidamente que, ao cabo de annos, meteu-se elle a caminho e foi de rojos aos pés do Papa que o penitenciou a desprezar os haveres do seu condado, a partir das suas riquezas com os necessitados, e a viver, de ora ávante, vida de pobre. Obedeceu o conde com humildade; mas toda essa peniten-

cia não minorou a carga de remorsos que lhe obumbravam o espirito attribulado. Voltou de novo aos pés do Papa, que exigiu, como expiação, que no mesmo sitio onde assassinara o sobrinho, ahi erguesse um convento e nelle entrasse como primeiro monge e ultimo dos creados! Submisso, construiu, então, esse mosteiro de S. Martinho do Canigou e enclausurou-se nelle para toda a vida, expiando, em maceradas penitencias, a enfiada de delictos que o apavoravam; até que um dia, confiado de que estava limpo de culpa e de mãos puras, e querendo enriquecer seu mosteiro de reliquias de santos, enviou emissarios á crypta de S. Saturnino, em Tolosa—ao tempo, riquissimo santuario. Mas os emissarios do conde peccador voltaram aterrorizados e de mãos vazias, porque as urnas das reliquias não se deixaram abrir!

Caiu em si o conde; e, sentindo que estava longe de haver expiado seus crimes, reduplicou os rigores de sua penitencia. Tinha sangue espanhol, queimante e indomavel, a correr-lhe no corpo, e por isso seu mysticismo devera ter sido truculento, numa lucta de gigantes, torcendo a toda a hora os impetos da sua raça, aferroando o corpo para dessangrar seivas, envelhecendo, á pressa e á força, o rebentar viçoso de sua compleição robusta. O mysticismo es-

panhol é feito de intimos desesperos, de pragas e de preces—cicios de orações por entre ranger de dentes—no martyrio tenaz de congelar sangue que é fogo, de amordaçar rugidos de carne violenta de desejos, de quebrar a vida nos olhos deslumbrantes! A's bôcas ardentes, que procuram outras bôcas, dão-se-lhes pedras de sepultura para beijar!; e aos braços, que querem abraçar corpos quentes, dão-se-lhes mortas cruzes de ferro para abraçar! Macera-se a flôr da Vida em sacrificio á flôr da Graça! E depois de tanta lucta, o corpo fica tão mesquinho e a alma tão dilatada, que já vive em Deus muito antes que a morte atire para a cova essa carne vencida, onde ardeu tanta luz!

*
* *

O conde morreu no convento. Annos antes, para que seu corpo nem mesmo na morte gosasse a volupia da terra macia, foi-se a uma rocha viva, que havia do lado de fóra da igreja, e cavou a sua propria sepultura, picando a pedra, dia a dia, entre orações e sorrisos de bemaventurança! Ainda hoje se vê essa estreita campa — miserrima coisa onde o cadaver teve de ser posto de esguelha para caber!

Diz outra lenda que a condessa de Guisla, mulher do conde, se refugiára nesse mosteiro para chorar; e que as lagrimas choradas num grande pano de linho o mancharam de fios de sangue, por sobre os quaes a condessa bordara lhama de prata, incrustando suas joias nas manchas de suas lagrimas. Passou a vida picando o pano e o coração...; e, ao cabo de annos, já sem lagrimas para chorar, nem olhos para vêr, offertara o estranho bordado para frontal de um altar — bem ás vistas, como penitencia publica de seus peccados e exemplo de dôres contritas!

E como estas, outras lendas de torturado mysticismo.

* * *

Desde o seculo XI, o convento foi dado a frades de S. Bento; e corria ao longe a fama de sua santidade. Ahi subiu muita alma a lavar-se de seus peccados; ahi viveram monges austera vida ascetica; de ahi homens, de corpo mirrado e a alma em luz, desceram á vida — á Dôr — a praticar virtude, aliviando muito soffrimento, alumiando muita escuridão, espargindo ternura por cima de todas as miserias!

*
* *

Ha sobre a terra destes seminarios de silencio, onde a consciencia vem aprender a meditar! O vago de uma paisagem de serranias, a serenidade da naturêza formidavel e calada, as noites de falas profundas ensinam um saber que não vem nos livros. Cercando-se da naturêza, quem vem da vida e para ella tem de voltar robustecido de verdades, de tudo tira ensinamento: das rochas, insensiveis ao orvalho ou ás tempestades, a fortalêza de ser indifferente ás lisonjas da vaidade e ás injurias dos maus; a terra laboriosa fala-nos da paz das tarefas acabadas pelo amor dos outros; de constancia e firmeza em tudo ha modelos; das torrentes furiosas e do veio de agua que fertiliza, a lição é tão clara como essa agua; a resignação é o que mais se vê nas coisas; os pés topam a todo o instante com casos de humildade; e a enganosa magia da terra aspera das montanhas, que vista de longe parece setim, é evidente ensino do que são as miragens das illusões terrenas. E mais, e mais! Ah! não faltam lições em que aprender; não faltam exemplos pela naturêza fóra, encami-

nhando os pés de quem se quiser guiar por ella — a grande Mestra.

Fóra do contacto da naturêza, as almas estragam-se. Vive-se na alucinação de uma estridula mascarada de gosos em que tudo se esquece. E, no entanto, ha um sentido mais alto da vida: embellezar a alma de virtudes. Mente-se a toda a hora —nós que deveramos andar sempre de braço dado com a linda Verdade; engana-se a todo o instante—nós que deveramos trazer o coração tão cheio de lealdade, que ella nos suba aos olhos, sempre que os pusermos em alguem; que ella nos molhe a bôca, sempre que vamos para falar.

Destes ermos avistam-se melhor os erros da vida e sente-se mais vivamente o remorder dos proprios peccados. A reflexão adverte, e os bons propositos melhoram. Ah! pudéssem os ventos destas solidões varrer-nos da alma malquerenças e rancores, pondo-nos no coração a frescura de perdoar; substituir pela humildade rasa o orgulho vão; despir-nos de ambições; moderar-nos de temperança no querer, e de prudencia no ajuizar; encher-nos o espirito de Verdade e o coração de Amor; e, sobretudo, convencer-nos de que a maior felicidade sobre a terra está em ser livre, e a maior liberdade em saber ser pobre!

O Minho pesarôso

Gostando eu tanto do Minho meu amigo, terra de brandos oiteiros e sempre jovialmente verde; terra para onde vou como para um quintal: a descansar o pensamento, a feriar a vontade; terra querida que me faz sorrir por dentro; certo logar ha nelle que me enche de mágua, me pesa e me aperta o coração! Esse logar é, numa cova cercada de pinhaes bravos, um solar em ruinas! A capella não tinha cruz, os nichos não tinham santos, e aos buracos do pombal arrancaram as meninas dos olhos...; os chafarizes estavam sêccos, e a agua dos tanques coalhada e doente; as paredes, desaprumadas, tinham inchaços e verdes molestias; no beiral havia a farragem da miseria: telhas partidas, vigas pôdres, er-

vas humidas; e porque a escada de pedra era alta, limosa e sem corrimão, nós, as creanças, olhavamo-la com terror!

Emquanto vivi na ruina dessa casa, entre os nove e os doze annos, tudo me correu mal — nos correu mal; e como foi ahi que a minha sensibilidade soffreu as primeiras pisaduras, sempre que as recordo, essas, parecem-me maiores que as mais que, pelos annos fóra, calcam a alma, trochando-a com o alimento de fortalêzas que dá a aspera experiencia de viver!

Coisa curiosa: nunca pude voltar a esse logar! Mais de uma vez o tentei, escolhendo dia bonito e amavel disposição de espirito. Embora! A's barreiras da cidade, ao dobrar a estrada — ao voltar a cara para lá — o humor vestia-se de dó e a alegria do dia enviuvava, como se invernasse derepente! Desisti; e essa quinta ficou para mim mais que um logar triste, ficou um pesar de infancia, a que vieram sobrepor-se pesares de mocidade — pesares que são a roupa interior que a gente traz permanentemente comsigo e de que os olhos tristes e as maneiras quebradas mostram a côr e o pano!...

Recordando estas coisas, reflicto, não na vivêza da minha sensibilidade, porque tal é commum á infancia, mas na precoce qualidade de

ser dorida e firme no guardar a dôr. Ainda me doe o que me doeu; e estou certo de que, se chegasse á velhice, sentiria lá (como se sente um cilicio que de uma vez para sempre se aferrou á cinta) todos os males passados!

. . . . . .

* * *

Essa quinta!

Eu ia de manhã cedo a uma freguesia vizinha buscar um pucaro de leite. Pisando a geada, tiritava; mas uma vez a Lucia — rapariguita da minha idade, que tinha os olhos castanhos como saragoça — aqueceu-me nas suas, e com o seu bafo, as minhas mãos enregeladas, emquanto o pai ordenhava no quinteiro a vacca barrosã. Outra vez, deu-me castanhas assadas, da véspera, que para mim guardara do seu pequeno jantar; e, certa manhã, passou-me de tal maneira as mãos nos olhos (que a olhavam!) que nunca mais me esqueci dessa festa! Tudo isto me apegou tanto, que era com gôsto que, no inverno, em Janeiro, me metia a essa matutina caminhada, através dos campos, molhando os sapatos e os pés nas ervas orvalhadas. Foi a pri-

meira alma feminina de quem gostei; e gostei, porque os olhos de Lucia, mansos como os dos perdigueiros, diziam, na esperança do seu brilho, querer-me bem; e porque as suas mãos eram carinhosas para as minhas frieiras em chaga, e tinham amigas maciêzas quando me afagavam os olhos!

Pois estas mãos de bondade, tão queridas ao meu terno agradecimento — mãos limpas de peccado — foram (como explica-lo?!) maltratadas pela sorte: uma tarde de verão, em que Lucia adormecera á borda do ingenho de serrar madeira, aonde fôra levar o jantar ao pai, uma roda apanhou-lh'as tão desastradamente, que tiveram de ser amputadas pelo pulso! E eu vi, assim mutilada, cheia de dôr e envergonhada de si, a minha pobre amiga; e, então, soffri muito e andei sozinho a chorar pelos pinhaes!

Outra coisa que buliu a valer commigo foi a doença subita de uma vacca que tinha tornozêlos de corça e graciosidades femininas no andar. A' tarde, ao vir para o curral, com os vasios rasos de farta e o pêllo lustroso de bem tratada, era um gôsto vê-la coçar o pescoço na casca de uma cerejeira que abanava, chovendo cerejas vermelhas no pêllo amarelo do animal, que o sol rasteiro doirava. A vacca coçava-se gos-

tosamente, olhando-nos com os seus longos olhos humidos de contentamento. Era tão mansa que não fazia mal aos cachorros que lhe ladravam ás patas, e, brincando, a mordiam e, pelos dentes, se penduravam da papada do pescoço.

Um dia foi o ferrador visitá-la á palha do curral, onde ella, estirada, remugia de dôres. Não sei que mal tinha; sei que no dia seguinte foi vendida barata, quasi de graça, a um homenzarrão de faxa encarnada e de jaquêta ao hombro — um feirante — que logo lhe passou uma soga aos cornos e a arrastou pelo portal fóra. Elle ia todo prazenteiro com o negocio que fizera, mas ella cambaleava da doença e da tristêza de nos deixar. E este foi um dia de luto para nós, pequenada!

Mas coisa nenhuma se compara a essa tarde de Agosto do dia de S. Bartholomeu! Tinhamos o linho parte no rio a cortir, parte, já sêcco, no moinho, para maçar. Combinou-se uma merenda no areal, que era distante. Fomos em rancho, numa alegria de ida para romaria, correndo ao desafio com o «Nilo» e o Tritão» — cães de agua, esturdios como rapazes. Acabada a merenda, seguimos para o moinho — uma asenha de grande roda movida pela fórte quêlha de agua colhida de um açude. O «Nilo», doido pela

agua, saltou ao rio, e lá andava a nadar, com os olhos a rir e a lingua de fóra, quando lhe deu para vir ter comnosco, metendo para a asenha. Vimos o perigo. Berrámos pelo cão. Era tarde! O animal ia arrebatado da corrente para a caleira da roda, onde as aguas caíam precipitadamente. Foi um momento: o «Nilo» ainda nos olhou com olhos de agonia, mas logo desappareceu na voragem das aguas, para reapparecer, do outro lado da roda, amarfanhado na espuma! Tirou-se o cadaver para fóra, e não houve cuidado humano que se não tivesse para salvar esse afogado querido!

.....

Quando voltámos para casa, ao entardecer, as nossas almas soluçavam saudades, como se nos tivesse morrido pessoa de familia!

* * *

Annos se passaram nesta moinheira de episodios tristes. Os negocios da minha familia continuavam mal; mas a mim doiam-me mais as adversidades caseiras que a baixa dos fundos espanhoes!

Alem de tudo, viviamos em ar espesso de pa-

vores, porque á noite, á lareira, os creados estarreciam-nos com historias de bruxedos. O Francisco, moço de gado, descrevia-nos, com minudencias, o que eram os lobis-homens, e como elles «correm o fado», a horas mortas, por sete portêllos, sete encruzilhadas, sete valados, sete açudes, sete portões de cemiterios, sete pinheiraes e sete adros de igreja, até que esse fado se cumpra ou alguem o quebre fazendo sangue no infeliz, ou queimando-lhe a roupa que elle foi esconder no alto de um pinheiro! Na sombra da cozinha, os olhos espantados do Francisco brilhavam estranhamente. Nesse momento, bastava ramalhar uma arvore, ranger uma porta, estalar o soalho ou baterem ao postigo, que todos estremeciam no calafrio do terror, e ninguem se afoitava a responder! Por isso, ganhei medo a andar de noite, pelos corredores, ás escuras, e, nos campos, as sombras das arvores e os buracos dos muros velhos enchiam-me de pavor!

Certa noite, um velho caseiro contou que já seu avô contava ter sido aquella casa, em algum tempo, hospedaria, e que houve alli muita morte por causa do jogo e do contrabando; e, apontando para o chão da enorme cozinha terrea, disse em voz tôrva:

— Está aqui enterrada muita gente!

Emmudecemos. Elle continuou:

— E se as bôcas daquellas minas falassem!... —e apontava, com o dedo soturno, para os lados do pinhal, onde havia minas bardadas de pedras e de silvedos. Desde então, as historias dos creados pareceram-nos ainda mais lugubres por serem contadas num cemiterio de assassinados!; e das taes bôcas das minas nunca mais nos aproximámos, com medo das almas penadas que, diziam, por lá rondavam!

Outro assumpto dilecto dessas conversas nocturnas eram as superstições, feitiços (como se faziam e como se quebravam) maus olhados, esconjuros, benzeduras, que todos sabiam ás duzias e expunham com a segurança de quem fala de verdades vistas e experimentadas: azeite entornado, lume que estala, borbolêtas negras em roda da candeia, uivar de cães e piar de môchos são coisas de mau agoiro — aviso de desventura imminente! Quebrar vidros annuncia tristêza, e abrir o guarda-sol dentro do quarto, bulha em casa; beber com a luz na mão faz a gente esquecida; varrer a casa á noite afugenta a fortuna; e lavar as mãos na agua em que outrem se lavou é desavença tão certa como, á mesa, passar o sal ao amigo que o pede!

Assim se enchiam de teias de aranha os can-

tos dos nossos pequeninos cerebros; e em vez de nelles esfuziar o vento sadio da alegria que tudo honestiza, e da tenacidade sem a qual não ha conquista possivel na vida, calafetava-os o betume das asneiras tradicionaes, que acovardam e indispõem contra a Naturêza — tão bôa mãe! Amar a terra, amar as aguas; amar o sol e a forte liberdade do ar das montanhas e do mar alto são os primeiros amôres que devemos ter na vida. Ler nesses livros, e depois nos outros. Domar um cavallo, estimula a dominar; ir pelos mares fóra, a vencer; plantar arvores ensina a esperar. Se me tivessem feito amar a Naturêza em tudo o que ella é, não antipathizaria com as chuvas que alagam os campos, mas que fecundam a terra e verdejecem os pomares; e não me encheria de doentias tristêzas ao ver, no outomno, o vento limpar as arvores que precisam de descanso. Esse rio ficou para mim agoirento e soberbo, porque nunca o venci atravessando-o a nado; essas arvores assustavam-me de noite, porque não familiarizava com ellas á luz do dia, trepando-lhes aos ramos, ou estirando-me, confiado, a dormir a sesta á sua sombra; e esses montes, que me pareceram rudes de trato, ter-me-iam enchido a alma da melhor estima por elles, se algum dia os tivesse galgado a pé, ao abrir das madrugadas. Porque

nunca joguei a pedrada, nem me rasguei numa bulha, empallidecia vendo sangue, e jamais me afoitei aos perigos; e porque me não ensinaram um officio, pedreiro ou carpinteiro, só tarde comprehendi o prazer de encher um dia com trabalho simples, a que se segue a doçura dos somnos profundos!

Esses creados punham-se a contar os seus temôres, em vez de ensinar a sua experiencia. Do saber certo que ha nos proverbios, nos anexins, nos rifões, nos ditados domesticos, nos adagios — grandes verdades que a experiencia, sempre renovada, confirma e pule — nada diziam, como se nada valessem!; mas da inutil farraparia das superstições, dos preconceitos, dos prejuizos de toda a casta, enchiam-nos os ingenuos ouvidos, que iam direitinhos segredar essas coisas aos ingenuos olhos; e logo ouvidos e olhos — creanças! — se punham a imaginar!...

De permeio, a frangalhada de uma religião de feitiços, de veneras, figas e bentinhos; e, pairando nas nuvens, um Deus exterior á obra da creação, que castiga com o raio e ralha nas trovoadas!...

Taes foram os seminarios de sombra, de onde, com a vontade quebradiça e o entendimento tolhido, sairam os rapazes do meu tempo.

Por tudo isto, essa quinta ficou sempre para mim um logar pesarôso, onde a minha sensibilidade soffreu sem defêsa, e, peor, o espirito se impaludou de venenos, de que só muito tarde me alimpei!

O valle do Tet no Rossilhão

Esperava que chegasse o mês de Maio, para subir a Montlouis, pelas gargantas de Carençá, e meter-me, depois, pela Cerdenha dentro, até Andorra — terras meio francêsas, meio espanholas, sem comboios e sem hoteis, mas, por isso mesmo, interessantes de visitar.

O Guy, cocheiro dos Raforts, que andara annos na mala-posta de Ville-Franche-de-Conflent a Puycerdá, dizia-me sempre:

— Não deixe de ver! Aquillo é coisa grande, senhor! — e arregalava os olhos com espanto e com respeito!

Dalli, de Vernet, viam-se, para alem de montanhas sem fim, os picos de Tausse e de Prigue, silenciosos, que pegam com as cordilhei-

ras da Ariège e dos Altos-Pyrenéus, ainda mais formidaveis, com o Néthou de três mil metros, as ravinas selvagens do Monte Perdido, do Esterrie e da serra Malaletta, cujos nomes bastam para aterrar!

Agradava-me a ideia de fazer viagem nessas pittorescas malas-postas dos Pyrenéus, que levam umas quatorze pessoas no interior e no aconchegado «coupé» com os seus postigos e cortinas de paninho vermelho; e outras tantas em cima, na airosa imperial, sob um grande toldo á espanhola, abrigando o cocheiro, os passageiros, e a montanha de malas acoguladas no tejadilho! Seis cavallos, tilintando guisalhada e ferragens, arrastam o carroção de grossas e altas rodas que quatro travões agarram por detrás e por deante. Para mim o melhor logar seria ao lado do cocheiro, para conversarmos pelo caminho: eu no meu francês, propositadamente aportuguesado, elle no seu catalão feito de espanhol, de gascão, de francês, de romancho e de uma ou outra cantante palavra italiana.

Em Março vieram dias bonitos, de luz purissima. Impaciente, perguntava:

— Se a neve não fosse muita... Guy?

— Qual! Não pense nisso. Faz lá ideia do que são agóra essas estradas!

Fazia: fazia ideia de que eram horriveis, sobre despenhadeiros, e isso me tentava!

*
* *

Creado numa paisagem ingenua, de suaves cabeços, lameiros e milheiraes; estradas francas, e casaes amigos a olharem uns para os outros; fez-me sempre impressão ouvir falar de serras e da vida deserta que por lá levam pastores que estão mêses seguidos sem ver ninguem!; e isto de «descer ao povoado», como dizia um nosso creado que do Caramulo viera para o Minho, causava-me uma estranha impressão, que eu nunca soube definir; e vaga ficou até que, tarde, percebi ser a que estava no sentido do titulo desse drama de Guimerá — «Tierra Baja»—onde ha um leal pastor que, descendo das serranias a viver entre homens, reconhece serem elles mais féros que os lobos da montanha, com quem luctava dente a dente! «Descer ao povoado» (analyso-me agora) era trocar a vida livre pelo viver amaneirado; era trocar o céu por um poço!

Com o João, o tal creado do Caramulo, nós, os pequenos, brincavamos a mêdo, porque elle

era da serra!; e este respeito tem andado commigo desde rapaz. Homem da serra, pastôr ou fragueiro, foi sempre para mim o mesmo que homem fórte: fórte por ser vigoroso, fórte por ser livre. Seus olhos, inconfundiveis, teem essa serena e sonhadora expressão que dá o passar a vida á vista de verdades como o céu, o ar franco e o silencio!

No alto das montanhas, debaixo de um céu que se vê de lado a lado, a deslealdade acanha-se de tramar alto, e quem quer enganar abaixa a voz; mas nas ruas da cidade, o embuste é lançado em voz clara, afoitamente, porque o sol não tolhe o mentiroso. A serra tem qualquer coisa de sagrado! Em religião sem fórma, a serra será o adro em que se pedirá, ao silencio e á contemplação, a instillante luz que illumine a dentro de nós; e sua terra o crivo do confessionario onde as almas repesas se aliviarão de seus peccados...

*

* *

Afinal, quando chegou Maio, que derreteu as neves nos montes e nos caminhos, tive de partir de França; e dessa parte dos Pyrenéus

só vi o que era ameno — o valle do Tet — quando o meu gôsto seria ter visto o que era selvagem! A's taes malas-postas não subi; tive de me contentar com o simples carro de carreira, aliás curioso no seu serviço miudo de recoveiro, a que o comboio se não presta.

Alem dos passageiros, sem escolha, acarreta, fazendo sempre boa cara, tudo o que lhe põem em cima: um bahu atado com uma corda; meia barrica de sardinhas tresandando a salmoira; limoeiros com as raizes embrulhadas em serapilheiras; um sacco de roupa; pipos vazios; uma banheira velha; emfim, um mundo de tarecos que abarrotam o tejadilho, a concha e a caixa do carro, a deitar por fóra! Os bolsos do cocheiro vão inchados de pequenas encomendas, e os ouvidos cheios de recados de bôca, que, até a ultima hora, lhe veem trazer. As creadas de servir, os moços de padeiro, o homem do talho, este e aquelle, todos teem encomendas a fazer: um tacho que precisa de pingos de solda; uma carteira que se descoseu; facas para amolar; o gancho do fogão; etc, etc, mil objectos, mil nicas, que o cocheiro vai recebendo com bonhomia inalteravel, e atirando para os bolsos do seu casacão, bolsos sem fundo, parece, pelo que lá cabe!

Dentro, a diligencia vai cheia; fóra somos:

o secretario da «Mairie», com um alfinete de prata no laço da gravata de setim preto; em boné e blusa, um ferreiro de Sahorre; o snr. Cura, gordo, sebaceo, poisando o disco escarlate da sua cara redonda no cabeção de duas pontas debruadas de branco; a rapariguita do correio, no extremo da bancada, a bambolear as pernas peludas; e a meu lado uma dama de coifa catalã, fichu de seda preta e luvas de fio. Os cabellos escuros, em risca, os olhos castanhos, o todo do rosto, moreno e prazenteiro, dava-lhe o ar sincero de mulher portuguêsa.

A diligencia parte, e o cocheiro, como os nossos barbeiros de aldeia, que teem para barbear cara hospede na terra, ataca directamente a conversa com o passageiro desconhecido e, porque tudo pergunta, num instante fica sabendo como me chamo, de onde venho e para onde vou! A cavaqueira estende-se a todos, e, aproposito de Lisboa que mal conhecem, fala-se de Barcelona — o Paris das Catalunhas espanhola e francêsa. A dama da coifa ouve-me, pondo nos meus os seus olhos leaes, mas, discretamente, não vem á fala.

Pela estrada fóra, o carro vai parando todos os cinco minutos: nesta curva, é uma mulher com quatro ovos num lenço, para o cocheiro entregar mais adeante; alem, entram no-

vos passageiros, e sae o snr. Cura, depois de molhar as mãos de toda a gente com a gordura das suas; em Serdinya, um homem, no meio de um campo e em cima de um carro de estrume, diz de lá o que quer que seja que se não entende; e o cocheiro, para o ouvir, leva a diligencia á valeta, por a não poder levar á beira do homem! Não temos andado cem metros, e paramos outra vez, chamados por certo tio que, de uma janela, atira uma chave que se ha de entregar na tenda, á saida da aldeia; e como o tal tio reconhece na imperial o secretario da «Mairie», ahi se pegam os dois a respeito do registo, da politica, dos bacêllos, disto e daquillo. O cocheiro, que vê as coisas para demora, segura as redeas na perna cruzada e põe-se a fazer um cigarro; e a minha vizinha — a da coifa — que todo o caminho tem vindo a cumprimentar para a esquerda e para a direita os seus mil conhecimentos, põe-se tambem a conversar do carro para baixo, e por cima de mim, em catalão cerrado, com uma mulherzinha que tem ao collo uma creança sujissima!

De novo em marcha e agora mais depressa, porque descemos para duas montanhas que, dir-se-ia, nos vão tapar a passagem: é Ville-Franche-de-Conflent, numa garganta, sombria

e humida, onde as rodas da diligencia resoam.

Em cima, a pique, dependurada das rochas, uma capellita esboroando-se.

— Que altura! Quem poderá lá subir?! — disse eu a meia voz.

A dama da coifa olha para a capella e diz, num sorriso modesto, em que passou certa recordação triste:

— Já lá fui..., e descalça!...

— Descalça?!

— Tive uma filha com bexigas, apeguei-me áquella Senhora...

A estrada dá volta por debaixo de um viaducto, e logo apparece o valle, alegre, colorido, e adoçado da luz das officinas photographicas. O peito da gente alivia-se do peso que trazia. O sol illumina um cabeço de monte com certo effeito de luz de rosa, como se vê nos cimos de neve, á luz poente: são as celebres pedreiras de marmore encarnado que afloram nesta parte dos Pyrenéus.

Que frescura de valle!

A estrada larga, muito bem tratada, e varrida tal qual uma eira, vai pelo meio da veiga e á borda do Tet que, fazendo muita bulha e muita espuma, salta, como um cabrito, nos pedregulhos que as grandes cheias de inverno arrancam e arrastam. Contrastando a este esteril ner-

vosismo, passa ao lado a levada de um canal de irrigação, de aguas mansas e laboriosas, que vem de fazer mover uma officina electrica e vai dar vida a outras rodas e frescura a todo o valle.

A aldeia de Riá, que está talhada no cabeço de um monticulo, é da côr da mesma terra, e voltada ao sol que doira e enche de mil tons os seus casebres velhissimos, que mais parecem ruinas. Ha pelo valle fóra varias aldeias como esta, sem cal, todas do mesmo aspecto espanhol, todas abrigadas á vertente norte, todas com a cara a nascente, em pinha, tendo no cucuruto uma igreja de portal romanico, que parece cobrir a aldeia com o agasalho da sua benção.

Passa por nós um carro carreteiro, puxado a cinco cavallos de grossas patas, a um de fundo, carregados de arreios, de cilhões altos como corcovas de camello, de colleiras enormes, em lyra, com penachos, guizos e campainhas — como é uso em todo o Meio-dia da França.

Em Prades, a dama da coifa despede-se e desce, mostrando as botinas de duraque — coisa que eu supunha que ninguem mais já usava neste mundo! O cocheiro, então, informou-me que era Madame ***, a parteira mais estimada daquelles arredores, e no seu mister, «très forte, très forte!»

Apeei-me tambem, e meti para o sul, direito ao pequenino valle de Taurinya, que já de outra vez quis visitar, quando fui para as Caldas de Moligt — um delicioso sitio, alem, num bosque de platanos.

A paisagem continua a ser linda; mas nêste canto, porque o valle tem pouco fundo e montanhas de côr risonha o aconchegam, e a estrada, estreita e debruada de papoilas, vai pelo meio de campos cobertos de trevo encarnado, o quadrinho tem a expressão elegante das miniaturas esmaltadas. O céu, a massa dos montes e do arvoredo são feitos de tintas tão frescas, e de colorido tão transparente que parece estarmos a ver este pedaço da naturêza como que reflectido num espelho, ou através de um vidro de cristal que illumina o ar e o purifica. Para qualquer lado que se olhe, em tudo ha motivos para quadrinhos decorativos de vagões-restaurantes, ou paineis de «stores» a côres faceis e vivas. E' um valle de theatro, pintado em pano de fundo, com os primeiros e segundos planos illuminados com a luz macia dos panoramas. Tudo é ameno: e até o Canigou, que de toda a parte é enorme e severo, visto daqui, para comprazer, parece leve e amavel!

Estive vendo tudo isto sentado num capitel

byzantino, á sombra de velha torre com janelas de archivoltas e lavores romanicos, S. Miguel de Cuxa — ruinas de uma abbadia medieval. Defronte, sob um relogio de sol, este letreiro: «Sic vita fugit»!

Almocei em Codalete e ainda me deixei ficar por alli, brincando os olhos no sorrir dessa paisagem galante, que tem toda a garridice e graça das francêsas. Falando della, a bôca adoça-se em sorrisos, e, subtil, a nossa mão procura um gesto de elegancia para a conter e definir, como se se tratasse de mostrar a linha de uma jarra, ou busto de mulher...

* * *

Ao entardecer, voltei para Vernet. Por sobre a misera aldeia de Corneilla, o Canigou de tres mil metros appareceu-me collossal!

Unhaes da Serra

(Carta a um jornalista)

Sinto, caro amigo, que não tivesse vindo para aqui. Alem de isto ser de uma estranha bellêza, o ar purissimo e as aguas como não ha melhores, havia uma razão por que eu queria que viesse, razão que conquista todos os intellectuaes nevrosados pela mentira das cidades: Unhaes está a muitas leguas da civilização! Entre esta aldeia e o que se chama mundo civilizado, não ha traço de união, porque o proprio comboio, que, aliás, passa a algumas dezenas de kilometros, é um trem sertanejo vindo dos desvios de um entroncamento a uma remota estação de cidade provinciana, que talvêz ainda se governe singelamente pelos capitulos das velhas Ordenações, se não por coisa mais antiga.

Podia vir, porque não encontraria aqui nada parecido com aquillo de que vinha fugido: jornaes — o seu pesadêlo — só se vêem em mão de um ou de outro vicioso; e a instrucção primaria mal começa a infiltrar-se nos trevosos cerebros dos filhos destes homens rijos, que não terão nos netos herdeiros das suas qualidades, bôas de casta. Creia, havia de gostar desta vida muito differente da que se leva nas mais partes: havia de gostar de ver rebanhos, de conversar com pastores, de beber de bruços na agua dos regatos, de passar o dia nos pinheiraes e nos soitos dos castanheiros, de trepar a montanhas, de pisar urze, de meter as mãos no rosmaninho, de andar por aqui como no seu quintal, á vontade, esquecido da gravata e das conveniencias, esquecido até do mal que a gente tem dentro de si, tantas vezes apegado, nas ruas das cidades, pelas almas empeccadadas irradiando maldade como uma vela acesa irradia luz...

*
* *

No fim de quinze dias de vida de montanha, ao ar livre, levantando com os gallos e deitando

com as gallinhas, no meio do dia dormindo a sesta á hora da calma, a intelligencia de poisio e a vontade disposta para o bem; no fim de quinze dias, a saude vem da alma para o corpo e, então, os nervos aquietam-se, os pulmões respiram á farta, o estomago digere pedras, e não ha chuvada que nos constipe, nem torreira de sol que nos atordoe!

Você deve amar a serra formidavel e silenciosa: ora, a dois passos daqui, dobrado o Torroeiro, estão as ravinas mais profundas da Serra da Estrella, e está essa região sagrada dos Cantaros, donde se volta com a alma lavada dos peccados da vaidade, tanto a sua grandeza se impõe á nossa pequenêz!

*
* *

— «E como descobriu isso?» — pergunta. Eu lhe digo: a primeira pessoa que me falou de Unhaes foi o conego ***, uma tarde, em Lisboa, na tabacaria Monaco. E com que enthusiasmo! Elle chegára, havia dias, destas montanhas, e tão reconhecido ao ar que lhe arejara os pulmões, ás aguas que lhe com-

puseram o estomago, e ao socego da vida de aldeia em que o seu espirito feriára, que intendia dever clamar o seu agradecimento aos ouvidos lisboetas, na sua frase redonda de orador latino. Por isso, a todos dizia maravilhas deste canto da Beira, citando curas extraordinarias, a começar pela delle — verdadeiramente milagrosa! A sua voz elevava-se como se bradasse de oiteiro a oiteiro; e no gesto havia a liberdade de quem vem de prégar em montanhas!

Levou mêses neste apostolado, pisando as lamas do Chiado, as soleiras das lojas pontos-de-reunião; e em S. Carlos, nos intervallos, na coxia central, ou no salão, inclinavam-se, um momento para o ouvir, individuos de peitilhos luzidos, que logo se afastavam, indifferentes, saboreando o fumo do charuto, que perfuma e suja o ar. Depois, para que a doutrina chegasse aonde a voz não podia ir, publicou artigos nos jornaes, e, por ultimo, reeditou-os, creio, em folheto para entrar em todas as casas e ser lido pelos admiradores do antigo polemista.

Mas a semente da sua propaganda caíu, como parte da do Evangelho, mais por entre penedos que em terra amanhada, porque o lisboeta, aferrado, por indolencia e por chi-

que, a habitos velhos, continuou a veranear onde era de seu costume: uns para aguas; outros para os arredores de Lisboa, installando-se, á pressa, em cubiculos achalesados, entre dois neosporos mesquinhos, sujos pelo pó da estrada; e o grande numero para praias do bom-tom, onde se acumula, num recinto estreito, a mesma gente que na roda do anno se espalha, das 4 ás 6, pela rua do Oiro, pelo lado direito do primeiro quarteirão da Avenida, e á noite é vista em S. Carlos ou, em recitas de companhias estrangeiras, nos balcões e frisas do «D. Amelia». E' que este aristocratico acotovelamento lisonjeia tanto o burguês, como o sentir, em terça-feira gorda, que um senhor do «Turf», lá de cima, escolhe o seu chapéu de côco para o fazer num figo, arremessando-lhe uma nobre «cocote» de areia molhada!

Misero lisboeta, tudo sacrificas ás exterioridades do «snobismo»!; a respeito da *tua* Lisboa, sabes dizer mal della quando estás nella, mas se te afastas, se a deixas, enches-te de saudades até o pieguismo—tal quaes esses amantes que rompem num repente, para, minutos depois, voltarem submissos, embora cada vez mais convictos de que o artigo menos falso que a infiel lhes impinge são... os cabellos pintados!

Sois, os dois, lamentaveis criminosos em vossa consciente fraquêza de toda a hora!...

Mas, meu amigo, Lisboa está tão longe que lembrá-la é saborear o prazer de a ter distante; e as miserias da sua vida material, e a aleivosia das suas almas é vista daqui com bondade condoída — daqui, dêste ar dilatado de serra, em que as almas respiram generosidade.

* * *

Ora eu não peguei na penna, meu caro amigo, para me pôr a fazer estereis considerações a respeito dos vicios da nossa capital, mas para lhe dar uma ideia do que é este lindo canto, que poucos conhecem e raros apreciam.

Continúo na minha de que este é dos mais formosos sitios que ha em Portugal. E não o espera quem, vindo de Lisboa, atravessa a Beira-Baixa — em geral sêcca e monotona. Da Covilhã para aqui vimos por montes, ás curvas, ora subindo, ora descendo e quasi sempre em terreno árido. A alguns kilometros de Unhaes, apparecem os primeiros castanheiros e, de onde a onde, leiras de milho, amaciando o

olhar desconsolado por só vêr urze, montes rapados, ou peor, montanhas feitas de penedia brava, alcantilada, toda imprecações contra os altos céus que a condemnaram ao desamparo da vida das serras, onde a invernia é inclemente!

Mais outra curva de estrada e entramos no valle de Unhaes, todo verde de lameiros ensopados em agua, verde de campos de milho, verde de soitos de castanheiros com as copas estrelladas de oiriços amarelos. Em baixo, um ribeiro entre pedregulhos enormes, que as enxurradas veem rebolando pelas ravinas, desde seculos; nos altos, a serra aspera, e rapada pelos invernos, formando o fundo e os lados deste valle risonho; e encostada a ella, á ilharga, num abrigo maternal, a pequena povoação de casas terrosas — da côr da brôa que se come no sitio — coberta de telhas tanadas como o briche de que se veste o montanhêz desta região, pallido e soturno, que passa por nós com olhos de serrano, e a larga cara ensombrada pela barba de oito dias e pela borda do enorme chapéu de feltro, guardando-o da chuva, do sol, da neve e do vento.

Ora aqui tem, numa *mancha*, o que é Unhaes. Alem disto, um lindo sol, que parece não ter outra missão senão aquecer este bocadinho da

terra, e, para qualquer lado que a gente se vire, grande variedade de pontos de vista, cada qual mais pitorêsco, com recortes de montanhas, com voltas de estradas, com aguas caindo em açudes, com cabradas nos oiteiros, com grupos de casas pobrissimas, mas onde ri, invariavelmente, por entre toscos paus de velhas varandas alcandoradas ao poente, em fundos de bilhas e de jarros desasados, o mangerico verde, o serpão e as blantinas escarlates. Mas ha mais: ha a sombra dos velhos castanheiros, que de longe chama pela gente; e o regalo de nos deitarmos no feno bravo, vendo correr a agua dos regueiros, assedada na verdura dos trevos e da margaça fina — verdura tão fresca e agua tão limpa, que dá vontade de ser creança e de chapinhar nella com os braços arregaçados! E, envolvendo tudo, ha o silencio perfeito dos campos, que a toada distante dos chocalhos parece dilatar...

Não será isto um canto, privilegiado de todos os requisitos de uma *estação de socego* para tomar fôlego quem passa os dias do anno nas canseiras da vida do pensamento? De certo que é.

Por isso lhe escrevi para que viesse e preferisse este a qualquer outro logar. A minha carta não chegou a tempo; e como o verão vai no fim, é natural que os seus afazeres o impe-

çam de vir agora. Mas para o anno, logo que possa, levante mão dêsse trabalho, violento como rachar lenha de sol a sol, faça a mala, e venha por ahi abaixo, que não perderá o seu tempo, fie do que lhe digo.

Seu:

Davos-Platz

Como na «Lucrecia Borgia», alguem poderá clamar do alto desse valle:

«Estais todos envenenados!»

Todos! Uma população inteira de três ou quatro mil almas — de três ou quatro mil doentes! Ha os doentes ricos, cercados de confôrto, a quem nada falta; mas ha tambem os doentes pobres, que trabalham para servir e distrahir esses doentes ricos. O alfaiate que prova o fato, vai ageitando o pano ao corpo do freguês, e tossindo; a modista de vestidos sabe, por experiencia propria, que tem de enchumaçar nas covas das claviculas a blusa que talha; o pharmaceutico avia receitas e aconselha, com co-

nhecimento de causa, os remedios preferidos; e medicos ha que consolam os doentes, a quem de um dia para o outro subiu bruscamente a temperatura, mostrando-lhes o assustador boletim da sua propria febre!

«... todos envenenados!»

O dono do hotel, o mercieiro, o homem do estanco, o barbeiro, o livreiro, a florista foram estabelecer-se ahi, quando já não podiam lutar com o ar pôdre das cidades, onde os seus pulmões começaram a adoecer; para as repartições publicas vieram, a pedido, empregados de cara assobiada e peito cavado; e nos postigos dos Bancos, ao trocardes vossos cheques, servir-vos-hão dedos hypocraticos folheando notas, tamborilando no dinheiro! Servidos e servidores—todos doentes! Nesta Comedia da Morte, os que representam no palco são espectadores dos que na plateia os vêem representar! Todos andam combinados para essa illusão: os hoteleiros, inventando divertimentos que disfarcem tristêzas; o ar da montanha, vivo e extremamente sêcco, cobrindo a todos com a mascara rosada da saude para que ninguem se reconheça e se desestime nesse funebre carnaval!

*
* *

Todos os annos sobem ahi milhares de pessoas que vão fazer estação de cura, ou acompanhar seus doentes. Esses são os que se divertem como amadores photographicos, parceiros do «tennis», do «croquet», das excursões ao Frauenkirch, á garganta de Fluela, ao planalto de Clavadel, a Klostersche-Stütz, ascensões que se repetem depois da queda das neves, aproveitando o declive para o escorregamento vertiginoso do «tobogganing» e do «skid», que, com a patinação no lago gelado de Davos-Doerfli e no Curverein, são os «sports» predilectos dos estrangeiros. Logo que chegam — inglêses, russos, espanhoes, suecos, de toda a parte — procuram as relações feitas no anno anterior, para repetir, ao ar livre, esse programma de divertimentos, que um ou outro amoroso altera, preferindo, a essas correrias, enlanguescer, enamorado, entre uma chavena de chá preto e uma phrase de musica classica, á tarde, nos cantos amaveis dos jardins de inverno dos grandes hoteis. Tambem os doentes, ao chegar, perguntam pelas pessoas ami-

gas com quem, no ultimo inverno, fizeram relações, se photographaram em grupo e confidenciaram tristêzas... Alguem, então, informa: Miss *** fallecera, um mês depois de haver deixado Davos, numa aldeia perto de Bristol; aquelle francês, que usava um grande casaco de pelles e se sentava á cabeceira da mesa do meio, morrera de uma prolongada hemoptyse em seguida a uma ascensão nas montanhas de Méran; Mr. ***, engenheiro belga, morto; tambem havia fellecido aquella senhora polaca que patinava lindamente bem, sempre enlaçada num rapazola ruivo, seu patricio e talvêz seu noivo; o hollandês dos olhos verdes, muito suffocado pela tosse e que á noite era parceiro certo ao «ramse», morrera, em Abril, em viagem para o seu país; Madame ***, cabellos brancos, cujo fino sorriso prendia, e fôra no inverno passado a organisadora da commissão em beneficio da igreja catholica de Davos, viu morrer sua filha, aquem ternamente acompanhava, e fallecera tambem em Paris, havia pouco; e de outros sabe-se, vagamente, que foram morrer para as suas terras!...; e nesses grupos photographicos, tirados em passeio, vão rareando os vivos! O doente ouve, cala, e, com o coração opprimido, levanta-se de onde está para ir esconder dos outros os seus

olhos rasos de maguas; mas, como a tosse lhe morde na garganta e gorgoleja no peito, põe-se tambem a occultar a tosse, como occultou as lagrimas!... Fóra, a neve cae no ar mudo; e as arvores immoveis soffrem, resignadas, esse castigo lento que lhes suffoca a vida e a frescura de seus ramos verdes. E o doente não tem para que appellar: o céu é de cinza, a terra estrangeira, e tudo á volta de si é impregnado de tristes aprehensões!

No entanto, quem ás seis horas da tarde entrar nas salas de jantar desses grandes hoteis «Kurhaus» e «Belvedere», onde se assentam duzentos hospedes, representantes de quasi todas as nações do mundo, não se põe a considerar que elles estão occupando logares que nos ultimos cinco ou seis annos foram occupados por pessoas que, na maior parte, já não existem, pois as risadas e o borborinho de conversas alegres logo afastam de taes considerações e tristêzas. Mas como essa alegria deve maguar certos doentes nostalgicos da patria, nostalgicos da saude que outrora os enchia de riso! E esse quarteto, gargalhando Offenbach, entre dôres, é como uma charanga que tocasse numa enfermaria! Por isso, bem fazem os doentes fugindo para os terraços e para as galerias — largos eirados abertos ao ar livre, que ha em todos os

sanatorios e hoteis para se apanhar sol e respirar o ar puro da montanha. Desde que o sol desce ao valle, pelas dez horas no mês de Fevereiro, até que se esconde por detrás do Schatzalp, os terraços e as galerias estão sempre cheias de doentes deitados em cadeiras de verga e cercados de almofadas, de mantas e de esquentadeiras que os aconchegam e defendem do frio intenso. Uns leem, alguns conversam, outros dormitam. Que de sonhos andam no ar! Ai de quem está só... Noivos rasgam o céu com supplicas, porque lá na sua terra uma noiva espera. Mundanas, vindas da folia que lhes laivou de morte a face linda, gritam, impacientes, pela saude, porque Paris excitantemente as chama. Rapazes, que começam agora a viver, e quasi não acreditam que a vida lhes falte, instintivamente elevam os braços á saude. Velhos, contando os annos pelos dedos, só pedem os precisos para terem tempo de arranjar a sua vida e dispôr o que lhes falta. Principes, herdeiros de um throno, desceram do norte e pousaram ahi a sua tenda, como tambem essa desbotada princêza que desde menina ouviu que um dia seria rainha! Oh, se a saude se comprasse a peso de oiro ou a troco de vossas joias, preciosa noiva a quem o sol dessas montanhas não quer colorir a face, que,

decerto, não será um dia beijada pela bôca de nenhum rei, porque dizem ser de mau agoiro vir a neve desfazer-se nos cabellos quentes de alguem que dorme, e houve quem visse que os ventos, das bandas do Tyrol, traziam pelo ar até vós farrapos de neve caida dos braços nús das arvores deste valle! Agoiro! E' a hora dos presagios que empolgam as almas despercebidas na tristêza das irresoluções. Não ha atheus nos terraços dos doentes; os que o foram sentem agóra delinear-se no cerebro a imagem do Deus que o temôr inventa!

. . . . . .

Em volta, a neve branca estende-se desde o fundo do valle, pelas encostas, por sobre a rama dos pinheiros alpestres, alastrando até o céu, que no recorte dos montes desmaia em leite, como nos céus de Corôt. A neve abafa todos os sons e pára todas as alegrias: não ri pelo ar um canto de ave, as arvores do valle são sempre outonaes, e tudo é gôsto desfeito nesta paisagem, que tem o sorriso doloroso do medico amigo que anima com esperanças o doente, a quem já antemarcara a hora derradeira!

Vae esmaecendo a luz do dia, como cae a conversa de dois velhos, após longas recordações que os emudecem... Algumas nuvens, pou-

cas, formam o poente, livido e frio, de onde começa a soprar uma viração aterradora. As tendas levantam-se, os terraços e as galerias ficam varridas, e pelas sendas de neve, que descem nos montes de ao redôr, veem fugindo os doentes, como se a essa hora uma pavorosa ave negra, de funebres asas, nascida da tinta crepuscular, passasse por aquelle canto da terra em busca de olhos humanos para lhes beber a vida incerta! Então, no entardecer silencioso dessa luz que se apaga, ouve-se, agoirento como um uivo, o silvo da locomotiva que parte descendo o valle. Um vagão vae sellado com uma cruz branca: é uma camara ardente! Dentro, talvêz, o cadaver de um filho, que um creado de hotel amortalhou á pressa e despachou em grande velocidade á casa paterna. Para onde? Para a Russia? Para a Allemanha? Para a Inglaterra? Para a Escocia? Para as areias de Portugal?

Sabe Deus para onde!

Uma tarde em Biarritz

Cheguei a Bayona á noitinha de um dia humido de Novembro — um desses dias pardos que bolem com a gente, destrambilhando os nervos, pondo-nos o humor em solavancos, entre a irritação e a apathia. Ora Bayona — a Basca — velha, feia, não é de feição a desopilar espiritos mazorrados pelo veneno dos nevoeiros, que só se combate a baldes de agua fria, da nuca aos rins, ou a flagelações de ortigas frescas, dadas por mãos possantes e insensiveis!

Meti-me, com o meu tedio e as minhas malas, num fiacre de praça e lá fui, atravessando a cidade opaca de neblina, para o primeiro hotel que me indicaram — «Panier Fleuri» — que era numa ruela estreita, escura, com balcões pendurados, beiraes tocando-se, e tinha uma porta

baixa sob arcada de lages molhadas. Jantei sózinho, ao fundo de um salão mal illuminado, e ás oito já estava na cama.

Acordei espreguiçando-me, bocejando farto — burguêsmente feliz. Passava das onze. Fui á janela e vi que estava um dia cheio de luz, e um céu purissimo em que se rendavam as flechas da antiga cathedral Santo André. Almocei e saí para a rua, onde. um lindo sol de outono remoçava as frontarias das velhas casas, enchendo-as — persianas, tóros de beiraes, córtes de telhados, travejamentos, humbreiras — desse festim de côres que os pintores do pitoresco gostam de pôr nas telas. Era sonoro nas calçadas o trote dos pesados cavallos do Meio-Dia; e os postilhões biscainhos, de collête encarnado, niza azul com botões amarelos, meia cartola de oleado e fivelas brilhantes, estalavam no ar o chicote pintalgado, falando aos cavallos no seu gascão guttural!

Bonito dia! Senti-me outro, e parti para Biarritz a encher-me do divagar á beira-mar, esperando pelo entardecer para ver aquelle magico colorido que o sol, ao dobrar para o poente, põe nos fraguedos da Costa Basca — penhas verdes, terras incendidas — uma coisa assim como em certas scenographias, illuminadas a projecções electricas, em que as pedras pare-

cem oiro, a relva pelucia, e escorre frescura no verde das arvores...

*
* *

De Bayona a Biarritz — coisa de meia legua — a estrada é uma rua de parque, saibrada e varrida, entre chalés e villas que as arvores escondem um pouco, defendendo-as do barulho, afastando-as de nós, como para que o seu conforto, adivinhado através dos ramos que as encobrem, das persianas, das vidraças polidas, e das cortinas brancas, seja mais appetecido dos que passam e, por má ventura, tenham como irrealizavel o ideal de possuir sobre a terra o aconchego de uma casa assim quieta, entre sombras, longe dos homens...

De um lado e de outro, dando para a estrada, ha os jardins destas casas, onde as faias, os álamos, os platanos começavam a despir-se, cobrindo o chão de folhas amarelas — chão feito destes relvados de lá de fóra que, quer em Agosto, quer no inverno, são sempre verdes e e frescos como os nossos lameiros em Janeiro. Nas encostas amareleciam as ultimas folhas das cepas que ainda ha mêses deram aquelle per-

fumado vinho que tão bem sabe beber, morno, pelo inverno fóra... Senti na cara o ar salgado do mar, e Biarritz appareceu-me com o seu lindo grupo de casas, com os seus castellos, com os seus notaveis hoteis — monumentaes como palacios.

A estação de grande vida ao ar livre tinha acabado. Começava outra, menos movimentada, aristocratica, rara, entre pelliças, cantos de fogão, chás das cinco horas, e pequenos passeios de carro, no silencio das tardes macias de sol de outono...

Fui-me por alli abaixo, para os lados do mar. Um alto breque de caça, a quatro soltas, passou a meu lado; e um gran-senhor, de sobrecasaca encarnada, boné de seda negra, calção de malha, cruzou commigo, ringindo não sei se as suas botas altas de verniz brilhante, se o seu collarinho de dez centimetros. Outras carruagens, outros senhores, e muitos trajes de caça.

Perguntei o que vinha a ser aquillo, a uma francêsita loira, vestida de preto, com punhos e touca branca, que, á porta de uma loja de tabacos, acabava de entregar a um cavalleiro, esguio e loiro, uma luva deixada cair por este, ao apertar a sua pelliça sobre o fraque encarnado. A rapariga, que não entendeu a pergunta, respondeu, desvanecida:

— «C'est Mr. le comte de ***».

Fiz-me comprehender, e ella:

— «Ah! c'est la fête de Saint Hubert, le patron des chasseurs. Ils viennent de l'eglise, et cet après-midi il y aura la course à la biche. Vous ne le saviez pas? Mais il faut y aller!...

Agradeci este punhado de informações (não sabia que estava a 3 de Novembro) e segui. Ao portão do Hotel de Inglaterra esperavam «mail-coachs»; e a dois passos, na pequena igreja de Santa Eugenia, que tinha festões de verdura por cima da porta de entrada, repicavam sinos. Atraveissei a praça, o promontorio, e, fazendo horas para a corrida, fui ver quebrar o mar de Gasconha nos molhes da Atalaia.

Pela volta das três, na praça da Liberdade, uma duzia de cocheiros cercavam-me, com os seus fiacres a um cavallo, disputando qual me levaria mais depressa e mais barato á corrida da corça. Lembrei-me de scena similhante, uma tarde em Napoles, em que me vi assaltado por cocheiros que acabaram por brigar socando-se bravamente. A coisa estava a entrar nesse caminho — já havia palavras sujas no ar — quando um rapazola desceu de boleia, e, levando-me quasi á força para o seu carro, disse a rir:

— «Eh bien, c'est moi qui va servir Monsieur!»

Tinha um typo esperto: imberbe, vermelho como fiambre, cara redonda, os cantos da bôca muito fundos, e uns olhitos de rato, extremamente vivos. Ruivo. Casquête ao lado e no pescoço um lenço azul, atado á pressa por cima da camisa.

Mal me sentei, pulou para a almofada, meteu por entre os outros carros, deu umas reviravoltas pela praça cheia de povo, rapidamente, agilmente, manobrando o seu pequeno fiacre como se fosse uma biciclêta, e largou por alli fóra, estalando o chicote, falando para a direita, piscando para a esquerda, atirando palavras, mexediço e alegre como um caloiro que vae para férias!

Voltou-se para mim, e no seu francês salpicado de vasconço:

— Palavra de honra! pélo-me por isto! Se não arranjasse freguês, viria sózinho. Nunca perdi uma corrida!

A egua, ruiva, tambem, pequena, esperta, e de anca redonda, trotava, pela Avenida Négresse, espanejando o ar com a nervosa piassaba do seu rabo curto de uma mão travessa. Tinhamos volteado vertiginosamente o Bosque e chegado a uma borda de collina, cheia de gente, de car-

ruagens elegantes, de cavalleiros, de onde se viam em baixo, nas ondulações do terreno, grupos de batedores com sobrecasacas encarnadas, monteiros com as suas trompas luzentes passadas no braço, e muitos creados de libres vistosas, segurando, com ambas as mãos, matilhas de cães, ajoujados, que enchiam o ar de mil latidos.

Ouviu-se uma corneta distante; outras trompas de caça trocaram signaes de oiteiro a oiteiro. Derepente, todos esses cães — centenas! — todos esses cavalleiros largaram numa correria desabrida por campos e valles, perseguindo a pequena corça que, lá longe, na campina, aos saltos, apparecia e desapparecia, correndo velozmente; e a onda de pessoas partiu pela estrada fóra, no mesmo sentido, acompanhando de longe, com a vista, os movimentos dos corredores. Foi um delirio para o meu cocheiro, que não desviava os olhos dos cães e dos caçadores, seguindo-lhes os movimentos com interesse presente, palpitando-lhe o coração a todos os incidentes, agitando-se, berrando, batendo as palmas, quando lhe parecia que a corça ia ser alcançada — ella, que corria ás cegas, galgando vallados, sumindo-se no mato, apparecendo numa assomada, metendo-se pelos campos, furtando-se aos cães, parando su-

bitamente na carreira para mudar de caminho, offegante, fugindo sempre, fugindo á morte!

A estrada estava cheia de carruagens distinctamente postas — portinholas brasonadas, cocares heraldicos — e passavam por nós amazozonas e cavalleiros que eram principes, granduques, condes — gentis-homens descidos dos seus castellos do Meio-Dia da França, com os seus cavallos de raça e o estadão da sua creadagem a postos. O meu cocheiro, democraticamente, desrespeitosamente, apontava-os com o cabo do chicote, pronunciando-lhes os nomes, designando-lhes os titulos; e, sem mais ceremonias, passava adeante, metendo o seu pequeno carro por meio dessa aristocratica cavalgada, indifferente a tanta nobrêza, que nem o impressionava nem se lhe impunha.

Ao passar por nós um millionario, á Daumont, regougou o que quer que fosse, fez com o nariz um tregeito enjoado e enterrou até ás orelhas o seu casquête sujo e emancipado! Tambem o dinheiro não vencia aquelle rapaz de vinte annos, pobre e livre!

Na nossa frente ia agora o «mail-coach» de um gran-senhor, atrelado a quatro soberbos cavallos, com postilhões e lacaios empoados. Ao pé desse outro, o nosso mesquinho carro parecia um trapo ao lado de sedas! Mas

o meu atrevido cocheiro não hesitou, e, sem mais aquellas, passou-lhe á frente, com rasgado desplante!

Eu pasmava da liberdade que enriquecia o animo do rapaz, e prendia-me sensualmente ao decorativo desse espectaculo de movimento, de côres vivas, e de elegancias raras que levaram seculos a fixar e a transmittir. Caçadas de fidalgos, conheci-as de as vêr ingenuamente pintadas em rodapés de azulejos de pateos solarengos; a claro-escuro em gravuras do seculo XVIII; e em Gobelins muraes, nas meias tintas das suas tonalidades decorativas. Assim, em plena vida, era a primeira vez.

Um signal do monteiro avisou de que a corça fôra alcançada; e todos partiram no sentido de onde o toque viera. Para lá fômos tambem, e sempre na mesma indelicada correria, passando adeante de todos e não permittindo que ninguem passasse adeante de nós! Subito, o rapaz, que se preparava para passar á frente de um landô aberto, em que iam duas senhoras, soffreou a egua e meteu-a a trote miúdo. Abafára a esturdia em que vinha e não tirava os olhos da carruagem, que, rodava silenciosamente nas suas borrachas, ouvindo-se só o chocalhar do guizo na lança, e o trote altivo dos magnificos cavallos, batendo as pesadas patas.

O landô passou para o outro lado da estrada, e o nosso pequeno trem seguiu-o humildemente, quasi a passo, — ia a escrever: quasi de rastos!

— Quem é? — perguntei; e elle, em voz baixa, numa inflexão cheia de prazer contido no respeito:

— «Regardez comme elle est jolie!»

Num impeto, atirou nervosamente uma chicotada á egua, passou á esquerda do landô, e esperando um momento para que elle passasse á frente, gritou, em pé, agitando o casquête:

— «Voilà la belle Nathalie!»

Era a rainha Nathalia, ex-soberana da Sérvia, notavel pela sua bellêza e por seus infortunios!

Do alto da almofada, os creados, de librés agaloadas de prata, graves como bispos, olharam com sobrecenho para o pequeno cocheiro palrão; e a rainha passou, aristocratica e linda, com o seu sorriso de Joconda — subtil como a luz dessa tarde de outono, que esmaëcia...

Nos Avants

Em Maio, os narcisos brancos nas collinas dos Avants são tantos, que, vistos de longe, parecem geada. Ha devotos que veem da Escócia á Suissa ver esses oiteiros em flôr; como ha quem desça de França até o Arno, para ver abrir as primeiras rosas nas Cascinas de Florença; ou quem se fique até tarde no Meio-Dia de Italia para assistir, no outono, á queda das folhas no Campo Romano. Nós, que temos sempre um lindo céu e a terra coberta de flôres; nós, que pensamos o gado a papoilas e a margaça fina, não comprehendemos que possa haver gente que, de tão longe, vá ver enflorar roseiras, despir arvores, ou desça, da Suecia e da Inglaterra, até o lago de Como para gosar, dois mêses no anno, cantos de sombra em parques amaveis,

que custam os olhos da cara! Mas não é só por sermos ricos de sol, e desse excepcional favor de termos sempre os olhos em campos floridos, que não comprehendemos as viagens, longas e dispendiosas, que gente rica — inglêses principalmente — faz pelo mundo fóra, poisando a sua tenda deante de paisagens agradaveis vistas de onde haja conforto. Não comprehendemos, porque para o português a viagem é sempre uma deslocação grave, emquanto para o inglês não passa de simples instalação. O português, viajando, em tudo muda de habitos, e isto é o que primeiramente seduz o seu atavico espirito de aventura. O inglês, ao contrario, gosta de encontrar por toda a parte a cozinha feita a seu paladar; os quartos e os salões com a mobilia a que se afez; o banho frio; o chá a horas; o taboleiro do «tennis» bem ensaibrado; á mão o serviço protestante; uma poltrona Maple para se recostar, cachimbando e lendo o absorvente «Times»; geitosos creados de quarto, que o friccionem com vigor e prestêza, saibam vincar calças e vidrar o coiro das suas solidas botas amarelas; e porque, em geral, encontra estas coisas, onde pára fixa-se, sentindo-se em sua casa. O português dispensa tudo isso, na vertigem do imprevisto que o estonteia; mas, afinal, cedo se satura e

logo lhe vem a nostalgia dos seus habitos pacatos, das suas sôpas caseiras, e ei-lo regressando á pressa, pelo primeiro comboio que lhe apparece, ancioso de se estirar no seu colchão duro, e de comer os pratos rudes e deliciosos em que o seu paladar se educou. A viagem foi para elle uma terça-feira gôrda, ou estouvada corrida para os toiros, á desfilada, por cima de pó e por entre caras desconhecidas, vistas de relance — como tudo o mais! Voltam moídos, o estomago azedo, o peito esbofado — tendo que contar!; os inglêses, esses, lá ficam onde os deixaram, fazendo a mesma vida que lhes viram fazer: de manhã, barbeados e frescos nas suas camisas de Oxford e no seu terno de flanela clara, estirados em cadeiras, á sombra de tilias; á noite, metidos em rigidos «smokings», cabeceando, na sala de fumar, deante do copo de «whisky and soda», ou, em mangas de camisa, peitilho brilhante, fazendo uma partida de carambolas na macia baeta verde do bilhar russo.

O português viaja por extravagancia, gastando muito dinheiro; o inglês viaja por habito, e só gasta o que quer. O inglês, se é novo, se ainda não fez fortuna, viaja barato e depressa, como a fazer ideia do que no mundo ha, para um dia voltar a ver com socêgo; mas

se é idoso, e rico porque trabalhou e ajuntou, viaja com descanço, escolhendo sitios amaveis e climas amenos. Não tem pressa; e, onde se sente bem, fica. E' este que faz as longas estadas nos hoteis, nas pensões, nas casas de hospedes — onde haja conforto e paz; é este com quem nos encontramos na tolda dos grandes paquetes e á mesa dos grandes restaurantes — por toda a parte: no Cabo ou no Canadá, na Europa, no Industão, na Nova Caledonia ou no Egypto. O seu lar vai com elle, e, seja onde fôr, instala a sua cidade, o seu bairro, o seu clube, a sua casa, como se estivesse na terra da sua ilha. Mas o português, sempre estranhão, sente-se expatriado, mal deixa a sua Villa, e expatriadissimo uma vez que não esteja no canto da aldeia onde nasceu! Por isso, não comprehende que um homem de Manchester tenha um casal em Vevey para passar o verão, ou um chalé no Cimiez para passar o inverno; e, muito menos, que se façam as malas para ir ver, lá longe na Suissa, collinas de narcisos em flôr!

*
* *

Os Avants, no cantão de Vaud, por cima de Montreux, ficam num alto, abrigados do norte

por curvas de montes que em Maio se cobrem completamente de ervagens verdes — do verde dos limos molhados; na frente, teem o panorama luminoso das montanhas leves dos Alpes da Saboia, cuja terra, rôxa e setinada como os lirios do campo, parece boiar no liso lago Léman que, lá em baixo, se avista, a centenas de metros de altura; da esquerda, em perfil, sobre as gorjas macias do Chauderon, o monte de Caux com as suas matas de pinheiros e, por entre elles, a mesma relva tenra que por toda a parte se alastra; á direita, na collina em brando declive, dobra-se a ultima curva da estrada que vai a Chamby, e que depois desce, ás voltas, até Montreux, entre hortas e socalcos de vinha, sempre com o lago á vista, a casaria de Bouveret na orla da outra margem, e na de cá as doces enseadas de Territet, Bonport, Vernex e Clarens, debruadas de tufos de alamos e manchas claras de casaes felizes!

No chão do pequeno planalto e nos rebordos das collinas ás ondas, tirante a cal das casas, a tinta dos telhados, e a tira amarela da estrada solheira, tudo o mais, como digo, são panascaes de erva muito verde, fresquissima, cobrindo tudo de alto a baixo. A caiada aldeia dos Avants está, nessa verdura espessa, como um açafate de roupa branca posto num campo

de centeio novo! O sol illumina tudo sem beber á relva aquella frescura de acabada de regar.

Deante destas collinas forradas de trevos, de margaridas, de myosotis, de botões de oiro, de rainunculos bravos, de malmequeres, e branqueadas a baldes de leite pelo estendal dos narcisos em flôr; neste ar brando; neste ar parado; nesta paisagem esmaltada, futil e graciosa, não appetece nem pensar, nem sonhar, pois todas as ancias se moderam e só um regalo nos pede a alma: estirarmo-nos nessa verdura fôfa e perfumada e passar ahi o dia inteiro, passivamente quietos, gostosamente inertes, esquecidos de tudo e de todos, e, num irredutivel egoismo, esquecidos até de nós proprios! Em tal marasmo, não nos mordem ambições, mas tambem não sentimos o agudo prazer do que estamos fruindo... E' um bem-estar amornecido, uma felicidade como deve ser a dos lagos mansos bebendo o luar numa noite quieta...; e se algum resto de desejo ainda nos pudesse atravessar o cerebro baço, seria o de trocarmos os nossos direitos de animaes pensadores pelos da inconsciente felicidade da verdura em que nos afundamos! Em volta, na calmaria do ar parado, da luz parada, todos gosam, absorvidos em si, a ventura de vegetar! Em parte nenhuma, uma arvore isolada, a sós com a sua

sombra violacea, se sente tão feliz como ahi... ; e os chalés perdidos na montanha, no conchego de seus largos tectos e beiraes de taboinhas, estão, vê-se, abeberados na plena felicidade do isolamento. A relva, as arvores, as casas vivem naquella lendaria paz dos melhores dias da biblica Creação! Quem não era daqui e de longe veio, cedo se aclimou e compôs sua vida á vida que os mais faziam. Os castanheiros da India, de gorda folhagem, casaram lindamente o seu verde humido com o dos relvados agrestes; as sardinheiras escarlates cobriram-se de folhas, para dissolver a viveza de suas côres; e como estas, palmeiras, araucarias e outras arvores de «qualidade», trazidas pelos hoteleiros, para sombrear e alindar jardins riscados de ruas onde a areia canta debaixo dos pés de quem a pisa — jardins civilizados que a gente da cidade, apesar de farta delles, gosta de encontrar no meio da naturêza «simples», que busca!

* * *

Para «gente da cidade» é, afinal, toda essa Suissa posta alli a dois passos do «Boulevard

des Capucins», do «Piccadilly» do «Ring-Strasse», pelas mãos espertas dos hoteleiros, conhecedores da alma da gente fatigada, que ama o rude pelo pitorêsco e as paisagens agrestes vistas da... varanda do seu quarto, no conforto de uma facil poltrona! Por isso, o hoteleiro, gentil e industrioso, arboriza as collinas, semeia narcisos nos prados, solta cascatas, cava precipicios, pondo em tudo, sempre que pode, para atiçar desejos, a apparencia de prazeres inatingiveis, como o das ascensões a certos pontos, de onde a vista é deslumbrante; mas, pouco depois, segreda a inesperada revelação de uma estrada suave, ou funicular commodo, que leva os seus hospedes, sem perigo e sem demora, aonde tudo se vê a troco de francos e de gorgetas repetidas. E são por toda a parte, da planicie aos cimos dos montes, esses cabos de aço — cordas de balões captivos, para que o homem se não possa alar no isolamento a que sobe, apartando-se da civilização, de que vem fugido, e para onde ha de fatalmente voltar, pois é necessario que elle continue a viver no ar sujo das cidades para, por necessidade ou prazer, vir, amiudadas vezes, respirar o ar puro da Suissa sadia e confortavel! O hoteleiro sabe tudo isto, conta com tudo isto, e amaneira a paisagem ao gôsto dos seus hos-

pedes cançados, pondo uma intelligencia perfeita no distribuir luz nos céus de vidro, nos montes feitos de cortiça pintalgada, nos lagos azues, nos fogos de Bengala incendiando quedas de agua, no reviver os trajes nacionaes, os córos populares, — emfim, no meter em scena as várias peças de tradicionalismo, rebuscadas no passado e nas lendas dessa outra Suissa natural e audaz!

Destas montanhas, assim ataviadas (embora nos regalem e, por vezes, nos soceguem) trazem-se imagens agradaveis, mas exteriores, que se agradecem com um geito de bôca, com um sorriso; e mais nada, porque essas lindas serras, com hoteis postos em sitios tão opportunos, precipicios tão aproposito, são, creiam-me, de papelão pintado! São arte decorativa para agradar a olhos estrangeiros, que vão de passagem ligeiros e faceis; são literatura de palavras, que logo se põe na estante; são livros que não appetecem ler duas vezes, e que jamais se buscam na hora urgente do conselho precioso. A fórte verdade das serras não a sabem essas montanhas amaneiradas, ou, pelo menos, não a dizem — ellas instruidas na perfeita correcção de tratar com gente, polida e serena, que lhes não pede senão sorrisos, e só sorrisos, como ás creanças só festas se pedem!

Nenhuma dessas montanhas me abalou o coração como uma vez essa região sagrada dos Cantaros, na serra da Estrella, nua, inacessivel, inabalavelmente austera e serena: — serra rude e formidavel, onde o silencio é aboluto e o isolamento tão grande que parece estarmos fóra do mundo! Nossas dôres e agonias mais fundas são coisas mesquinhas deante desses collossos de stoico granito, padecendo os inclementes maus tratos das neves, das chuvas, dos ventos, dos raios; deante desses abysmos sobre as nascentes do Zezere, que nos apavoram e nos deprimem! Esses horizontes infinitos por sobre o mar tempestuoso de montanhas que não teem fim; esse ar extenso; esse silencio prolongado, são vozes cheias de verdades que assombram e convertem!

. . . . . .

Creiam-me, esta Suissa não tem montanhas!

Um amigo da sua terra

Depois de longa viagem, cheguei ha dias a Lisboa que, segundo o costume, vim encontrar tal qual a deixei: os mesmos homens encostados ás mesmas esquinas, fumando o charuto que tinham accêso, quando, ha dois annos, passei para o «Sud-Express»; os mesmos janotas, ás portas das tabacarias, brincando com o dedo tedioso na fita do monoculo innocente; os mesmos caixeiros frisados, ao fundo de lojas de modas, debruçados no balcão, fazendo olhos e dizendo coisas a senhoras, dengues do gôso de as ouvir, a quem vendem meias de seda «um quasi nada folgadas na coxa, mas que devem vestir muito bem», ou espartilhos, direitos na frente, quebrados nos rins e opulentos nos

seios, «que (e apalpam com os olhos, creia V. Ex.ª, parecem feitos para o seu corpo!»

. . . . . .

Passei a semana, ainda com os olhos cheios do que de bello viram lá por fóra, no meio desta gente pallida, fadista e ociosa, que me entristece; mas hoje esqueci-me de todo de onde estava, conversando demoradamente com o dr. B***, um amigo de provincia, que eu tinha perdido de vista desde a recita do seu 5.º anno, em que lhe besuntei as faces de vermelhão, rasguei os olhos e avivei com rôlha as sobrancelhas bastas, para elle ficar, como ficou e queria, um «appetite de tricana!» Quando o vi, veio-me logo isto á ideia, e a collecção de espadas antigas, de faianças, de porcelanas da India, de colchas, de gravuras, de marfins e outras antiqualhas que elle tinha espalhadas por cima dos moveis encerados e na parede adamascada do seu original e rico quarto de estudante, ao Arco do Bispo, que alcunhavam de «Janelinhas Verdes»! Ia perguntar-lhe por essas coisas, ou melhor, pela sua mania, quando tive mão em mim, com receio de que, não encontrando já o mesmo homem de Coimbra, elle me respondesse que estava envergonhado de ter gasto tempo e dinheiro com essas bugigangas — como certo dia me aconteceu com um de Trás-os-

Montes, antigo companheiro de casa, lido em livros avançados e todo elle socialista até á utopia, que me disse, apropósito das minhas opiniões sobre os Boers, Tolstoï e o altruismo:

— Tolices, tolices! As ideias, meu caro, não enchem barriga.

E como nesse momento apparecesse ao portão do Ministerio do Reino um ministro triste, sorrindo polidamente a muitas pessoas que o cumprimentavam da direita e da esquerda, o meu ex-nihilista desbarretou-se desvanecido, e, apontando-m'o, disse convicto:

— Estes é que são os Guizots, os Montesquieu, os Michelets, os Spencers; tudo o mais— uma historia!

Calei-me, pois, deante do dr. B*** que, sabendo-me chegado do estrangeiro, logo me interrogou sobre arte, museus, etc., — o que o interessava de perto, porque estava em Lisboa, precisamente, para conseguir do governo coisas nesse sentido. Olhei-o com espanto. Tinha requintado!

A essa hora, no Chiado, cruzavamos varios contemporaneos nossos, deputados pela provincia, bigodes frisados, sobrancelhas arrenegadas, tesos em sobrecasacas novas, de bom córte, e chapéus altos muito brunidos, gravatas e luvas da côr que a moda manda, tudo

bom e caro, mas tudo canhestro, faltando não sei o quê — talvêz o á vontade que dão as botas usadas e a roupa ao feitio em que o corpo medra. O meu amigo, dentro do seu terno de jaquetão cinzento, do seu côco côr de charuto, das suas grossas luvas pospontadas á inglêsa, das suas solidas botas amarelas, do seu collarinho alto e justo, com um simples nó de gravata, e, a lustrar-lhe a face frescamente barbeada, uma franca jovialidade,—o meu amigo estava incomparavelmente mais correcto e agradavel. Emquanto os outros, Chiado abaixo, iam ruminando o gôso de, havia pouco, nos corredores de S. Bento, terem sido tratados de tu por um ministro, o meu amigo falava do muito que queria á sua terra, do que tinha feito para salvar coisas de arte que lá havia, e do que tencionava fazer ainda. Eu ouvia, cheio de attenção, este interessantissimo relato:

Conseguira reconstituir um velho castello do seculo treze, desde as paredes e tecto ás decorações interiores e mobiliario — castello que era toda a historia dessa sua Villa natal. Nos Paços do Concelho demoliu o torreão erguido por um Presidente da Camara, amador da ogiva, aponto de ter projectado substituir por infesado gothico de jazigos de familia a correnteza de largas sacadas que franqueavam á

leal fachada desse edificio — fins do seculo dezoito. O peloirinho, soterrado algures e de todo esquecido, trouxe-o para uma praça publica, e tambem o bello chafariz de granito, com duas taças lavradas, que em tempo alguem apeara e substituira por uma columna corinthia, de ferro fundido, com torneiras de latão, e, em cima, um bico de gaz entre vidros de côres, como os que em Lisboa annunciam o carvão de coke! Tinha reedificado uma antiga porta da Villa, com o seu nicho e o seu santo, a sua videira e a sua lenda graciosa. Conseguiu da Junta de Parochia da Collegiada descaiasse as columnas de granito, e desrebocasse os capiteis, substituindo o burguês estuque branco do tecto da capella-mór por artezões de castanho, a dizer com os do corpo da igreja. Logo que faça parte da Camara, nunca mais permittirá que se mudem os nomes das ruas, e reporá alguns (sobretudo num bairro em que só havia nomes de santos) que modernamente teem sido chrismados pelos de inuteis figurões politicos. A mania de limpar as fachadas dos edificios antigos, picando-as a cinzel, será terminantemente prohibida, como a de construir casa que por fóra não seja no gôsto dos typos antigos que ha na Villa, pois o meu amigo, detestando cordealmente as avenidas modernas, os grandes

largos, e o barulho, quer a sua terra aproveitando de todo o confôrto moderno, mas que nada perca daquelle bonito parecer, muito pitorêsco e muito seu, que lhe dão as suas praças conchegadas, as suas calçadas lavadas, e as suas ruas estreitas. Para passeio publico, aproveitará a bella cerca de um convento, em pleno campo, com velhas carvalheiras, e extensas relvas onde as creanças pulem e brinquem até esbofar. Agua e cal serão fornecidas, por baixo preço, pelo municipio, que, alem disso, distribuirá premios ao lavrador que apresentar a mais linda junta de bois, e ás cachopas que, nas duas grandes romarias do anno, se mostrarem mais vernaculamente trajadas conforme ao uso da terra.

Fazendo propaganda das suas ideias, passa as tardes nas lojas dos picheleiros e dos caldeireiros a pregar-lhes que não mudem a fórma de certas vasilhas, de certos calices, castiçaes e candieiros de estanho e de latão, porque com as fórmas artisticas é o mesmo que com as fidalguias: levam seculos a apurar! O mesmo faz nas officinas dos entalhadores, dos lavrantes, dos oleiros, das rendeiras, dos cesteiros, para que se não esqueçam dos bellos modêlos; e a todos, um e um, vai insinuando o bom-gosto e o respeito pelo que é antigo.

— Mas, ouve lá: tu és politico! Como...

— Para isto, para isto é que sou politico! Dou votos, valorizo-me deante destes senhores, de modo a não poderem passar por cima de mim, mas para isto, para isto sómente.

— Bairrismo puro!... E agora vieste a Lisboa...

— Vim a Lisboa por causa do museu. Quero um museu! Os homens precisam de mim para as eleições que estão á porta e, portanto, a coisa arranja-se...

Depois, explicou-me o que seria o seu museu: tudo o que servisse de documento á vida local, na ceramica, na ourivezaria, no mobiliario, na serralharia, nos costumes de vestir, nos utensilios caseiros, nos instrumentos de lavoira, ferramentas, etc., irá para lá. Modêlos, photographias ou desenhos de casas caracteristicas, janelas, portões, pedras de armas, obras de santeiros, de arte decorativa, de arte religiosa, emfim, todas as affirmações de vida esthetica terão cabimento nesse museu.

— E' o meu sonho, o meu sonho! Se o vejo realizado, nem acredito!

Lembrando-me, então, de outros museus de lá de fóra, congeneres desse que o meu amigo queria para a sua terra, interrompi:

— Sabes que no estrangeiro...

— Nunca viajei.

— Nunca viajaste?!

— Minto: fui uma vez a Salamanca!

O meu espanto cresceu. E, olhando-o um momento, pasmado, tomei-lhe o braço e fomos jantar ao Tavares, para conversar.

* * *

Eu tinha visto, mêses antes, o Museu Bavaro de Münich e o Museu Nacional de Zurich — ambos em extremo curiosos de estudar como disposição e riquêza. Mais do que collecções de objectos antigos, são successões de épocas antigas. Noutros museus, «South-Kensington» por exemplo, vêem-se moveis gothicos, quadros gothicos, pratas gothicas; mas nesses outros vê-se mais: vê-se uma época gothica. E o mesmo é para qualquer outra época, desde o byzantinismo do seculo nôno ás modernissimas ornamentações do quarto de parada de Luis II, no Castello de Linderhof. Cada peça, quando não está no meio para que foi feita (ha salões, cellas, gabinetes trazidos inteiros dos palacios, dos municipios e dos conventos onde estavam) está cercada de outras suas contemporaneas e

conhecidas. Em volta de um triptyco de Holbein tudo é Idade-Media alemã da segunda metade do seculo quinze; como em volta de um relogio Luis XIII tudo é Luis XIII. Desta maneira, estando todos os objectos dentro do mesmo tempo, o conjunto dá-nos a expressão da época, que comprehendemos num relance, ao mesmo tempo que cada peça de per si. A época explica a peça, e a peça engasta-se no meio que a produziu.

Eruditos e claramente educativos, estes dois museus conseguiram dar ás suas nações — Baviera e Suissa — a consciencia da sua individualidade artistica, que andava affirmada nos livros, mas que ficava abstracta para a maioria dos individuos que só tiveram conhecimento exacto della, vendo-a patente nessas collecções. Um bavaro ou um suisso, visitando esses museus, fica sciente daquillo em que a sua arte foi original, do que importou sem discussão, ou do que importou modificando a seu gôsto. A tradição tem ahi um traço visivel.

Mas outro lado me interessa em tal systema: é a arte, digo, a literatura que se põe nesse arranjo, nessa reconstituição interpretativa da verdade, que tanto tem da arte do romance historico, creando vida num periodo passado. Na disposição das peças de mobiliario e de tudo

que diz respeito a determinado momento historico, não se mira somente a que as datas sejam o mais proximamente contemporaneas, mas a provocar, pelo conjunto, a sensação do periodo que se quer mostrar. Disto resulta que, sendo um museu de coisas mortas, é um museu cheio de vida! Nas salas está tudo a postos e pronto a funccionar. Só lhes falta o que falta na casa em que os donos estão ausentes!... Mas elles vão chegar e tudo se porá em movimento...

Entra-se num quarto gothico do seculo quinze e encontra-se o que se encontraria num desses quartos na Alemanha do sul, á hora em que Dürer cogitava e Maximiliano imperava. O aposento é pequeno, e sombrio pelo tom das paredes, do tecto e dos moveis que são de carvalho, e por a luz das janelas vir por vitraes de côres poentes. A um canto, a cama de casados, alta, larga e defendida pelas fórtes tábuas dos pés e das cabeceiras em que poisa o docel de madeira, que tem a toda a volta uma platibanda de ameias agressivas. E' uma casa forte! Cortinados de damasco, correndo para os lados como os dos beliches, acabam de a resguardar dos olhares indiscretos dos armarios, dos bahús e, principalmente, dos da «menina do lustre», que, empoleirada

nas pontas de um cervo, espreita do tecto! Os armarios dos vestidos são tambem ameiados, e as portadas e tampas dos arcazes, que guardam as roupas de linho da castellã, cobertas de largas laçarias de ferragens brunidas — em geral, estilizações de folhas de carvalho. Arcas lavradas em talha gothica, com varias prateleiras e escaninhos para joias. Um triptyco de Burgkmaier e esculturas de santos, bonitos e pallidos, sorrindo na sua facil santidade. Sobre uma mesa, de tábua grossa, um Livro de Horas, illuminado, e um pequeno cofre de casamento, de veludo verde, coiraçado de ferrarias heraldicas e duplas fechaduras de aço. Ao lado da cama, o genuflexorio, e na parede, defronte, um relicario de mil cacifos — como favo de mel. O chão é de tijolo, frio, e as portas são baixas, espessas e ferrajeadas como as dos castellos.

Deante desta reconstituição, pouco saber é preciso para integrar o espirito numa época beata, austera e forte.

Para as mais é o mesmo. Viaja-se, assim, através da idade byzantina, da romanica, da gothica, da renascença e dos tempos modernos na sua apressada evolução, de Luis XIII ao Baixo Imperio.

Todas as épocas estão representadas em sa-

las e salas, numa profusão estupenda de objectos preciosos, de inestimaveis recordações. Nada falta. O que pôde vir inteiro, veio; o que veio destruido em parte, ou incompleto, completou-se e reconstituiu-se. No museu de Zurich ha uma pharmacia inteira do seculo dezoito, vinda de uma abbadia benedictina, com as suas armações, potes de faiança, almofarizes, balanças, livros de assento; e para o Bavaro veio de Ausgbourgo um salão municipal com pavimento, tecto, paredes, roda-pé e mobiliario. E porque as salas se foram fazendo para as salas que tinham de as vir occupar, umas grandes outras pequeninas, umas altas outras baixas, isto obrigou á disposição estranha desses palacios, todos cheios de degraus, de corredores, e de arcarias, passando-se de salões a cubiculos — de uma casa capitular de abbadia a uma cozinha burguêsa.

Os que só se interessam por estudos parcializados, ahi verão egualmente a evolução daquillo que estudam de preferencia. Uns a armaria, outros a oirivezaria, vitraes, azulejos, tijolos, tapeçarias, madeiras esculpidas, mosaicos, serralharia, tecidos, rendas, bordados, marfins, joias, medalhas, sedas, esmaltes, embutidos, miniaturas, trajes militares, civis, urbanos e populares, faianças, porcelanas, coiros lavra-

dos, manuscritos, encadernações, tudo ahi encontrarão eruditamente disposto, e bem ás vistas o fio evolutivo e o cunho das differenças que o espirito de cada época lhes crava. E, para poupar trabalho e fastidientas investigações, tudo está etiquetado e authenticado com a certidão de idade e a folha de naturalidade.

Tal foi a materia da nossa longa cavaqueira, na sala de jantar do Tavares—sala fumarenta como a de um botequim de aldeia. O meu amigo estava encantado, mas não surpreso. A sua intuição artistica faz-lhe ver, de pronto, o alcance dos assumptos de arte, com os quaes immediatamente se familiariza, como se nelles tivesse vivido e muito. No entanto, o meu applauso deu-lhe calor — fez-lhe bem.

Era já tarde quando o deixei nas escadas da «York-house», ás Janelas Verdes. Elle ainda me gritou do paredão:

— Não te esqueças dos Ruskins, quero-os todos!

Paginas de um «Bloc-Notes»

I — De Salamanca a Lião

A pequena Rosina, que brinca com a Theresa, tem passado o dia neste terraço entretidissima com um velho mappa de França, muito pintalgado, que lhe serve de esteira no chão de ladrilhos. E' extraordinario o que ella tem viajado pelas linhas encarnadas das vias-ferreas, atrahida, principalmente, pelas grandes cidades, quero dizer, pelos grandes circulos negros que as indicam! Entre Paris, Lião, Marselha e Bordéus, o pequenino comboio de carrinhos de algodão vence distancias como jamais as vencerão os melhores Expressos que a mechanica futura inventar. Mas todas estas correrias são na planicie, pois a Rosina tem instinctiva repugnancia á montanha: as aguadas

sépias, marcando o logar dos Vosgos, dos Pyrenéus e dos Alpes, atemorizam-na como se verdadeiramente tivesse deante de si esses alcantîs inacessiveis! Contrapondo-se a esta antipathia, a Theresa passeia os seus deditos—gomos de tangerina — pelos despenhadeiros do Jura, com o mais afoito alpinismo! Para Rosina, as viagens predilectas são as Landes até o Gironda, o Rhodano e, em especial, a costa do Mediterraneo com o seu mar chão de azul cobalto, que lhe atrahe os olhos como a luz atrahe a borboleta. Mas ella chama Cascaes a Nice, Estoril a Toulon, Paço-de-Arcos a Marselha, Lisboa a Montpellier! E é entre estas cidades e villas que o seu carrinho de cartão roda sem cessar, sempre cheio de gente (predominam os militares de chumbo) e de mercadorias que se accumulam nos circulos dessas terras: Cette é o emporio de sementes de café; Marselha manufactura botões e colchetes; Toulon exporta painço; Montpellier areia; Nice é um montinho de flôres de urze; e Monte-Carlo — curioso! — uma bandeirola de chumbo doirado!

Mas já duas vezes o «Fedelho» (um cão do tamanho de uma cobaia) veio lá de dentro aos saltos, a lamber toda a gente, a dar ao rabito, e misturou, com as patas, a areia, os botões, a urze e o café! A Rosina chorou, e eu, offere-

cida e aceite a mais pacifica mediação, recompuz os montinhos, e tirei pelo gasganete o «Fedelho» para o meu collo. O movimento restabeleceu-se, mas o commercio soffreu uma deslocação grave: Marselha passou a ser o porto do café, e Nice, de onde fugiram as flôres, ficou reduzida a um pobre mercado de areia sêcca! Voltas que o mundo dá!

E' claro, não faço philosophia do caso, embora fosse facil ver as minhas nessas viagens, e ver no «Fedelho» a symbolo do Destino turbulento, que, numa reviravolta, empobrece os ricos e traz abastança a remediados. No entanto, confesso, foi a brincadeira das creanças que me sugeriu o capitulo que vou escrever — veloz como o comboio da pequena Rosina. Para isso, tomo de um «bloc-notes» de algibeira, com folhas pouco maiores que a palma da minha mão, rasgo, pelo picado, algumas paginas, e escrevo no alto de cada uma: Salamanca, Valladolid, Madrid, Burgos, Biarritz, Pau, Lourdes, Tolosa, Perpinhão, Montpellier, Nimes, Lião, Washington — os meus montinhos de café, de painço e de areia! A primeira sensação que me occorrer da minha rapida passagem por essas terras, ha annos, a porei nas paginas do «bloc», e á pressa porque tenho de merecer a merenda

que, está combinado, faremos juntos, logo ás cinco: a Theresa a sua Nestlé, a Rosina o seu pão com manteiga, e eu o veneno delicioso do meu Horniman.

Chegada a Salamanca.

Acocorado debaixo do toldo da imperial da mala-posta castelhana, ao entrar nessa manhã em Salamanca, que se avistava com as suas velhas torres sujas de teias de nevoeiros que o sol nascente ia desfazendo, pensava como seria interessante viajar assim por toda a Espanha, surprehendendo cidades antigas, á primeira luz das madrugadas, vindo de pernoitar, á ventura, em aldeias perdidas por descampados! A Espanha foi sempre para mim terra de muito prestigio, e isto vem, creio, da leitura, em pequeno, do «Gil Brás de Santilhana» com o romance de D. Mecia, e as historias do capitão Rolando; e daquellas gravuras do «Panorama», duras, vagas, com pontes e casaria em ruinas, estradas cheias de carrilhanas e de machos muito arreiados, com bolieiros de pantorrilhas e sombreiros em funil. Ainda hoje, estas pala-

vras: Serra da Guadarrama, Serra Morena, Covas de Salamanca, estradas de Astorga e de Oviedo, me soam cheias de lenda! Trilhar toda esta geographia prestigiosa foi meu desejo durante muito tempo, mas nunca realizei esse vagabundo programma de me internar por Espanha dentro, ao Deus dará da aventura pitoresca, embora tivesse ido, de espirito leve e olhos sôfregos de côres, ver authenticas Carmens sevilhanas morder cravos escarlates cuidados, por suas mãos de traição, nas caçoilas que enfeitam as suas trapeiras e os seus balcões de persianas verdes; e, de outra vez, fui saber como era doce o ar dos campos onde nascem as carinhosas mulheres de Malaga, e ouvir lá mães embalar filhos com o canto magoado das suas compassivas malaguenhas repassadas de amôr e de aventura!

. . . . . .

Assim pensando, apeava-me á porta da «Fonda del Comercio»; e pouco depois, á mesa redonda do almoço, um creado vesgo, mal barbeado, de melenas sujas, e de bôca grosseira, embirrava commigo para que comesse «la chuleta preciosa», e dizia-me, á puridade, que me atascasse nos «riñones», visto que «los pagava»; e, piscando um olho, batia-me familiarmente no hombro, muito dado, quasi tratando-me por tu,

como se tivesse andado commigo na escola, ou me conhecesse desde menino! Tal qual o «Hotel Franqueira», em Braga.

*
* *

Salamanca! Não cabe em tão pequeno pedaço de papel dizer o que foram os meus dias antigos, passados nessa velha capital dos reinos de Lião—cidade de ruas esganadas e sombrias, de palacios lendarios e de gothicas igrejas de pedra amarela a esboroar-se, a arruinar-se; não cabe dizer aqui a sensação que tive ao entrar nas frias aulas dessa Universidade medieval, cheias ainda do prestigio dos afamados doutores aquem recorreram os dissidentes Papas do scisma de Avinhão; ao sentar-me nessas seculares bancadas onde se sentavam aos dez e doze mil estudantes que annualmente vinham, de toda a parte, frequentar a, então, chamada «Mãe das virtudes e das sciencias!»

Fidalga terra, Salamanca!

Valladolid.

Apesar de me não interessar por toiros (digo-o com pena,) nunca saí enjoado das praças espanholas, protestando condoimentos pueris pela sorte dos bichos lidados, senão uma vez em Valladolid. Era ao tempo da guerra de Cuba, e por toda a parte em Espanha se organizavam beneficios para repatriados. Como nessa tarde não havia mais nada que ver, fui á toirada. Praça vasia; num sector um grupo de curiosos; e na arena um novilho, do tamanho de um «Grand-Danois», era perseguido por uma garotada de chulos, em chinelos, bonés e melenas, que ensaiavam os seus primeiros golpes de matar no desventurado animal que, com varias espadas cravadas no pescoço, no peito e nos rins, corria pelo redondel remugindo agonias! Nisto, salta á praça outro chulo, em mangas de camisa, cachenê ao pescoço, a querer matar o bezêrro que logo uns rapazolas, covardemente, seguram para o outro não errar o golpe! O chulo aponta, e descarrega, mas tão desastradamente que a espada traspassa o pescoço do desgraçado. Apupos, garga-

lhadas, pragas, pateada se misturam numa algazarra infernal! A praça desfaz-se em estilhaços; voam pelo ar bengalas, tábuas, pedras, copos, cestos, fruta; na arena, repentinamente cheia de gente, todos correm atrás do toiro que, salta a trincheira e, por uma porta que encontra aberta, se escapa para o largo e dahi enfia por uma rua, pondo em alvoroço um bairro inteiro! O povoleu acode de todos os lados, perseguindo-o; mulheres e garotos atiram-lhe cestos e mantas para tropeçar; mas o animal, com as farpas e espadas que, de encontro ás paredes, cada vez se enterram mais nas carnes rasgadas, espadanando sangue, atira-se por cima de tudo na cegueira das suas dôres! Afinal, ao voltar uma esquina, escorrega e estatela-se esbaforido, com a bôca aberta e os olhos agonizados!; e quando, ouvindo o vozerio proximo, tenta levantar-se e ainda uma vez fugir, caem-lhe em cima com uma chuva de punhaladas, e alli o matam vingativamente, desprezivelmente, como se elle fosse o mais ruim dos homens!

Madrid.

Para se viajar em Espanha é necessario ter bom estomago e bom humor. Se o tubo digestivo resiste á polvora do arrôz de pimentões, ás ceboladas, ao clarau e ao tomate; se o nosso animo suporta a rir os dizeres ordinarios e os modos arrieirados das camadas populares com quem ha a lidar; se tal se dá, a Espanha é ainda dos mais curiosos países a visitar. O viajante cosmopolita, farto de passar por coisas para que já não olha: avenidas arborizadas, casas apalaçadas no estilo da Renascença francêsa; por movimentos que o não interessam: a multidão atulhando as ruas, fiacres entalados entre cabeças de gente, electricos martelando nas campianhas, automoveis aos roncos; tem em Espanha — nas caras, nos typos, no movimento — uma physionomia propria, que lhe prende a attenção. Não falando das panturrilhas de Malaga, da boina biscainha, do jipu catalão, da mantilha e do chale andaluz, do gôsto, tão lindo, que teem as mulheres de Aragão de entrançar fitas de côres nos cabellos negros, e as de Toledo de usar aquelle alto penteado que tão

bem acerta com o rôsto; não falando destes trajes, e de muitos outros em que o tradicionalismo está á vista, na propria Madrid, que veste por Londres e Paris, eu vejo o mesmo afinco de raça a puxar para o que é vernaculamente seu. Nos homens, alem de não ir bem com o brilho quente dos olhos, com a barba negra, com a côr da pelle queimada, aquelle tom macio das fazendas inglêsas, feitas para gente rosada, barbeada e loira, os largos sobretudos, sobrios de côres e de linhas, ao serem pendurados dos hombros espanhoes, perdem a rigidez elegante com que os vestem os janotas de Londres e Viena, não sendo difficil perceber-se dentro delles a atavica tendencia do gesto aventureiro de traçar o tradicional capote. E' tambem vulgar notar-se, a protestar contra esses trajes de países de nevoeiro, o grito de uma gravata ou de um collete de côres mais vivas do que a moda manda; e o mais correcto chapéu de seda, de Lincoln ou Bennett Christys, posto na cabelleira lustrosa do janota madrileno é sempre um chapéu estroina!

Nas senhoras, então, basta o gesto voluntarioso do quadril soberbo para desmanchar a linha a que os vestidos genero alfaiate obrigam o corpo. Isto é na rua; porque nos salões não sei distinguir o passo miudinho, sensual, de

uma fidalga batendo com a ponta do sapato de setim a orla do vestido de renda, do da «chica», airosa, topando com a biqueira de verniz o fôlho pregueado da sua saia de percal, a varrer o asphalto da «Carrera de San Jeronimo», seu chale colado ao pescoço, cabello em apuros de bandós e frisados, muito negro, a destacar na face polvilhada.

E esta aproximação entre corpos da mesma raça e, consequentemente, entre almas finas e do povo, faz-me lembrar aquillo de um dramaturgo português, meu amigo, que encontrado uma vez a encovar-se nas sombras do Bairro-Alto, me respondia, com a sua voz apagada mas expressiva:

— Tenho de pôr na bôca de uma duquêsa certa opinião de amôr; vou ver o que sobre o assumpto pensa e diz a Chica-Engeitada!

Prado.

Todas as vezes que entro nesse Museu, atravesso a grande galeria, entre Goyas, Grecos e Velasquez, e vou direito áquella sala, por detrás da de Murillo, ver Ribera; e agora a minha

recordação faz a mesma coisa. Ribera! Se eu precisasse de explicar a obra tragica deste pintor pela sua vida, como dizem os criticos que se deve fazer, era facil ligar a dôr dos seus quadros ás miserias moraes da sua vida de expatriado, pedindo esmola, aos vinte annos, nas ruas de Napoles, e aos sessenta, no fim da vida, cuspinhado na cara pela vergonha de lhe ultrajarem uma filha! Mas Ribera seria pequeno para mim, se tivesse somente pintado as suas dôres; e é grande, porque, pintando as suas, pintou as da sua raça, no ponto de vista em que se collocou: o ascetismo espanhol no que elle tem de truculento! O lado sensual desse mysticismo, feito de fórmas, de côres, de sons, de perfumes—mysticismo á St.ª Theresa de Jesus — não tinha as violencias dolorosas que iam com a sua sympalento! O lado sensual desse mysticismo, feito de aventura, foi para Ribera um carnaval insipido que nem lhe fez voltar a cara para o ver; mas a Espanha beata e timorata, atormentada no empenho de amesquinhar desejos, de vencer paixões para entregar a Deus a alma leve de graça, essa estava na intelligencia do seu temperamento afeleado pelo desespero de dôres— das mais intimas. O pincel do pintor deliciava-se na dôr dos santos que se definham até á morte, na das santas que mirram sua carne es-

belta até ficarem a mumia da bellêza que fôram, como St.ª Maria Magdalena e St.ª Maria Egypciaca. Estes sim, foram os assumptos predilectos desse sombrio pintor do soffrimento, que, tendo vivido entre italianos, com Caravagio que era sereno e com Corregio que era meigo, e numa terra—Napoles—de alegre céu e de alegres aguas, ficou sempre tenebroso! O ascetismo dos santos, as dôres de Promotheu, os martyrios de S. Bartholomeu, são assumptos a que volta varias vezes, voluptuosamente. S. Jeronymo é tratado em dezenas de quadros: quasi sempre homens velhos — os gestos vencidos; a pelle do corpo esmirrada e resequida de varias magrêzas; as mãos nodosas, sabias de experiencia, quebradas de impetos, promptas para o bem; os olhos serenos de meditar, quietos e infantis; a face e a testa apaziguada—que ao fundo de cavernas afagam caveiras, afagam a Morte! Outros, leem o livro que sempre teem lido, e nos olhos gastos aviva-se o fio de uma alegria estranha: a de quem encontra ainda um sentido novo naquillo em que tanto tem cogitado. Mas ha tambem os S. Jeronymos no começo da vida asceta, quando esse montão de vigôres começava a ruir: são homens precocemente estragados, com o corpo novo, a face sanguinea, os cabellos ainda pretos e du-

ros, mas a testa torturada de duvidas e o olhar teimoso e aferrado nas paginas de um livro, buscando a verdade, insistentemente, penetrando, raspando, como se as pupilas tivessem unhas!

E tudo isto é exposto vagamente, mas intensamente, e alumiado por uma luz estranha que pára derepente na treva, suffocada, estrangulada, como se amordaça um grito! Desnorteia e assusta e encanta a illuminação dos quadros de Ribera! Não se sabe até onde chega a luz, até onde chega a sombra! Não se sabe se o que se vê é a sombra que o mostra, se é a luz que o esconde! São figuras de apparição, e como taes as vejo e recordo!

Burgos.

A's duas da madrugada, em Novembro, deixei o conforto de um beliche do «Sud-Express», para não passar por Burgos sem ver a cathedral. No hotel, onde não havia senão creadas — no escritorio a fazer contas, nos quartos a fazer camas, na sala de jantar a servir á mesa — nós, os portuguêses, eramos, segundo ellas, os

unicos «estrangeiros», porque os outros hospedes, francêses e inglêses, consideravam-os vizinhos!

Constipei-me horrivelmente nessa terra frigidissima, e passei o dia inteiro na cama — dia que era o 2 de Novembro: Fieis-Defunctos. O meu companheiro, especie de Raposão, não na hypocrisia, mas na chalaça pittoresca que tudo o que fosse consagrado — ideias ou sentimentos, homens ou factos — lhe provocava, levantou-se cedo e foi visitar os cemiterios, coisa que jamais fizera em sua terra! Entrou-me no quarto, vestido de preto, gravata preta, luvas pretas:

— Menino, sou pelas praxes! Queres-me mais circunspecto para o dia de hoje?

E, assobiando-o «Hilario», foi para a janela polir as unhas e atirar-se, matreiramente, a uma creadinha da vizinhança que, de quando em quando, apparecia á varanda, ora a bater um tapete, ora a espanar uma bugiganga.

Eu dizia para mim: «Já sei que não levamos juntos a viagem ao fim! Qualquer dia abala-me para ahi com uma Dolores, como daquella vez em Sevilha...

*
* *

Pudesse eu ter trazido commigo todos os santos daquelle altar do seculo quinze, que ha na cathedral, lá em cima na capella do Condestavel, á direita! Os escultores desse seculo, ainda com as mãos tolhidas para despregar as roupas e soltar os cabellos, modelar os corpos e crear attitudes, tinham, apesar disso, a alma tão cheia de religiosos temores, que a expressão das suas figuras lhes vinha aos dedos, poderosamente. Tenho deante dos olhos essa rude e espiritual escultura de uma Magdalena vestida de seus cabellos e ciliciada com corôas de espinhos de Jesus, aferroadas nos rins para esfriar o calor dos instintos, na testa para desfazer o deleite dos desejos que se fiam na imaginação!

.....

Tenho-a deante dos olhos!

Biarritz.

Para quem em Agosto a viu doida, atirando á rua mocidade e dinheiro, muito bem vestida e muito bem calçada, visitá-la em Novembro, com as persianas fechadas, as ruas desertas, a «Négresse» humida e suja de folhas pelo chão, sêccas as vinhas das encostas — nevoeiro em vez de sol; é encontrar-se, bastantes annos volvidos, com quem corcova e fôra elegante, e tivera dentes fortes e gengivas vermelhas e frescura moça nos olhos e na pelle!

Em caminho de Pau.

Umas creanças francêsas trouxeram para o vagão-restaurante as bonecas que jantaram com ellas, comendo de tudo, e estiveram sempre «très sages», pois nem se meteram na conversa dos mais velhos, nem besuntaram seus pequeninos babeiros de cambraia e rendas! No fim, lavaram-lhes as bôcas e os dedos, carinho-

samente, e com aquella pontinha de agradavel canseira que as mães põem em aturar creanças:

— «Oh! les enfants, les enfants!» — dizia uma, simulando um arzinho moído.

Das suas mesas, os viajantes, com as bochechas fartas, sorriam das momices das creanças palreiras; e o commissario, que fazia as contas de mesa em mesa — um rapazola de boné ao lado e bigodes arrepiados — rabiscou esta nota, pondo serios os seus olhos de gaiato:

— «Deux dinêrs, vin comprís, pour deux petites demoiselles, dix frs!»

Todos riram com bonhomia; mas um hypercivilizado Jacintho, com quem eu tinha feito conhecimento nessa manhã e jantava a meu lado, cofiou tristemente o seu bigode triste, e olhando para as creanças e para as bonecas, disse-me, naquelle tom murcho, que lhe conhecemos:

—Quando temos vivido muito e mal, a nossa alma é um espelho estragado! Por mais fresca que seja a naturêza que nelle se reflicta, a imagem é sempre empoeirada das nodoas do vidro arruinado!...

E deitou para o cinzeiro, com gesto lasso, o charuto que acendera havia minutos!

Lourdes.

Era uma sexta-feira. O chefe de mesa dos «Embaixadores» perguntou-nos com a sua cara seraphica:

— E' claro, comem de magro?

E o Raposão:

— Qual cabaça! Misturamos bom peixe com boa carne!

O homemzinho mudou inteiramente de parecer; e num tom reinadio:

— Ah! Os senhores são cá dos meus!

Porém, logo abaixou a voz, pondo de novo a mascara:

— Mas não ha remedio senão contemporizar, contemporizar...

Quando entrámos nos nossos quartos, a creada, que fazia as camas, disse-nos um «bon-jour» discreto, apagado... O Raposão deitou-lhe logo os olhos, e não a perdeu mais de vista; mas a creadinha, com gestos mysticos, arranjava o trem do lavatorio, desdobrava as toalhas, enfileirava no toucador as peças do estojo; depois, relanceou os olhos por tudo, a ver se tudo estava no seu logar, endireitou ainda, e escrupu-

losamente, um caixilho com a imagem da Virgem, que havia á cabeceira da cama, e saiu com os seus pézinhos de lã! O Raposão, que estava á cóca, atacou-a de frente, sapateou-lhe, ás arrecuas, duas escovinhas ageis, e deu-lhe uma palmada doce na cara, dizendo repenicadamente:

— «Bonjour, soeur Bernardette!»

Ella deu um pequeno grito cantado, olhou-o, sorriu-se, e foi-se pelo corredor fóra, rebolando os quadris; e o Raposão, zás, na peugada!

* * *

A bancada fronteira á Gruta estava deserta, mas dentro ardiam aquellas dezenas de velas que ha muitos annos ahi ardem todo o dia e toda a noite!

No silencio da tarde, vi chegar um velho conduzindo, num carrinho de mão, uma menina tão pallida que parecia desfallecida! Entraram na Gruta, e posto o carrinho bem em frente á imagem da Virgem, essa creança, mal podendo abrir os olhos de fatigada, levantou as pupilas para Maria e ficou a olhá-la com um sorriso desfeito, em que parecia pedir-lhe que a cu-

rasse, mas mais por amôr do pai que por amôr della!...

O velho ajoelhou-se, ergueu a tremer os braços fatigados e amarrou as mãos ás rochas da Gruta, como um naufrago! Depois, levantou a cabeça, e não se descreve a supplica angustiada que lhe encheu os olhos, que lhe chupou a face em pasmo, que lhe paralysou a bôca caída; não se descreve o rojo intimo com que a sua humildade se apegou aos olhos, aos cabellos, á cara, ás mãos, aos vestidos, aos pés da Virgem, rogando-lhe o milagre de curar a filha! Era o ultimo recurso!

E eu pensei: talvêz que esse velho tivesse sido um espirito sereno e livre: um medico. Veio a doença da filha, e, confiado de sua sciencia, começou a tratar della, mas falhou; chamou então um collega, e logo outros, e outros que falharam tambem; recorreu a especialistas, consultando os do seu país, um e um, e todos discordaram e todos erraram; não desistiu: começaram as suas peregrinações pelos gabinetes de espera das celebridades que ha pelo mundo, e todos lhes disseram boas palavras, mas ninguem acertou; mudou de systema e pôs-se a ouvir homeopathas e hygienistas; depois, meteu-se com os charlatães das grandes cidades, e desceu até os das feiras; confiou de remedios

caseiros, que eram tantos quantas as pessoas amigas, quantas as familias conhecidas; creu em benzeduras, crendices, bons e maus olhados, adivinhas e mulheres de virtude, mas tudo, tudo falhou! Então, na alma lacerada dêsse pai tresvariado, um fiozinho de fé, esquecido, incandesceu-se subitamente e abalou-o a arrostar-se á longa viagem de vir, lá da sua terra, á Gruta da Virgem milagrosa rogar pela saude da querida doente, e ei-lo alli de rojos, naquelle misero abatimento em que, no entanto, sorri o amparo de uma illusão!

. . . . . .

Tolosa.

O creado que me trouxe o pequeno almoço — olhos de féra e grande bigodeira — disse-me, sem que eu nada lhe perguntasse:

— A coisa marcha! O pote de barro e o pote de ferro vão, emfim, chocar-se. Olá se vão!

— O quê? — perguntei, somnolento, com um biscoito nos dentes.

— Esta noite, foi horrivel! Até de manhã! Os

gendarmes intervieram, mas qual! a onda é fórte, e o mar da egualdade tudo nivelará!

— Ah! os socialistas!... Houve então grandes desordens, navalhadas, mortes?

— «Pas du tout. Il n'y a eu que des discours et quelques verres cassés» — respondeu, com perfeita gravidade, o hirsuto Tartarin!

*
* *

No «Museu», enterneceu-me aquelle «Joven Martyr Christão», de Falguière—aquelle meigo rapazinho rasgando-se o peito para agradar a Deus! Mas o «Quand-Même», de Mercié, alvoroçou-me, como quando em pequeno ouvia a «Marselhesa»!

Fui a S. Saturnino ver Violet-le-Duc; depois, desci á crypta recheada de reliquias de apostolos, de martyres, de santos, e de objectos que pertenceram a Maria e a Jesus de Nazareth.

Perpinhão.

Havia no lyceu de Coimbra um professor de alemão, e elle mesmo alemão, que viajava muito — sempre que podia. Viagens baratas, em terceiras, com um pequeno indispensavel na mão, e um velho sobretudo no braço. Mas não viajava para ver, viajava para comer! Os melhores restaurantes, as mais afamadas tascas, conhecia-as como ninguem; cada terra representava para elle um petisco, e quanto mais saboroso elle fosse, mais notavel era essa terra!

— Gosta de Marselha?

— Oh! muito! E' uma terra extraordinaria para lagostas recheadas!

— Barcelona é linda, não é verdade?

— Formosa! Que excellentes batatas fritas fazem ahi!

Estou na mesma: desta Perpinhão lembro-me sómente de uma pratada de arrôz que ahi comi no «Hotel Central»! Arrôz português, succulento e loiro, abeberado de estrugido feito de gorda cebola, salsa, pimenta e alho, tudo bem rojado e passado no coador por agua de caldo de galinha e môlho de carne assada em vinho branco, presunto e folhas de loireiro;

arrôz servido na mesma caçoila de barro vidrado em que é posto no forno que o secca e tosta. Divino!

— Perpinhão?

— Que paraiso de terra — diria o tal professor, se alguma vez se tivesse, como eu, empanturrado de similhante maravilha!

Entre Narbonne e Béziers.

Entrei na gare de Narbonne a trautear a musica de uma operêta com este nome, que ouvi em rapaz. O comboio parou, e á portinhola do meu compartimento vazio juntaram-se, em volta de um velho, varias pessoas de luto, silenciosas e graves. Abraços mudos, caras contristadas, e o velho subiu e sentou-se á meu lado, soluçando! O comboio partiu, e minutos depois esse homem, sem me conhecer (tão agoniado vinha!) desabafou commigo a dôr de ter perdido um filho, filho unico, medico acabado de formar, que para a sua terra levava, alli no furgão armado em camara ardente!!

. . . . . .

Para um pai que perde um filho homem, depois de o haver educado com sacrificios; para a viuva do operario que morreu de um desastre no trabalho, e deixou creancinhas; para o velho que no fim da vida perde os amigos e a fortuna; — para estas grandes dôres só as grandes dôres dos outros podem servir de amparo! Conte cada um o seu soffrimento aquem soffre, e isto minorará o mal de ambos; compare cada um a sua dôr a dôres maiores, ou a dôres grandes como a sua, e a irmandade na desgraça alliviará!

. . . . . .

Montpellier.

No restaurante «Riche», á espera do almoço, trincava os meus rabanêtes polvilhados de sal Cérebos, e olhava a photographia de um quadro de Giotto, que trouxera do Museu Fabre, onde passara toda essa quente manhã de Maio; mas levantando os olhos desse seculo quatorze, punha-os nas decorações «modern-style» do salão em que almoçava e, olhando-as muito, não podia deixar de considerar quanto essas

duas artes estavam distantes... e proximas! Não era, evidentemente, esse quadrinho, intitulado «A morte da Virgem», que me dizia quem era Giotto, que eu conhecia das pinturas muraes de Padua e de St.ª Cruz de Florença; mas elle evocava-me esse viçoso espirito, por quem mais uma vez a arte se remoça no regresso ao gôsto da Naturêza e da Vida. Quando os homens se despegam dêsse amôr e, egoistamente, se rebuscam, no deleite de suas intimas e estreitas sensações pessoaes, a arte tem seus dias contados!; e o renovamento que se lhe segue é sempre feito pelo que florece nos exageros das primeiras reações clamorosas. A historia da arte está cheia destes movimentos em que triumpha o elemento de vida que ha dentro de taes protestos.

Era preciso sentir-se muito enfado das estilizações byzantinas, paradas e exangues, para, derepente, se amarem as composições de Giotto, ainda de tosco desenho, mas plenas daquelle sentimento de vida dos que veem na Naturêza os motivos da alegria artistica por excellencia: Quem teria audacia no tempo de Jacobus, ou ainda de Cimabue, de abandonar as heraldicas composições, feitas de preciosismos de atitudes e de tons, pelo livre naturalismo dêssas scenas da «Vida de Christo», da Capella Arecena, tão

tocantes na ingenuidade do desenho, como novas e bellas no compôr, poderosas no expressar e na combinação tranquilla das suas côres decorativas? As terras macias, o ar limpido e o céu azul da Toscana venceram os fundos de oiro em que os Tibaldi e os Tafi recortaram as suas hirtas figuras aprimoradas; e, desde então, através da Renascença, a arte veio sugando na Vida, até os modernos exageros do Naturalismo que provocou a reação do neomysticismo — como quem oppõe, aos excessos de sol, excessos de sombra. Daqui, todas essas fórmas de regressão, na literatura e na arte decorativa, a que leva a nevrose de um seculo fatigado de goso e vazio de ideaes; daqui, toda a doentia decoração dêsse restaurante, que me affligia, offendendo o solheiro e palreiro sul da França — tão luminoso, sadio e alegre.

Todavia, esta «arte nova» corresponde, justa, á nevrose de uma época de cerebro azoinado e insatisfeito, que, não supportando na decoração de uma parede o estagnado das curvas concentricas, nem a vida do volume que dá o claro-escuro, precisa de descansar na facil serenidade das superficies lisas; que tem as pupilas ardidas de luz e por isso se deleita nas côres apagadas dos tons mysticos da flôr da malva, do oiro velho e do verde sem viço da re-

seda, como era do agrado desses candidos pintores giottescos! Mas que, por outro lado, só formas raras e ineditas sensações incitam taes cerebros gastos, o que provoca essa arte de aberração sensual que estiliza a mulher viciosa, escandecendo-lhe a bôca e os olhos de volupia exasperada, insexuando-lhe as ancas e o peito frio; arte hysterica, que estiliza os ossos, as arvores outonaes, o tojo, as gramineas sêccas, o fundo das aguas, a lama, o fogo, e as lufas de fumo cardadas pelo vento!...

Nimes.

Nimes?

Recordo-me de que o hotel, sem hospedes, era um velho palacio; de que a bella «Maison Carrée» estava encravada entre casas burguêsissimas; de que as celebres Arenas romanas serviam agora para bazares de caridade; de que estive sentado debaixo das arvores do Monte «Cavalier», vendo jogos de agua nos jardins «La Fontaine»; de que foi nessa cidade que vi a primeira vez a «Magda» pela Duse; e de que, depois de um dia facil, vim para casa a pensar nesse pai que, com a sua fe-

roz virtude, causa os infortunios da filha — mais um exemplar das mulheres que concorrem para a sua desgraça com quatro, emquanto os outros — a familia e a sociedade — concorrem com mil!

Nimes?

E' tudo aquillo de que me recordo!

Lião.

Almocei á pressa para gastar no Museu de pintura o tempo que me restasse, antes de seguir para Genebra. Tinha duas horas deante de mim, das quaes trinta ou quarenta minutos seriam para ir do «Cours du Midi», onde estava o Hotel, ao Palacio das Artes, e vir de lá á gare de Perrache. O fiacre rodou morosamente ao longo do caes da margem esquerda do Saone, que a perspectiva da serie de pontes parecia tornar mais longo ainda, e foi deixar-me á porta do Museu da praça dos «Terreaux». Esses seis quartos de hora que me restavam seriam todos para um quadro, um só! Atravessei, sem olhar, o claustro do rés-do-chão cheio de lapides, de tumulos e de colossaes vasos antigos;

corri por entre os marmores nús do Museu de escultura moderna; subi a bella escada, acariciando, á passagem, os olhos nos frescos de Puvis de Chavanes; entrei na grande galeria, demorando-me um minuto vendo um martyr de Ribera, e pouco mais junto a um doce Perugino, que logo me chamou o olhar; e cheguei, emfim, defronte do quadro que procurava: «S. Francisco, S. Domingos e varios santos livrando o mundo da colera de Deus.»

Deante de Rubens, a minha admiração é sempre a mesma: perturbo-me e pasmo! E o que sinto hoje, depois de muito o ter amado nos grandes Museus da Europa, é o que senti a primeira vez que o vi, largamente, nas galerias de Viena. Nada apprendi, porque não se instrúe certa admiração. Rubens emmudece-me, assombra-me, e desnorteia-me, sem que eu saiba como elle consegue tudo isso de mim! Na sua arte ha aquella mysteriosa «terra incognita», de que fala Ruskin, que escapa á explicação do pensamento e só o enthusiastico instincto da Bellêza apprehende e estima. Admirando outros — Van Dyck, Velasquez, Ticiano, Leonardo e Botticelli — consigo analysar a minha sensação e dizer a mim proprio em que me deleita a arte dêste ou daquelle, porque me prendo a um ou a outro. Mas deante de Rubens a sen-

sação é em bloco, envolvente, emburilhando-me numa admiração feita de espanto, e tão instinctivamente de dentro que até parece feita de pasmada ignorancia; e tambem tão de chôfre é que não tenho tempo — nem isso me dá prazer — de me analysar, e de analysar o que assim me impressiona. Se o tento, porem, se me ponho a ver o quadro na composição, nas formas, na distribuição da luz, no vivo ou na ternura das tintas, na logica das cores, daqui e dalli, isolando figuras, aproximando tons, estudando pormenores, então o desnorteamento ainda é maior, porque a analyse mostra erros, defeitos de falta de medida, descuidos inexplicaveis que desgostam; mas, apezar de tudo, como nada disso consegue fenecer a forte sensação de conjuncto, a admiração mais avigora o meu assombro! As suas carnes e roupas, espelhando a mentira daquelles vermelhos tão amados de Rubens, são, na tonalidade, perfeitos acordes de verdade e de arte; como o são as maiores desordens de côres, e cheio de harmonia os mais agitados movimentos. Rubens é sempre assim, quer pinte flôres ou batalhas, quer faça retratos ou decorações. Tudo ataca, audaz, não hesitando deante de nenhum assumpto, de nenhum movimento — «Combates de amazonas», «Apoteoses» ou «Juizos finaes»

com centenas de figuras — compondo rapidamente, poderosamente, numa apparencia de febre, apparencia só, porque a sua arte é sempre a gloriosa flôração de um genio sadio. Fromentin comparou Rubens a um grande orador declamatorio, mas eloquentissimo. E' uma opinião completa. Ha homens que, com um punhado de palavras vulgares, mas pronunciadas com inflexões que illuminam de espiritualidade o sentido dessas palavras; com gestos communs, mas em que põem vida propria; com banaes esgares, mas tão a tempo riscados e tão uns aos outros pegados que a bôca, olhos, face, e testa liam-se numa só e intensiva expressão; estonteiam, abalam, febrecitam, e arrastam cegamente atrás de si um povoleu de almas! Rubens é assim. Ha nelle esse poder de absorvente insinuação de clamor, dominando todas as vozes que estiverem em volta delle, porque a sua, sonora e mais forte, ouve-se no meio de outras e por cima de todas! — voz que ouvia ainda, quero dizer, imagem que trazia defronte dos olhos, quando, num trem á desfilada, voava para a gare de Perrache, para apanhar o expresso de Genebra, que eu ia perdendo.

II — Passando por Washington

Instantaneos, fixando o frenesi dessa sociedade enriquecida depressa e depressa querendo gosar a festa da vida num meio requintadamente snobico — pretexto para as mulheres mostrarem joias verdadeiras e individualismo falso—nada mais serão estes rapidos traços, tão rapidos que, por meu latinismo, deliciosamente atrasado, se sentir constrangido no assumpto, nem me abeirarei dos conhecidos problemas moraes da mulher americana, a quem uma differenciação de raça poupou dos desastres da fraqueza feminina — aquella encantadora «feebleness», com que Shakespeare definiu a mulher!

. . . . . .

*
* *

Um dia, na «Pennsylvania Avenue», a meu lado, um rapaz de 15 annos atropelou, com o seu «dog-cart», um velho, e, em seguida, desobedeceu á policia. Prêso; e, como ninguem o afiançara, para a cadeia.

Esse rapaz era filho de poderoso senador que, só com escrever nas costas de um bilhete uma palavra de afiançamento, pouparia ao filho esses dias de reclusão. Não o fez; e esperou em casa o seguimento natural do incidente.

Na America, os pais educam os filhos o mais levremente, mas cedo os convencem da responsabilidade de suas acções a que elles, pais, ficam estranhos, tanto para as boas como para as más. Assim como só se apprende a nadar em sitios onde não ha pé, assim estes pais ensinam a vida aos filhos lançando-os na vida. Aos que não morrem afogados, quero dizer, aos que se não perdem nos perigos de tal liberdade, esta prova os enrijece para a conquista da vida, que é feita com energias tenazes.

No que diz respeito a riqueza, a mesma coisa: os filhos sabem que não podem contar senão com o que fructificar do seu proprio trabalho; e isto é o maior incentivo á formação da personalidade, pois, não contando com a familia, e ainda menos com o Estado, á sua custa se fazem, e o que um dia forem a si o deverão.

Daqui o individualismo.

*
* *

Um dos maiores edificios publicos de Washington é o «State Department» onde estão os ministerios da Marinha e da Guerra. Deante deste palacio quadrilongo, de seis andares, todo de granito, o que primeiro nos occorre dizer é que devera ter custado muito dinheiro! Quasi egual impressão recebera eu de outros notaveis edificios de Washington, nos quaes inteiramente falta originalidade e caracter: o Correio-Geral é corinthio, o ministerio do Reino é a reprodução do Parthenon, a columnata do Thesoiro tem todo o aspecto de uma Academia, e a prisão de Nova-York é construida na architectura egypcia dos templos de Phileia!

De resto, creio que os americanos sentem prazer e admiração mais pela somma de dollares gastos que pela bellêza architectonica, quando a ha. Por isso, qualquer guia, deante de um desses monumentos, o que primeiro diz é os mil dollares que elle custou; e, nos indicadores impressos, a descripção limita-se, por vezes, a enumerar os gastos feitos, a profun-

didade dos alicerces e quantos pés teem as diversas dimensões!

Nas quatro faces deste edificio quadrilongo, de seis andares, todo de granito, ha pavilhões formados de terraços sobrepostos em columnas atarracadas, aos pares, de modo a fazerem-nos perder a noção dos andares que precisamos contar para ver que são seis, pois, num relance, diriamos serem três. E até a mansanda francêsa, sempre tão airosa, parece ahi achatada, á falta de elegantes proporções.

Por dentro, é perfeito de asseio, de ordem e de conforto.

*
* *

Chamou-me a attenção um «spider» e uma bella parelha pisando num trote nervoso. Na almofada, firme, uma senhora governava; e ao lado, encolhido, levando nos joelhos uma creança, ia o marido — homem de meia-idade.

. . . . . .

Terminado o passeio, emquanto o marido subir a escada, a brincar com o filho, ella ficará assistindo ao desatrelar, interessando-se pelos cavallos. Depois, á noite, quando o marido, correcto na sua casaca, descer ao salão

para jantar, verá individuos convidados por sua mulher, alguns dos quaes lhe serão apresentados naquelle momento!

.....

*
* *

Só os americanos se lembrariam de escolher esta especie de monumentos primitivos — o obelisco — para recordar a memoria do honem a quem devem a independencia — o bom e simples Washington, figura quasi contemporanea, de hontem, mas que este mudo obelisco, collossal, branco, sem uma letra, sem um signal, afasta de nós no tempo e no espirito. E' que os norte-americanos, em tudo apressados, querem ter tradições na sua historia de ha cem annos!...

E' mais um anacronismo do nada inventivo espirito deste povo, que amanhã não hesitará, para commemorar a independencia de Cuba, em levantar uma pyramide do feitio e das dimensões da de Khéops!

No interior do obelisco, sobe verticalmente um ascensor, através de sombra e de silencio. Ninguem diz uma palavra. Ouve-se o ruido

das engrenagens. De onde a onde, de dez em dez metros, uma lampada electrica allumia as paredes cobertas de lapides commemorativas, que os Estados e as cidades enviaram, representando-se nesta homenagem a Washington. Ha-as de todos os granitos, de todos os marmores; ha-as de prata, de aluminio, de ferro, de oiro, com inscripções em inglês e em latim. Parecem lapides de carneiros funerarios, e tudo tem o aspecto de mausoleu!

No fim de nove minutos, feita a ascensão de cento e tantos metros, chegamos ao alto, e respiramos livremente.

Em baixo, entre longas avenidas de arvores alinhadas, uma symetrica cidade de tijolos vermelhos.

*
* *

Num mercado abeirei-me do balcão onde se vendiam carnes. O cortador, em mangas de camisa, collarinhos engomados, chapéu alto, cortava, pesava e recebia o dinheiro, sem dizer uma palavra, rapidamente, automaticamente, servindo assim, com inalteravel cara cerrada, dez ou vinte fregueses.

Atravessei diversas galerias e não ouvi um pregão, nem vi um sorriso. Passei por um corredor onde se vendiam conservas, e entrei no quarteirão das flôres, que procurava. Flôres, muitas e bonitas; mas postas para alli, em taceiras de agua, sem delicadêza, sem attenções, como se fossem qualquer outro artigo de venda: caça, peixe salgado, ou carne sêcca! Um homem, de mãos gordurosas, mangas arregaçadas, pegava nellas ás molhadas como pegaria num braçado de couves galegas! Nem uma só florista para casar certas amorosas margaridas com esses sanguineos cravos vermelhos que eu via estrebuchar em jarra esguia, como se estivessem em gaiola de ferro!...

Lembrei-me, então, de outro mercado, o dos «Grands Hommes», que eu vira em Bordeus, havia annos: praça circular, de cristal e ferro rendado; no centro, sob a cupula onde a luz era doce, estavam as flôres, dispostas, com rara comprehensão, em tabuleiros de musgo, em cartuchos de papel, em cestinhas de junco; e uma bordelesa, de avental branco, penteado alto e aneis nos dedos, refrescava-as, a miudo, com um pequeno regador brilhante como prata polida! Comprei algumas. A francesita escolhia aqui e alli para fazer o ramo, e sorria e o gesto das suas mãos brancas e dos dedos leves, muito

abertos, era o de certos ourives quando mostram joias...

*
* *

Uma noite, na mais frequentada rua de Washington, havia leilão de quadros numa pequena loja cheia de compradores. Num estrado, coberto com restos de tapete, estava, em mangas de camisa, um homem pintando, tendo á direita larga mesa que lhe servia de palêta, e no chão pilhas de telas já pregadas, e rumas de molduras de todos os tamanhos e feitios. Este pintor — rapaz ainda — collocava no cavalête uma tela de três palmos e em cinco minutos cobria-a com uma paisagem! Era espantosa a rapidêz com que elle pintava! Em meia-hora, vi fazer cinco quadros! Dois ou três pinceis eram pequenos, os outros grandes brochas que elle ensopava em tinta e atirava á tela, estendendo-a rapidamente, chegando, ás vezes, a servir-se das duas mãos! Terminado o quadro, um creado levava-o para o fundo da loja, em dez segundos encaixilhava-o, vindo, em seguida, colloca-lo noutro cavalête de onde um leiloeiro, de barba ruiva e olhos ciganos, o apresentava ao

publico. Fazia-se immediatamente a arrematação, no meio de infernal vozerio, pois todos queriam o quadro, que, não valendo quatro dollares, se vendia, ás vezes, caprichosamente, por quarenta! Todas as noites eram ás duzias, porque o homem chegava a pintar trinta num serão!

Evidentemente, estes quadros eram, não podiam deixar de ser, coisa inferior. Comtudo, a verdade é que uma vez na moldura, e através da transparencia do vidro, produziam certo effeito; e estou certo de que não faltarão intrujões que, no futuro, os classifiquem entre as obras de mestres...

*
* *

Era o dia de Anno-Bom, e havia recepção official na «Casa-Branca». O Presidente recebeu em primeiro logar o corpo diplomatico, depois senadores e os membros do Supremo Tribunal, em seguida o exercito e, por fim, pela tarde, o povo.

Como por toda a parte (não é maior em França que na Inglaterra, na Espanha, na Aus-

tria ou na Alemanha) vi, nesse frente a frente de classes diversas, o mesmo conflicto entre a democracia e a vaidade, os mesmos olhares gulosos para o brilhantismo dos uniformes, e das condecorações. A's senhoras, então, isso entontecia-as até ao amôr... americano!

*
* *

Entre as muitas coisas, muitas, que o conforto e a commodidade teem inventado nesse país, sobresaem as Companhias chamadas dos «Messagers Boys», fornecedores, a qualquer hora, do dia ou da noite, de creados para recados, de carruagens, de policias e de medicos!

Os diversos póstos desta Companhia estão em communicação electrica com as casas dos assignantes, onde, num pequeno apparelho, que a Companhia instala gratuitamente em todos os aposentos, se fazem signaes avisando do que se deseja. O instrumento é extremamente simples: num mostrador, pequeno como o de relogio de bolso, desloca-se, de um quarto de circulo, um ponteiro que, abandonado, volta á primeira posição: temos feito

um signal. Repetiremos este movimento as vezes que nos for necessario, segundo esta tabella:

1 vez — um moço de recados
2 vezes — um «cab»
3 » — um carro para transpotar malas
4 » — um «coupé»
5 » — um carro com quatro logares
6 » — um policia
7 » — um medico
8 » — signal de incendio

e seremos promptamente servidos!

* * *

A mais interessante repartição publica de Washington é o Thesoiro, com os seus dois mil e quinhentos empregados, dos quaes mil e duzentos são mulheres!

Entre as variadissimas funções desse estabelecimento, ha a de inutilizar as notas velhas, ou deterioradas, substituindo-as por novas. E' curioso seguir as precauções empregadas na inutilização: numa repartição, separam-se as notas, contam-se e emmaçam-se em pacotes rotu-

lados com o numero de ordem e valor que representam; na immediata, conta-as de novo, e de novo as emmaça, um empregado — o responsavel — que em seguida as leva a outra, onde lhe passam recibo de entrega, como se fosse dinheiro, depois de á sua vista uma machina furar e cortar o maço em dois. Dahi, vão as notas, assim cortadas, a outra repartição onde se conferem as metades; e se nesta ultima verificação se reconhece que houve engano, essa quantia é descontada no ordenado daquelle empregado, seja o erro contra ou a favor do Thesoiro. Finalmente, uma machina reduz essas notas a uma massa que se aproveita para fazer bonecos de papel!

As notas novas, que se estão cunhando, passam tambem por curiosas operações de fiscalização, a começar pelas que lhes fazem as proprias machinas cheias de apparelhos registadores.

Nas lojas subterraneas está o Thesoiro. Depois de varios corredores, baixos e abobadados, encontra-se a primeira porta de ferro, que tem uma fechadura de relogio que não a deixa abrir senão a horas certas (9 e meia da manhã e 4 da tarde) e com três chaves differentes; de modo que se a essa hora os três possuidores das três

chaves não estiverem presentes a porta não se deixará abrir, porque, passado *um minuto*, já o mechanismo o não permitte.

A segunda porta, mais no interior, é um espesso muro de ferro, pesando seis mil kilos, que uma machina arrasta, para abrir ou fechar. Esse collosso tem enorme e complicadissima fechadura, que, aliás, se abre com uma chave do tamanho de uma polegada, introduzida num orificio onde não cabem três phosphoros de cera, «onde não cabe um rastilho de dynamite» — como explica o guarda que a mostra!

No dia em que visitei esse Thesoiro (Maio de 1892) havia ahi 638.213:000 dollares, ou aproximadamente 715 mil contos de réis, que pesavam 4.500 toneladas!; e elevava-se a 25 milhões de dollares a reserva de amortização da divida publica!

Os empregados, que guardavam esse Thesoiro, pareceram-me tristes, como se guardassem um tumulo!

* * *

Na America, é sabido, o reclamo é enorme, excentrico, imprevisto; mas não tem espirito!

O freguês é chamado á força, obrigando-o, brutalmente, a tropeçar no que querem em que elle repare!

Na «Pennsylvania Avenue», numa loja de malas e artigos de viagens, havia no mostrador, entre artefactos de coiro, uma gaiola com dois pequenos crocodillos vivos. Parando para ver os bichos, olhava-se para o que se expunha.

Um francês, tambem fabricante de malas, viu, riu e importou a ideia para o seu estabelecimento em Paris. Arranjados os crocodillos, po-los na vitrina, numa gaiola, mas com este letreiro — que era tudo: *Creando-os assim de pequeninos, temos a certêza de não illudir os nossos freguêzes com pelles falsificadas!*

Não ha, não ha em toda a historia do reclamo americano um só exemplo de saida espirituosa como essa de Meunier, que, tendo-se descoberto haver farinha no seu chocolate, annunciou esse defeito, com o ar de quem annuncia uma nova qualidade:

«Le chocolat Meunier est le seul qui blanchit en vieillissant.»

*
* *

Este capitulo — casas — não pode deixar de ser escrito ao ar livre pois é tal a variedade nas construções que não ha outra coisa a fazer senão, vindo por estas ruas fóra, tomar nota das mais curiosas, que são tantas que eu quisera, para bem as mostrar, marginar de desenhos estes periodos rapidos.

De resto, bem merecem que, tratando-se dellas, eu escolha para meu escritorio este fresco jardim, humido ainda da rega da manhã, tão socegado que mais parece estarmos num arrabalde, que no coração de uma cidade de tresentas mil almas.

Diziam que a primavera ia atrasada, mas bastaram oito dias de sol de Abril (tão quente como em Lisboa o sol de Agosto) para as arvores florirem: de um dia para o outro, desabrocharam jacinthos de todas as côres; estão verdes as sebes dos pequenos jardins fronteiros ás casas; e as acacias das avenidas pontilharam-se de amarelo, como se sobre ellas tivesse chovido açafrão em flocos. Ao sol das sete ho-

ras, que não é ainda quente, começam a abrir-se estas casas, mostrando o asseio dos seus interiores. Creadas batem tapetes, sobem aos peitoris para esfregar com camurça as grandes vidraças de cristal, trazem para o patamar, e degraus da escada, vasos de orchideas, palmeiras e hortencias; e outras, de aventaes e punhos brancos, saia curta, topes de cambraia nos penteados altos, regam flôres com regadores de cobre polido. Parecem creaditas de oleogragraphia, ou, egualmente falsas, creaturinhas de opereta, alindadas pela mentira da luz dos tangões, da ribalta e das gambiarras, que amacia durêzas, rejuvenesce a pelle, e põe brilhos de mocidade nos olhos gastos.

Sem me levantar deste banco, vejo varios typos-de-casas: pegado a um Hotel de oito andares, todo de tijolo, furado de janelas que o aligeiram, ha uma casa de granito branco, lisa, com janelas sem hombreiras nem o menor ornato em toda a fachada fria; mas a porta de entrada, para a qual reservaram um grande espaço, é byzantina, de um periodo de miudas decorações nas columnas, nos capiteis e nas archivoltas. A' primeira vista, parece que o dono só teve dinheiro para a porta, ou que, comprando-a num leilão, construiu a casa para ter onde a pôr!

Aquella, quasi á esquina, tem a entrada em ogiva: um jazigo de familia! Pela fachada acima tudo é gothico; e pintados a preto os columnelos das janelas e os ferros das sacadas. Delgados gigantes, cortados a meio, fingem reforçar outros que sobem á platibanda — um acroterio de flôres de lis; cravados na fachada, escudos lisos, paquifados á alemã; a mansarda é negra, com as janelas tambem em ogiva; uma trepadeira alastra-se melancolicamente; e, no pequeno jardim, os pinheiros alpinos são tristes como chorões!

Esta casa faz-me pensar em uma creança nobre, muito rica e profundamente anemica!

Essoutra, é toda de granito côr de cimento molhado. Fachada asymetrica. Em cima, seis janelas pequenas, eguaes, juntas: lembram janelas de vagão. No primeiro andar, a um lado, o balcão que todas as casas de Washington teem, e que umas vezes é similhante a um pulpito, outras, cravado numa esquina, á guarita de um castello. A entrada desta casa parece de igreja, com as suas archivoltas e columnas romanicas, que a perspectiva sobrepõe, diminuindo-as sobre a pequena porta envernisada, com ferraria negra, e um postigo bordado a vitraes de turquêsas e rubis luminosos.

Acolá está uma, francamente alegre, com persianas de um verde fresco, que diz muito bem no esmalte branco do azulejo que a cobre. Nas sacadas, toldos listrados de vermelho. No primeiro andar, dando para os quartos de vestir, uma marquêsa de ferro e cristal, com um lindo tabuleiro de flôres.

Esta agora é complicadissima. Na fachada, terminada em bico flamengo, penduram-se varios balcões em forma de pulpitos, salientes como bebedoiros de gaiolas, com as peanhas forradas de cobre polido; um terraço sobre arcadas de columnas e capiteis bysantinos; e a entrada é por debaixo de um grosso arco, dando para um vestibulo abobadado, onde se abre uma porta pequena, com ferragens medievaes.

Ao lado destas, ha casas simples, de tijolos, com torreões salientes, uns redondos, onde a escada sobe, outros facetados em três, para rasgar ahi altas janelas que enchem os aposentos de luz e de ar. Balcões envidraçados sobem de um andar a outro. Terraços e varandas; e a todas estas asymetrias exteriores correspondem asymetrias interiores, que formam cantos conchegados, pois neste particular a casa ame-

ricana é completa de conforto e de mascula elegancia. Tectos, paredes, portas e janelas são sobriamente decoradas e feitas com os melhores materiaes. A escada é sempre um elemento decorativo: collocam-n'a no vestibulo, como se fosse um movel artistico. Os pormenores são perfeitos: por exemplo, essas interessantes portas de entrada, baixas, de um batente, fortes e leves, teem, nas madeiras e nos metaes, o ar acabado das portinholas dos vagões de luxo, ou das dos beliches e camaras dos «yatchs» de recreio. São geralmente de carvalho encerado, com bellos ferrolhos de aço, ou de cobre polido, e o galante postigo de cristal facetado, com uma cortininha de purpura — como num oratorio.

Nisto são os americanos herdeiros de inglêsês; mas não no complicado aspecto exterior das suas casas — o mais das vezes propositadamente rebuscado, na preocupação de crearem uma architectura para si. Esta feição existe, na verdade, mas é noutra ordem de construções e não foi necessario procurá-la: appareceu espontaneamente, quero dizer, logicamente ás necessidades que a solicitavam; refiro-me á architectura dos grandes armazens de vinte andares, elegantes nos seus vigamentos de ferro e aço.

Uma coisa é aproveitar com gôsto o que ha de pitorêsco e util nos estilos antigos, acommodando-os á vida actual; outra é preocupadamente meter esses elementos na construção, partindo do decorativo, quando é precisamente o opposto o que se dá na logica e na arte de bem construir.

Ora tudo isto, repito, é provocado pela insistente pretensão que os americanos teem de serem originaes — coisa que se não cria de um proposito individual, mas de factores complexos. Uma época servir-se dos estilos de outras, que em tudo pensaram e sentiram diversamente, é sempre inferioridade. Que significam essas casas gothicas, tristes e austeras, aqui em país de sol e de liberdade? Que significa viver num Castello feudal um senhor que de manhã atravessa a ponte levadiça e vae, de casaco de alpaca e chapéu de côco, para o seu armazem de sêccos e molhados? E' contrasenso ver áquella severa grade de ferro do seculo XIV, e que parece trazida das muralhas de Nuremberg, esse grupo de loiras «misses» vindas de uma partida de «tennis», com as suas raquêtas, os seus sapatos de borracha, saia curta, cinto de coiro, e um casquête ligeiro nos cabellos livres! E para quê essas goteiras renascenças, com o classico gripho mordendo a cauda,

quando todos sabem que a agua se escôa nos canos disfarçados nas paredes?

Se a casa nasce do solo, do clima e do meio social, como explicar que na mesma avenida haja a villa italiana cheia de sol; o chalé suisso, sumido sob o enorme telhado de taboinhas; o aristocratico Castello francês; a mansarda da Renascença; o minarete arabe; a cupula moscovita; a casa gothica; a casa byzantina; a casa grega, e a casa romana?

Não entendo! Mas... passemos a deante!

*
* *

Os americanos teem mil coisas contradictorias! E' sabida a sem-ceremonia que elles usam em tudo; a despreocupação com que estão deante de senhoras; a liberdade com que no Capitolio — o Parlamento — com as galerias cheias de diplomatas e de ministras, se põem em mangas de camisa e estendem as pernas por cima da cadeira do vizinho, ou da carteira que teem na frente! Pois estes mesmos senhores acham de má educação que nos theatros, nos intervallos, se ponha o chapéu na cabeça; se binocule, a não ser para o palco; cada um se

volte na cadeira; e que, de costas para o proscenio, olhemos a sala!

E teem razão, porque em Washington as plateias estão cheias de senhoras, e todos esses actos mais ou menos as incomodam, mais ou menos são desattenciosos. Mas o reparo está: porque não são no mais assim?

*
* *

Em Washington ha cento e tantas igrejas, mas poucas são catholicas-romanas; o maior numero são lutheranas, calvinistas, presbyterianas, congregacionistas, methodistas, episcopaes, anglicanas e universalistas.

Fere immediatamente ver que ha uma separação radical entre igrejas para mulatos e igrejas para brancos, mesmo dentro do culto catholico. Mas, por outro lado, é cheio de sympathia o espirito de tolerancia que ha entre tantos cultos diversos e que só se encontra em países não latinos como na America, no cantão de Glaris, na Suissa, em que a mesma igreja serve a duas confissões differentes, ou na Alemanha, na universidade de Tübingen, que en-

sina ao mesmo tempo theologia catholica e theologia protestante:

Dessa centena de igrejas, poucas, na verdade, o são, no sentido que estamos acostumados a ligar ao caracter religioso desses edificios, tão eloquente, ás vezes, que logo se impõe á piedade. Ahi as igrejas são, na maior parte, grandes salões onde se reunem os sectarios para ler e pensar nas maximas de sua doutrina, e praticar um pequenissimo culto externo.

Nas igrejas catholicas ha aquelle asseio e conforto dos templos anglicanos; e são todas edificios gothicos, de modesta fabrica, creados e sustentados por particulares.

Os templos presbyterianos, ricos, são salões alcatifados, com bancadas envernizadas, assentos e almofadas de veludo encarnado; as paredes e os tectos estão pintados a côres claras com sobrias linhas decorativas; e ao fundo ha um estrado onde o pastor faz a conferencia.

Salões perfeitamente incaracteristicos: podem ser salas de concerto, aulas, ou logares de conferencias publicas. De resto, tudo na melhor ordem e asseio, e bellamente illuminado a luz electrica. No anteparo de entrada, ha quadros com o plano da sala, em que se marcam logares—como numa plateia, em vesperas de assignatura...

Na «Epiphany church», episcopal, officiava-se, quando entrei. Alta e escura. Poucos assistentes. A reza plangente, que vinha da sombria capella-mór, impunha respeito. Já não era uma sala de conferencias, mas um logar de oração. Na meia-luz da capella-mór, dois padres, aos lados do mesmo altar, liam orações; depois, voltando-se para os fieis, que estavam com as cabeças curvadas para o chão, psalmodiavam-nas lugubremente. Beberam os dois pelo mesmo calice, e deram o resto a um terceiro que, tomando-o três vezes, o esvasiou; em seguida, arrastando alvas brancas, escoaram-se e desappareceram na sombra. Os assistentes sairam pisando em silencio o espesso tapete.

Bem outra impressão se sente ao entrar na «Church of our Father», universalista, que parece um pequeno parlamento, ou amphitheatro de Polytechnica: bancadas em semi-circulo; no centro, um estrado, uma mesa e três cadeiras com ovaes de veludo verde nas espaldas altas; nas coxias, que convergem para o estrado, passadeiras de tapete; e em cima, a toda a volta, as bancadas de uma galeria, tambem em amphitheatro. No tecto, um lustre de salão. A luz entra por vitraes coloridos: num, uma camponêsa, de tunica rôxa com passama-

naria de topázios e saphiras, trás á cabeça molhos amarelos de espigas de milho; ao lado, noutro vitral, um rapaz, de pelle cobreada, vai semeando num chão luminosamente pardo; e o céu é feito de iriadas escamas de madreperola.

Este é o typo commum. Mais ou menos espaçosas, mais ou menos confortaveis, estas salas claras bastam ao culto protestante nas suas diversas formas; algumas, até chegam a ser de uma simplicidade extrema, como, por exemplo, essa «Foundry church», metodista, na rua G, á esquina da rua 14: em vez de cadeiras, bancos duros; no estrado do fundo, uma mesa, mochos, e uma pedra com giz e esponja, como para demonstrar Deus algebricamente. Um relogio enorme, de gare de caminho de ferro; um piano e um pequeno orgão; e nas paredes phrases inglêsas escritas em caracteres gothicos a tinta encarnada. Em mangas de camisa, chapéu na cabeça, um mulato limpa os moveis.

Como esta, varias outras.

E para alem de todos estes templos e estas confissões, na apparencia differentes, ainda ha, despida de forma mas profunda no sentido, a religião da consciencia honesta, que Tolstoianos e Armenios pregam ás almas nascidas inclinadas a sentirem a religiosa verdade do Bem!

A tarefa está acabada mas mal cumprida, porque ao chá das cinco horas ainda eu ia ahi pelas alturas de Lião. E trabalho a esta hora adeantada da noite, emquanto dormem o seu somno brando de creanças esses outros viajantes e mercadores que trafegaram o seu painço, a sua urze e os seus colchetes por estas mesmas terras, mas sem deixarem nellas o rasto das recordações, apesaradas ou amaveis, a que sempre se volta um pouco!...

Post-Scriptum

E agora, ao rever a ultima prova destas paginas de recordações, em que vivi os mêses de inverno — ao fechar este livro — penso: que é o que fica, afinal, do redopio das viagens? Os praticos tiram della uma clara noção da vida, no que é trabalho e ganho, como não tinham antes de ver mundo; as almas livres criam mais amôr á liberdade, porque a viagem liberta; aos de mente pregueada de prejuizos de toda a especie, a viagem areja e ensina como passear pela Historia; mas para os espiritos depressa saciaveis, e que tudo viram, fica o tedio que se segue á imprudencia de realizar!... Felizmente, porem, os olhos destes viajantes andam tão vagos, e pousam, sem se apegar, a tanta coisa (que bem considerada daria para demo-

rado gôso!) que do muito que vêem pouco lhes fica, como pouco se retem do muito que se estuda. E esta lacuna é fermento bastante para novas ancias; e dá o prazer esquisito de se amar o que se não viu pelo que se viu!...

De um país inteiro, fica uma cidade, fica uma aldeia; dessa aldeia, certa esquina de rua, certa igreja; da igreja, um canto de altar; de um quadro, uma figura, uma expressão, um gesto, e do gesto, ás vezes, somente a alma de uma linha, a sugestão de uma côr!

Afinal, repito a pergunta: que é o que fica do torvelinho das viagens? Não atino com resposta que não seja esta: fica o que fica dessa outra viagem através da mocidade: saudade! Saudade que terá tambem a sua tarde poente, porque, com o decorrer do tempo que tudo desbota, um dia ha de vir em que ella verá apagarem-se de todo as imagens, já de si tão dispersas, já de si tão afastadas, daquillo que foi brilho e de que se enamorara! E, então, no crepusculo derradeiro desse frio entardecer, sentirá a saudade das suas saudades!...

Indice

Gôsto de recordar 7
Na «City» 15
Três cemiterios italianos 25
Uma casa minhota 32
Na Franconia 46
Nas aguas de Capri 60
O Bom-Jesus-do-Monte 70
Entre Southampton e Vigo 81
Uma aldeia espiritual (Assis) 89
Lisboa 100
O mosteiro do Canigou 117
O Minho pesarôso 125
O Valle do Tet no Rossilhão 135
Unhaes da Serra 146
Davos-Platz 155
Uma tarde em Biarritz 163
Nos Avants 173
Um amigo da sua terra 183
Paginas de um «Bloc-notes» :
I — De Salamanca a Lião 196
II — Passando por Washington 229
Post-Scriptum 255

ERRATAS

Onde se lê, a paginas 44, «punha a terreiro a quinta de Soitêlo» leia-se: «puxa a terreiro a quinta de Soitêlo; e, a paginas 59, onde está «desci de Augsburgo» devia estar: «desci a Augsburgo».

Ha ainda outros erros, mas de facil emenda

16152335